



Universidade
de **Formação Aberta**
à Pessoa Idosa
UFRPE

EDUCAÇÃO E VELHICES

RELATOS DE EXPERIÊNCIA DA EQUIPE TÉCNICA DO CURSO ESPECIAL
DE ENSINO E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO, SAÚDE E CIDADANIA NA VELHICE

ORGANIZAÇÃO

NAYANA PINHEIRO TAVARES • ELISÂNGELA GONÇALVES GUSMÃO

EVERTON WILLIAN DE OLIVEIRA CAVALCANTI • ROSÂNGELA CELY BRANCO LINDOSO



Secretaria de
Direitos Humanos
e Juventuda do Recife





Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Maria José de Sena

Reitora

Maria do Socorro de Lima Oliveira

Vice-reitora

Renata Valéria Regis de Sousa Gomes

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Cidadania

Rinaldo Aparecido Mota

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Danielli Matias de Macedo Dantas

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Rodrigo Gayger Amaro

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Tália de Azevedo Souto Santos

Pró-Reitora de Gestão Estudantil e Inclusão

Thieres George Freire da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa

Renata Andrade de Lima e Souza

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Elisabeth da Silva Araujo

Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFRPE



Editora Universitária da UFRPE

Antão Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti

Diretor da Editora da UFRPE

José Abmael de Araújo

Coordenador Administrativo

Josuel Pereira de Souza

Chefe de Produção

Marco Aurélio Cabral Pereira

Editoração Eletrônica

Secretaria de Direitos Humanos e Juventude

Marco Aurélio Filho

Secretário.

Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (COMDIR)

Financiador do Projeto.

Organização

Nayana Pinheiro Tavares, Elisângela Gonçalves Gusmão, Everton Willian de Oliveira Cavalcanti, Rosângela Cely Branco Lindoso.

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Bruno de Souza Leão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE

Biblioteca Central, Recife - PE, Brasil

Bibliotecária(o): Maria A. G. da Cunha CRB4- 1134

E24 Educação e velhices : relatos de experiência da equipe técnica do curso especial de ensino e extensão em educação, saúde e cidadania na velhice / Nayana Pinheiro Tavares ... (et al.) (org.). - Recife : EDUFRPE, 2025.
229 p. : il.

Inclui referências

1. Educação. 2. Saúde. 3. Cidadania. 4. Velhice. 5. Cognição em idoso. I. Tavares, Nayana Pinheiro, org.

CDD 370

ISBN DIGITAL: 978-85-7946-534-5

SUMÁRIO

Prefácio -----	5
Capítulo 1: A educação e sociedade para uma vida de aprendizagens múltiplas e contínuas ----	8
Capítulo 2: Famílias, intencionalidades e atualidades -----	17
Capítulo 3: Entre leituras, falas e escritas: um sarau de conhecimentos e de afetos -----	44
Capítulo 4: Gastronomia e nutrição como ferramentas para estimulação do planejamento alimentar no cotidiano da pessoa idosa -----	58
Capítulo 5: Tecnologias digitais na velhice -----	70
Capítulo 6: Desbravando novos caminhos: a experiência docente na disciplina “Seminário de Construção do Memorial” -----	82
Capítulo 7: Economia, geração de renda e consumo consciente: relato de experiências e análises em turmas do programa Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa – UFRPE -----	97

Capítulo 8. Agroecologia, meio ambiente e sustentabilidade – formação para uma velhice corresponsável -----	120
Capítulo 9. Diálogos sobre a envelhecimento e a construção de projetos de vida: -----	144
Capítulo 10. Cultivo e manejo de horta para promoção da qualidade de vida dos idosos -----	153
Capítulo 11. Formação continuada à pessoa idosa em primeiros socorros e na prevenção, cuidado e fatores de risco de queda na velhice -----	166
Capítulo 12. Religião, razão e emoção: “como é que uma mãe se veste daquela maneira e leva sua filhinha para um terreiro?” -----	178
Capítulo 13. Projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa: desafios e lições -----	196
Capítulo 14. Educação e conexão: benefícios do Projeto Universidade de Formação Aberta na qualidade de vida de pessoas 60+ -----	206
Autores -----	219

PREFÁCIO

CORA CACILDA DE MENEZES MEDEIROS

Servidora Prefeitura do Recife

A ideia do projeto “Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa” foi apresentada ao Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa – COMDIR, em sua Assembleia Mensal Ordinária, ocorrida em abril de 2022.

A apresentação foi formulada pela professora Nayana Pinheiro Tavares, coordenadora do Núcleo de Envelhecimento, Velhice e Idosos – NEVI da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. De imediato, a proposta de um curso de extensão para a pessoa idosa, oferecido pela academia, foi recebida com entusiasmo pela COMDIR, que possui o papel democrático e constitucional de fiscalização e acompanhamento da política municipal de inclusão, promoção e defesa dos direitos da pessoa idosa.

No entanto, o projeto ainda necessitava do apoio financeiro do Fundo Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa do Recife – FMDPIR, precisava ser aprovada a parceria de execução entre a UFRPE e o COMDIR/FMDPIR. A Assembleia levantou pontos importantes, que já faziam parte das premissas do escopo do projeto, como: as inscrições serem permitidas apenas para residentes na Cidade do Recife; a metodologia utilizada conseguisse abranger o público escolarizado e o não escolarizado, sinalizando a importância da inclusão e da partilha. Ficou claro para a plenária que se tratava de um projeto estruturador e um marco para a política da pessoa idosa.

O Projeto “Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa”, com o curso de extensão “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice”, uma produção da academia e do poder público municipal, através da Gerência

da Pessoa Idosa, com parte dos recursos necessários para sua execução garantidos pelo Fundo Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa, estava aprovado, em decisão unânime, ao final da plenária.

A partir de então, o processo foi vencer as etapas de formalização de ambos os lados – Prefeitura do Recife e UFRPE; concluir as matrículas – muito mais rapidamente do que esperávamos e, em seguida, realizar a aula inaugural, dando assim início ao Projeto, com as duas turmas (manhã e tarde) do Curso “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice”.

A cada dia de aula, a cada módulo, tornava-se claro o interesse dos estudantes por informação e conhecimento, sinônimos de fontes formativas do ser humano, independentes da idade. Tendo como primeiros resultados relatados pelos estudantes, é que eles passaram a conhecer os seus direitos e a forma de como exercê-los. Também o reconhecimento de que a estimulação do intelecto permite uma vida mais ativa e alerta, repleta de questionamentos, daí a importância de espaços seguros de partilha, onde a população 60+ se sinta motivada a sair de casa, ampliando seu horizonte social e intelectual, contribuindo também para a prevenção das diversas formas de violência contra a pessoa idosa, que infelizmente acomete inúmeros idosos e idosas, independentemente de raça, cor, sexo ou classe social.

Desta forma, compreendemos que melhores níveis de educação levam à adoção de menos comportamentos de risco, traduzindo-se em menores gastos com saúde e de dependência. O Projeto “Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa”, que conclui suas duas primeiras turmas, com o curso de extensão “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice”, sem sombra de dúvida, nesses 18 meses, promoveu uma maior visibilidade a uma parcela significativa da população recifense, quebrando conceitos, preconceitos e estereótipos, promovendo o reconhecimento dessas pessoas como cidadãos e cidadãs de direitos. Vida longa a esse projeto transformador de vidas!

APRESENTAÇÃO

NAYANA PINHEIRO TAVARES, ELISÂNGELA GONÇALVES GUSMÃO, EVERTON
WILLIAN DE OLIVEIRA CAVALCANTI, ROSÂNGELA CELY BRANCO LINDOSO

Organizadores

Caro leitor

É com grande alegria que apresentamos este e-book. Tal produção revela as experiências docentes de vários professores que puderam contribuir em diversas áreas do conhecimento para a materialização da primeira turma do projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa, por meio do Curso Especial de Extensão “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice”.

Os relatos aqui trazidos carregam em si as mais diversas experiências docentes e também discentes, tendo em vista a dialogicidade de todo o processo formativo. Expressam saberes científicos, acadêmicos e, sobretudo, de vidas. Experiências que ultrapassam os muros da academia, o egocentrismo e se debruçam na pluralidade de ser de cada SER envolvido.

Para além das questões já citadas, vale destacar que, para todas as pessoas envolvidas, o crescimento pessoal foi o grande resultado desse lindo e relevante projeto de formação acadêmica e humana. Isso posto, desejamos a você, caro leitor, momentos de muita reflexão e transformação a cada capítulo acessado.

CAPÍTULO 1:

A EDUCAÇÃO E SOCIEDADE PARA UMA VIDA DE APRENDIZAGENS MÚLTIPLAS E CONTÍNUAS

ROSÂNGELA CELY BRANCO LINDOSO*

Docente da disciplina: Educação e Sociedade para uma Vida de Aprendizagens Múltiplas e Contínuas

INTRODUÇÃO

A organização da disciplina foi um desafio. Precisaria deixar claro que a aprendizagem gera desenvolvimento psíquico e que é um processo da vida inteira. Embora de modo geral se acredite que esse processo é inerente apenas às crianças e adolescentes, a partir do entendimento de que cada pessoa idosa viria com uma construção em seu processo de aprendizagem para ser ampliado, promovendo o desenvolvimento.

A disciplina Educação e sociedade para uma vida de aprendizagens múltiplas e contínuas teve como objetivo compreender a aprendizagem como um processo que ocorre durante a vida inteira. Este aprendizado proporciona às pessoas idosas um desenvolvimento de suas funções psíquicas, considerando que aprender é um direito garantido pela Constituição de 1988 no seu artigo 208, direito à educação, que se estende a todas as idades.

A educação é um processo de humanização, segundo Saviani (2007), o ser humano não nasce humano, ele se humaniza através dos processos educativos. A humanização está relacionada ao entendimento histórico, social e cultural no qual o ser está inserido. Desta forma, determinados aspectos

* Acesse o mini currículo da autora no tópico autores na página descrita no índice deste E-book.

deste momento histórico influenciaram diretamente o desenvolvimento do homem contemporâneo. Neste sentido, o desenvolvimento humano se processa (Facci, 2004) em aspectos biológicos, intelectuais, morais e tecnológicos como elementos de formação múltipla. O público-alvo, como já dito, foram pessoas na faixa etária a partir dos 60 anos ou mais. As pessoas nesta idade são classificadas pela Organização Mundial de Saúde como idosos.

O desafio foi tratar a aprendizagem no envelhecimento, num grupo de diferentes níveis sócio-culturais, porém, tendo como base que todos sabem algo sobre os objetos e fenômenos sociais e culturais e, deste ponto de vista, aprofundar o conhecimento trazendo a ciência, não como única forma de conhecimento, mas como busca da verdade que se apoia em um método específico.

A Universidade de Formação Aberta cumpre uma função social muito importante na universidade, ao evidenciar o número crescente de idosos, mudando a pirâmide etária da população brasileira. Essa população precisa de ações voltadas a esse período da vida. Outro fator importante foi possibilitar o acesso à universidade, principalmente àqueles que não tiveram essa oportunidade até então.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O conteúdo formal apresentado buscou relacionar as etapas do ato de aprender, trazendo a teoria da aprendizagem formulada por Vygotsky. Para este autor, a aprendizagem gera o desenvolvimento.

A maneira de tratar a aprendizagem pode ser na educação formal em uma instituição, em escolas ou cursos universitários, e não formal, em cursos de extensão, como foi o caso da Universidade de Formação Aberta da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A experiência escolar na educação básica fez parte da vida de todos, porém o acesso à universidade foi motivo de contentamento tanto para os idosos participantes quanto para sua família, segundo relatos deles.

Assim, aproveitamos, por meio de cada experiência concreta, para tratar a função social da escola, a desigualdade social e o mito da meri-

tocracia, incentivando a visão crítica da realidade, buscando, por meio de argumentos científicos sólidos, elucidar a verdade, embora esta seja uma busca constante. Outro aspecto apresentado foi a complexidade da realidade, neste sentido precisamos da ciência para sair da aparência e chegar à essência dos fenômenos.

No processo, abordamos a memória, estimulando esta capacidade por meio de atividades lúdicas e jogos, a partir da questão: quais os sentidos de aprender ao longo da vida? Refere-se à condição de se desenvolver integralmente num processo contínuo de aprendizagem.

Compreender a aprendizagem como uma busca da verdade, diferenciando o que consiste em opinião e o que é conhecimento, diferenciando o senso comum e o conhecimento científico. Nas formas de conhecer o mundo, o entendimento das formas de conhecer o mundo, temos o conhecimento teológico, conhecimento empírico, conhecimento filosófico.

Segundo Kosik (2011), é necessário superar a aparência dos fenômenos do conhecimento, no sentido da sua essência, captar o fenômeno e sua regularidade, sabendo que nela não se esgota. A aparência é o modo imediato de como a realidade é percebida, porém, ela tanto revela quanto oculta os objetos do conhecimento. O concreto só pode ser apreendido pelo pensamento como resultado de um processo de análise que supere a dimensão singular do fenômeno. O concreto é o ponto de chegada, como também o ponto de partida. De acordo com esse entendimento, Marx (2004) aponta que o concreto é como o cérebro se apropria do conhecimento.

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, ou seja, unidade na diversidade (...) A Totalidade, tal como aparece na mente como um todo pensado, é um produto do cérebro pensante (...) o sujeito real subsiste, depois como antes, em sua autonomia fora da mente pelo menos enquanto esta continuar agindo apenas especulativamente, teoricamente (Marx, 2004, p.117.)

Superar a aparência do fenômeno implica revelar as relações dinâmico-causais a ele subjacentes, captando as múltiplas mediações que o determinam e constituem. Isso auxilia no pensamento crítico. A reflexão realizada na disciplina parte da aparência, senso comum, para alcançar a estrutura íntima e dinâmica dos objetos do conhecimento. Extraindo desses objetos suas categorias, propriedades constitutivas, regularidades e leis, oriundas desse movimento, por acreditar que a lei que explica o singular, explica todo um conjunto do fenômeno, em direção à essência. Nesse sentido, há a elevação do nível psíquico dos idosos.

Tratamos o conhecimento filosófico como forma de conhecimento que pretende debater problemas ou especular sobre problemas que ainda não estão abertos aos métodos científicos: o bem, o mal, o belo e o feio, a ordem e a liberdade, a vida e a morte. Nos procedimentos metodológicos, utilizamos o método da prática social, partindo do conhecimento existente, por acreditar que todos sabem algo sobre os conhecimentos apresentados, problematizando e trazendo o conhecimento sistematizado para ampliação do mesmo. Neste ponto, ocorre a catarse e o conhecimento volta à prática social modificada.

O conhecimento científico abrange cinco áreas: lógica, que estuda o método ideal de pensar e investigar; metafísica, que estuda a natureza do Ser (ontologia), da mente (psicologia e filosofia) e das relações entre a mente e o ser no processo do conhecimento (epistemologia); política, que estuda a organização social do homem; estética, que estuda a beleza e que pode ser chamada de filosofia da Arte.

Outros temas foram tratados, problematizados através das questões como: o que é o Estado? Qual é a função do Estado? E a concepção de esquerda e direita pode ser percebida por meio das políticas públicas, as políticas sociais são políticas de esquerda, pensam nas demandas sociais. Já as políticas que buscam investir nas empresas, cortes, privatização são de direita, entre as políticas de esquerda está a de proteção às pessoas idosas, neste caso, o estatuto da pessoa idosa (Lindoso, 2017).

Após pensarmos nesses pontos, observamos os juros da dívida pública, que retira o capital que poderia servir às políticas sociais e possibi-

litar a distribuição de renda, diminuindo as desigualdades e construindo um país mais justo. Em vez disso, os juros possibilitam a concentração de renda. Isso se agrava com a financeirização da economia.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

A aquisição de novos saberes ajuda os seres humanos a superar dificuldades, enfrentar situações adversas, promover a formação integral no entendimento de si e dos outros e do mundo.

O conhecimento do mundo inicia-se através da observação das regularidades, o que se repete, porém, as conclusões a partir dessas observações nem sempre correspondiam à verdade, mas como saber a verdade? O conhecimento tem várias formas de se manifestar: opiniões, conhecimentos que partem da prática, e o conhecimento científico é colocado à prova, é racionalmente válido e justificável e pode ser replicado por meio de estudos, observações e experimentações. O conhecimento científico está relacionado à lógica e ao pensamento crítico e analítico (Chauí, 1995).

Para organizar determinado conhecimento, precisei de ferramentas teóricas, compreender como se ensina, uma teoria de como ensinar, compreender também aquele que aprende e como aprende, uma teoria psicológica, como também, uma metodologia para ensinar, alinhando assim a pedagogia como ciência, no nosso caso a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC); a Psicologia Histórico-Cultural, e os procedimentos metodológicos, foi utilizado o método da prática social.

Segundo Saviani (2007, p. 420), a finalidade do ensino “é o de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Ou seja, possibilitar o acesso dos indivíduos aos conhecimentos sistematizados pela humanidade ao longo da história e da cultura letrada. Consiste em uma teoria pedagógica que parte do empírico para chegar ao concreto pela mediação do abstrato. Parte da síntese, conhecimento difuso, e pela análise chega-se à síntese, conhecimento organizado.

O ser humano passa a não ficar preso apenas à sua atividade imediata e a leis biológicas, passando a ser determinado por leis históricas, culturais, processo de humanização possibilitado pelo conhecimento sistematizado, ou seja, a educação (Saviani, 2007). Para compreender aquele que aprende, precisamos utilizar como ferramenta uma teoria psicológica (Luria, 1979; Leontiev, 2004; Vygotsky, 2000).

Neste caso, utilizamos a Psicologia Histórico-Cultural, segundo Facci (2004), que se orienta pela atividade concreta, o movimento da vida, necessidades e interesses, recursos materiais e culturais oferecidos à pessoa idosa. À medida que se apropria dos recursos oferecidos, ela se desenvolve.

No Brasil, há uma tendência naturalista, biológica, no entendimento da velhice, entretanto tais fatores são limitantes. A Psicologia Histórico-Cultural entende que, para além das perspectivas sociais, culturais, psicológicas e biológicas, precisamos da perspectiva histórica, porque a velhice nem sempre existiu da maneira como existe na atualidade. A Psicologia Histórico-Cultural propõe que o entendimento da vida humana passa por ciclos que são sínteses dos fatores biológicos, psicológicos e sociais, relações sociais que, para os idosos, são permeadas pelo modo de produção da vida de cada época.

O aspecto essencial para analisar o desenvolvimento psíquico na velhice é que as mediações são tratadas, por meio da atividade dominante, possibilitando o desenvolvimento. Nesta fase da vida, a atividade dominante ou guia consiste no trabalho, ou seja, como os sujeitos organizam suas vidas. A velhice é o período da vida em que o idoso é apartado do trabalho, vinculando esta fase à aposentadoria, saída dos filhos de casa. O afastamento do trabalho apresenta nova perspectiva para compreensão do fenômeno da velhice. Aprender é uma forma de tornar os idosos mais ativos, oferecendo a oportunidade de volta ou retomada dos estudos. (Coll e Palacios, 2004).

O trabalho foi como a vida da pessoa idosa se organizou, sua rotina, sua ocupação profissional, criatividade, laços afetivos. Nesta fase, a atividade laboral é rompida (Leão, 2000; Alvarenga et al., 2009), isso possui um aspecto negativo, marcando a saída do mercado, embora muito esperada.

A ideia da aposentadoria se relaciona ao período da vida economicamente improdutivo, isso pode causar a falta de sentido. Investir em outras atividades na velhice pode trazer novos objetivos para a vida.

Utilizamos o trabalho como mediador nas atividades propostas visando a aprendizagem, criando necessidades, estimulando o interesse de cada um e promovendo a aprendizagem e, com ela, o desenvolvimento.

As formas de conhecimento abrangem o conhecimento religioso ou teológico, este tipo de conhecimento se fundamenta em dogmas, verdades inquestionáveis orientadas pela fé. Outra forma de conhecimento tratada foi o conhecimento empírico, ou senso comum, este tipo de conhecimento é obtido pela experiência prática vinda da relação do ser humano com a realidade que o rodeia, e por fim tratamos o conhecimento filosófico, com base neste conhecimento são construídas ideias, que procuram elucidar racionalmente várias questões que versam sobre o mundo e a vida humana. (Chauí, 1995).

Tomamos como foco o conhecimento filosófico e partimos da pergunta: como se aprende? Abordamos a teoria da aprendizagem de Vygotsky (2000), que defende que o aprendizado se dá pela interação social, que o desenvolvimento da interação com outros indivíduos e com o meio.

O conhecimento foi transmitido pela mediação do professor, a transmissão ou ensino ocorreu por meio da educação não formal, tipo de educação que corresponde às iniciativas organizadas de aprendizagem que acontecem em cursos de extensão.

Os sentidos do aprendizado ao longo da vida tiveram como meta a aquisição de saberes, que possibilitem o entendimento de como enfrentar situações adversas, possibilitam a convivência, a capacidade de entender o outro e promovem o desenvolvimento integral do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES

A experiência foi bastante positiva, os idosos foram muito receptivos ao que foi apresentado. Nas atividades propostas, tive experiências de outra natureza com idosos, mas esta experiência foi enriquecedora. Aprender na

velhice ajuda a manter o cérebro ativo, preserva a lucidez, previne doenças como Alzheimer, melhora a autoestima, diminui as chances de desenvolver problemas relacionados à depressão e ansiedade, combate o sentimento de solidão, seja pela viuvez ou pela saída dos filhos de casa.

Durante as aulas, a turma sugere que os cursos universitários relacionados à área de humanas e à área biológica tenham disciplinas que estudam o envelhecimento. Na avaliação da disciplina, foi dito que a disciplina permitiu um olhar mais crítico para alguns fenômenos estudados. Encontrei pouca literatura sobre a periodização no envelhecimento, esta fase fica negligenciada, mesmo os autores que tratam a aprendizagem, indicando ser um processo para a vida inteira, essa fase da vida não é tratada.

Recomendo conhecer melhor as formas de mediação e desenvolvimento, particularmente na velhice. Reconhecendo as necessidades e interesses desses sujeitos, podemos ofertar recursos materiais e culturais que possibilitem o desenvolvimento a partir da elevação do nível psíquico, construindo uma vida mais plena, sobretudo numa sociedade que envelhece.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. N.; BITTENCOURT, B. WANDERLEY, K. S.

Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso.

Revista Escola de Enfermagem da USP, São Paulo: USP, v. 43, n. 4, p.796-802, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia,** São Paulo: Ática, 1995.

COLL, Cesar; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org).

Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. 1 v.

FACCI, M.G.D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos**

CEDES, Campinas: CEDES, v. 62, n. 24, p.64 – 8, 2004.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LEÃO, M.A.B.G. **A aposentadoria como perspectiva de individualização em mulheres trabalhadoras de meia-idade**. 2000. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Campinas, Campinas, 2000.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004. p. 277-303.

LINDOSO, Rosângela Cely Branco. **Efeitos da política educacional de Pernambuco no trabalho docente: as contradições advindas de processos de regulação e responsabilização**. 270 f. 30 cm. Orientadora: Ana Lúcia Felix dos Santos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2017.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia geral: introdução evolucionista à psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1979. v.1

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo, Boitempo 2004.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, Autores Associados. 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Construção do pensamento e linguagem: as raízes genéticas do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FAMÍLIAS, INTENCIONALIDADES E ATUALIDADES

RAQUEL UCHÔA*

Docente da disciplina: Família, intencionalidades e atualidades

INTRODUÇÃO

Logo de início, antes de tudo, gostaria de deixar aqui o registro de que foi uma maravilha partilhar o tempo deste curso com cada um e cada uma de vocês. Aprendi muito e busquei partilhar o que eu sabia. Passei a ter vontade de saber muito mais. Sigo fortalecida!

Que venham outros encontros, outras partilhas, outros risos, outros abraços. As reflexões sobre famílias, intencionalidade e atualidades não findam nunca, a vida segue o curso, se reinventa, encontra nas brechas formas de existir. Cursos alternativos no rio caudaloso da vida. Afinal de contas, como vimos: ser diferente é “normal”.

O que não é “normal” é, em nome de uma suposta forma única de existir, deixar muitas outras pelo caminho. Como dialogamos, perceber as famílias a partir do cotidiano, da intencionalidade de estabelecer vínculos, cuidado e afeto é algo importante, é necessário, porque gente, assim como nos ensinou Caetano Veloso, nasceu “para brilhar”, para ser cuidado, ter afeto, ter sua vida reconhecida como importante. E é isso que deve caracterizar a atualidade sobre este tema.

* Acesse o mini currículo da autora no tópico autores na página descrita no índice deste E-book.

Para além da “Família Doriana”, existem muitas outras formas de ser e viver em família, formas importantes, que devem ser consideradas, porque são reais e, é com elas que o indivíduo pode contar para a sua proteção, e, são estas famílias reais (algumas vezes bem diferentes das idealizadas) que o Estado irá acionar para viabilizar acesso aos direitos e à proteção social.



Fonte: Material de apoio utilizado em sala de aula

Como lugar de interação corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir. (Koch, 2018,p.15).

Dito isto, é importante destacar que durante todo o tempo fomos puxando o nosso fio da meada a partir da perspectiva de que a família é melhor compreendida como filme do que como uma foto. Isto porque não existe uma história única, apesar de nos terem feito acreditar que isso era algo possível, jogando para a atualidade a responsabilidade de ter feito a família mudar.

Escutamos muitas vezes, mas “antigamente não era assim”, “as famílias estão sendo atacadas hoje”, “é muita novidade hoje em dia”. Nos nossos encontros, vimos que a diversidade sempre existiu e que foi, em alguma medida, apagada na história. Neste sentido, o que temos hoje de novo é o reconhecimento de que o que existe no presente, ainda que existisse em outros tempos da história, não era tratado como família.

Em síntese, o que temos de novo hoje é o ato político de dar nome, de buscar compreender a existência, a partir de relações concretas e intencionais. Podemos pegar como um exemplo a trajetória da nossa querida Carolina de Jesus, que teve sua existência fundada a partir do trabalho duro, nas dimensões do cuidado a partir da maternidade e da escrita. Antes, Carolina seria chamada de “mãe solteira”, hoje compreendemos e politizamos a sua existência como mãe, mulher, trabalhadora, a partir da compreensão da maternidade solo. Até mesmo porque, como vimos, maternidade não é estado civil.



A escritora na favela do Canindé, em São Paulo, antes da publicação de seu primeiro livro, ‘Quarto de despejo’. (Foto: Adálio Dantas/O Cruzeiro/EM/D.A Press)

Digo isto porque talvez tenha sido este o principal investimento nosso no curso, chamar atenção para que a vida sempre foi diversa, que as famílias são plurais e vivem a partir das contradições, por vezes é lugar de amor, de afeto e de proteção, às vezes é lugar de sofrimento, de violência e violação. Outras vezes, é um pouco de tudo isto, porque família envolve uma rede de relações. Não se resume a quem está na casa, se espalha pelos diferentes espaços e por nossa história.

Enfim, falamos de muitas coisas ao longo dos nossos encontros, usamos conceitos e expressões já conhecidos, estabelecidos, e aprendemos outras, como “pé quebrado” (que está no campo do que chamamos hoje de relações poliafetivas).

Resumindo, neste início de conversa, ao longo de nossa caminhada, formamos um grupo potente em sua capacidade de dizer, questionar e intervir, tendo muito vivido no tempo que partilhamos. E, honrando nosso processo, neste material vou tentar organizar um pouco as ideias, as reflexões que fizemos ao longo do tempo em sala de aula. Não é um material que dê conta de trazer todas as reflexões neste campo, principalmente para aplacar o desejo e curiosidade de quem está fora, mas dialoga diretamente com a nossa vivência “dentro” do curso, com o que falamos nas nossas manhãs e tardes juntos e juntas.

Certamente não teremos tudo, porque o olho no olho, o burburinho, a escuta, os incômodos, tudo isso é muito importante. Mas, como estivemos lá, é com essa experiência vivenciada que vamos ler o que temos aqui.

Procurando um lugar de onde partir.



Sintetizar o conteúdo de um curso em um texto é um grande desafio, isto porque a nossa trajetória foi partilhada a partir de muitas interações, encontros, abraços, risos e estranhamentos. Teve muito segredo contado, muita conversa de pé de ouvido, muitas mãos levantadas, gritos e sussurros. Como já dito, é esse processo compartilhado por cada um e cada uma de nós que faz o conteúdo deste curso ter sentido.

Em outras palavras, o que quero dizer é que, no final das contas, as coisas passam a ter sentido para nós quando elas, em alguma medida, criam morada dentro de nós,

seja pelo incômodo

(“será que isso é assim? Eu discordo que seja assim, mas por que estão falando que pode ser de outro jeito?”),

seja pela identificação

(“poxa, eu também penso desse jeito”).

Os processos de educação, e este material diz respeito a um desses processos, são permeados por sucessivas e cotidianas relações estabelecidas no tempo e espaço, entre quem produz o conteúdo (com sua própria trajetória, formação e experiência) e quem integra de forma ativa e propositiva o processo de formação e dá vida à educação. Durante o tempo em que estivemos juntos e juntas, falamos sobre muitas coisas, desde as mais simples e de fácil assimilação (e digestão), até as mais complexas. Que remexem por dentro da gente, tensionando certezas, valores e nos colocando na incômoda missão de compreender que o nosso ponto de vista é a vista de um determinado ponto, e que tudo precisa ser interpretado a partir da cultura, das relações estabelecidas pelas pessoas em sociedade.

E, fato é, que há no mundo muitas culturas, muitas histórias, muitas relações. O mundo, as pessoas, as histórias são muito diversas. E, considerando que a família é uma experiência vivenciada, nem todas essas possibilidades passaram por nós, ou foram conhecidas e vivenciadas a partir da nossa experiência.

Se observarmos as famílias do nosso bairro, da nossa cidade, do nosso país, vamos encontrar alguma bem parecida com o nosso modelo familiar?

Provavelmente, sim.

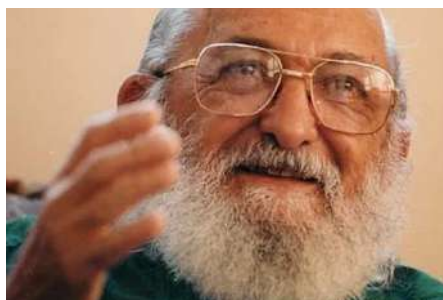
Mas todas as famílias do nosso bairro, da nossa cidade, do nosso país são iguais a este modelo?

Com certeza, não. Por quê?

Neste sentido, eu tenho certeza de que este nosso processo foi de acolhimento, mas também de muito desassossego. Acolhimento é quando a gente encontra um quentinho na alma. Percebendo aquilo que a gente achava. Aquilo que a gente sente existe também fora da gente. Que tem mais gente falando sobre aquilo que a gente gostaria de falar. E o desassossego? Ah, o desassossego é quando a gente tem que olhar para dentro e perceber que o que a gente tomava como certo e único não corresponde na realidade ao nosso ponto de vista, algo que existe e é solidificado a partir da nossa experiência.

Paulo Freire, grande educador, conterrâneo de muitos de nós, já afirmava isso. Educação é para transformar as pessoas, fazer a gente se refazer nos encontros, nos aprendizados.

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Paulo Freire, Educação como prática da liberdade)



No processo educativo, o tempo da formação abre espaço para estabelecer relações que extrapolam, algumas vezes, o recorte do curso. Neste curso, foi apontada a necessidade de pensar as famílias a partir da história compartilhada, mas também a partir da intencionalidade de se viver uma relação.

Foi sobre isto que falamos ao nos referirmos às mudanças no campo do direito das famílias. Há atualização? Sim, há. Mas, estas atualizações dizem mais respeito ao processo de incorporar no campo da justiça o que já existia na experiência das pessoas, do que de criar e/ou acolher relações inéditas.

Vamos nos deter um pouco sobre isto. De acordo com José Flávio Bueno Fischer (2017), em artigo publicado no Blog do Conselho Notarial do Brasil, que reúne profissionais do direito que atuam com processos jurídicos relacionados à atividade cartorial e propriedade.

Neste sentido, como o presente texto materializa um percurso de reflexões partilhadas realizadas antes, durante e após o processo de encontro/diálogo na Universidade Aberta da Maturidade, lembro a vocês de onde partimos, da compreensão sobre o que seria família para cada um e cada uma de vocês. Só após refletirmos sobre isso (sobre quem mora com a gente, sobre quem faz parte da família da gente), que fomos “alargando” nosso debate, partindo para outros olhares e reflexões, que de certo modo nos conduziram para a compreensão deste novo conceito de família consagrado na Constituição Federal brasileira, de que a família deve ser compreendida e valorizada a partir do vínculo do afeto e da partilha, ao qual refletimos a partir do conceito de intencionalidade.

Não se esqueçam..

FOTOGRAFIA X FILME



Fonte: Material de apoio utilizado em sala de aula.

A partir de nossa primeira atividade, de tentar enquadrar “as famílias” de vocês na casa onde moram, vimos que isto resultaria em uma fotografia muito fora de foco. Durante a atividade, ao buscar compreender, a partir da unidade domiciliar, as famílias de cada um e cada uma, foram recorrentes as explicações e justificativas sobre o porquê do arranjo domiciliar de vocês ser atualmente de um jeito ou de outro. Justificativas diversas, tais como: separação, casamento de um/a filho/a, viuvez, etc. Movimentos da vida que ajudam a explicar a fotografia tirada de um instante.



Fonte: Gabriella Assis, site Gabi em Rose.

Ao pedirmos para fotografar a família a partir da casa, vocês sentiram necessidade de mencionar a família que está fora da casa, mas “dentro” do nosso cotidiano e campo de afetos também. A alusão que fizemos foi à Alice, em *O País das Maravilhas*, quando a menina fica dentro da casa, mas com as pernas, cabeça e braços para fora.

Dito isto, consideramos que as casas são feitas a partir de múltiplos sentidos e se caracterizam como lugares de abrigo das relações; como produtoras de pessoas, de parentes, de homens e mulheres; como lugares de cuidado e de se ganhar a vida. As casas, vistas de perto e por dentro, são lugares de muitas ambiguidades. São os espaços onde cuidado e violência, afeto e dinheiro, liberdade e aprisionamento, intimidade e vida pública se misturam e frequentemente são faces dos mesmos processos vitais. Isso tem a ver com uma questão central: a casa é um espaço de existência comum.

Neste sentido, partilhamos que as famílias são mais bem compreendidas enquanto “filme” do que enquanto fotografias. É no movimento da vida, nos encontros, separações, chegadas, partidas, alianças, rompimentos, entre outros processos, que nós compreendemos as fotografias que só revelam o instante, encerram o momento. Para a compreensão das famílias, é preciso o enredo, a história contada.

Mas afinal de contas, o que são as famílias?

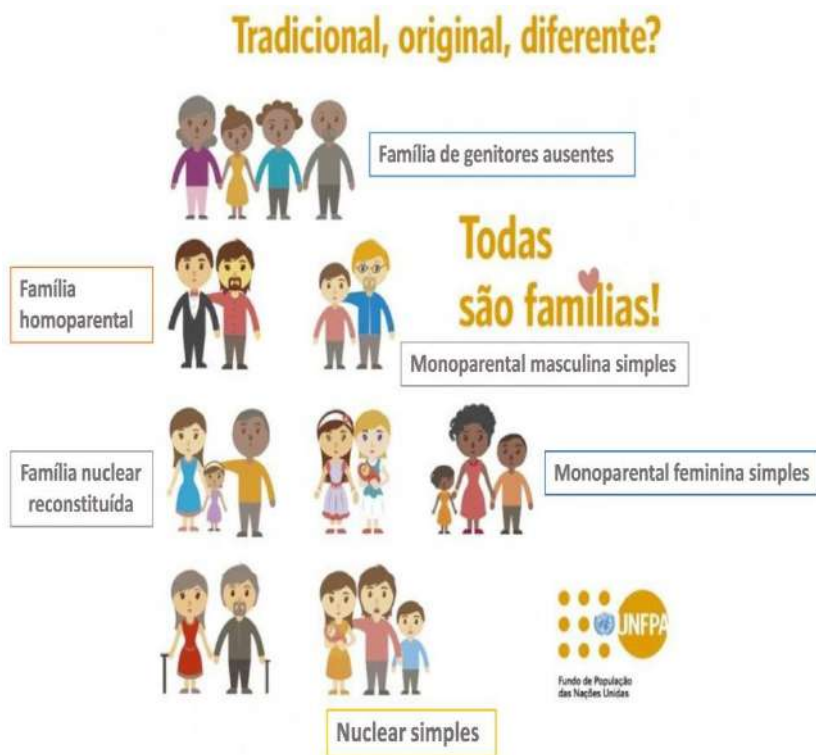


Como vimos ao longo do curso, as famílias têm sido compreendidas atualmente em uma perspectiva muito mais ampla e integrada às dinâmicas da sociedade de modo geral e do território, em particular. Hoje, quando refletimos sobre as famílias, elas sempre estão colocadas como grupo de indivíduos com trajetórias específicas, que integram e interagem com realidades determinadas, social, econômica e culturalmente.

A família (do **latim**: familia) é um agrupamento humano formado por duas ou mais pessoas com ligações **biológicas**, **ancestrais**, **legais** ou **afetivas** que, geralmente, vivem ou viveram na mesma casa. Pode ser formada por pessoas **solteiras**, casais **heterossexuais**, casais **homossexuais**, entre outras constituições presentes em diferentes contextos sociais. Constitui uma das unidades básicas da **sociedade**. A família representa um **grupo social** primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É formado por pessoas, ou um número de grupos domésticos ligados por descendência (demonstrada ou estipulada) a partir de um **ancestral** comum, **matrimônio** ou **adoção**.

Como vimos, existem vários tipos de arranjos familiares. Como forma de exemplificar isso, vamos dar uma olhada no artigo de Thiago Garcez (2023), Tipos de Família: os principais arranjos familiares e suas características.

Existem vários tipos de famílias, cada uma com suas características e particularidades. Abaixo, apresentamos alguns dos principais tipos de família:



Família Nuclear: É a família mais comum na sociedade ocidental moderna, composta por um casal e seus filhos biológicos ou adotados.

Família Monoparental (feminina ou masculina): É composta por apenas um dos pais e seus filhos, geralmente por

motivos como divórcio, circunstâncias diversas, abandono, viuvez ou escolha pessoal.

Família Extensa: É uma família que inclui membros além dos pais e filhos, como avós, tios, primos e outros parentes próximos.

Família Homoafetiva: É uma família formada por um casal do mesmo sexo e seus filhos, sejam biológicos e/ou adotivos.

Família Reconstituída: A família reconstituída é constituída quando um ou ambos os cônjuges têm filhos de relacionamentos anteriores, e eles se unem para formar uma nova família. Essa união pode envolver filhos biológicos, adotivos ou enteados.

Família Anaparental: É uma família formada por irmãos que se tornaram responsáveis uns pelos outros após a morte dos pais ou outra situação que os separou de seus pais biológicos.

Família de Acolhimento (ou Família Substituta): É uma família que cuida temporariamente de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, fornecendo-lhes um ambiente seguro e acolhedor.

Família Desestruturada? O termo “família desestruturada” é muitas vezes usado para descrever famílias em que há um desequilíbrio nas relações e dinâmicas familiares, levando a conflitos e desafios. No entanto, é importante ressaltar que a ideia de que existe uma “família perfeita” ou “ideal” é um mito.

Todas as famílias têm seus desafios e problemas, e muitos fatores externos podem afetar a dinâmica familiar, como problemas financeiros, mudanças de trabalho, problemas de saúde ou de relacionamento. Portanto, em vez de pensar em “famílias desestruturadas”, é

mais útil abordar as famílias como sistemas complexos em constante mudança, com diferentes níveis de funcionalidade e estabilidade. E nunca esquecer a responsabilidade do Estado em prover condições para as famílias poderem exercer suas funções.

E se a pessoa mora sozinha? Família Unipessoal: Família unipessoal é um termo usado para descrever uma unidade familiar formada por apenas uma pessoa. Geralmente, a pessoa que compõe uma família unipessoal é um adulto que vive sozinho, sem cônjuge ou filhos.

Embora a família seja tradicionalmente vista como uma unidade formada por várias pessoas, a realidade é que a composição das famílias tem mudado ao longo dos anos, e famílias unipessoais são um dos tipos de família cada vez mais comuns. Essas famílias podem ser formadas por pessoas solteiras, divorciadas ou viúvas, que optam por viver sozinhas ou não têm outras opções. E, como dissemos, tem implicações no campo do direito patrimonial considerar o domicílio unipessoal enquanto uma unidade familiar.

Esses são apenas alguns exemplos de tipos de famílias, e a diversidade de estruturas familiares é ainda maior. Cada família é única e tem sua própria história, valores e modo de vida. O importante é que as famílias ofereçam proteção, cuidado e apoio umas às outras, independentemente de sua configuração.

As legislações têm demonstrado esse movimento de reconhecimento da diversidade, quando, inúmeras vezes, fazem menção à responsabilidade coletiva na proteção, defesa



e promoção dos direitos, principalmente das crianças, adolescentes e idosos, por serem sujeitos de proteção integral por parte da família, do Estado e da sociedade.

Finalmente, a família é vista em sua imprescindível relação com o Estado e com a sociedade, porque não há como pensar em garantia dos direitos fundamentais sem pensar em condições para o seu exercício. Isto porque, como vimos, para as famílias exercerem as funções em relação à socialização, proteção e cuidado, elas precisam ter condições de fazê-lo.

Essa perspectiva ampla, fundamenta e torna mais complexa a compreensão do que seja a família, do que seja o Estado, do que seja a sociedade. Isso porque o movimento percebido, por exemplo, no Estatuto do Idoso, é de tornar explícita a dimensão da responsabilidade. Assim, nomeia as diversas instâncias do governo responsáveis, com a família e a sociedade, pela garantia da proteção integral à pessoa idosa. Esse procedimento apresenta outra perspectiva de negociação para atuar na efetivação dos direitos, porque legitima a necessária responsabilização.

As famílias devem, para além do formato, ter ampliadas as suas capacidades para gerar proteção e cuidado. Esse aspecto deve-se às situações de risco social e vulnerabilidades que ultrapassam o(a) idoso(a) em particular e envolvem sua família, as gerações passadas e sua comunidade. É preciso perceber que, ainda que o risco social, num primeiro momento, possa ser explicado por razões recentes, como uma situação de desemprego, de falta de recursos para arcar com um aluguel, adoecimento, entre outros, o risco é um processo invariavelmente com raízes profundas geradas por contextos sociais, históricos e culturalmente configurados. Esse risco necessita de um Estado e de uma sociedade que arquem com sua responsabilidade para que a família possa cumprir a dela.

Felizmente, começa a ficar para trás o discurso genérico da “célula mater” da sociedade, para assumir espaço a compreensão das famílias em sua diversidade e singularidade. Compreendida enquanto grupo social, com diferentes formas de organização. O que já não era sem tempo.

Considerações

A **família** tem uma enorme **capacidade de adaptação e de mudança** ao longo da história.

Estas mudanças estão ligadas aos **contextos históricos, sociais, econômicos e culturais**.

É uma estrutura singular e complexa – **cada família é única**, ao mesmo tempo que possui diversas formas e dinâmicas que podem gerar a **falsa impressão de que as famílias estão desestruturadas**, em crise ou até ameaçadas de desaparecer, quando na verdade **existem muitos modelos de família** que convivem no mesmo espaço social e ao mesmo tempo.



Isto porque uma perspectiva única sobre organização familiar deixa várias famílias reais pelo caminho, sendo, portanto, urgentemente necessário abandonar a ideia de que Família = a Família e compreender o que as normativas legais do nosso país já incorporaram, a compreensão sobre as famílias a partir de suas características fundamentais, e não a partir de um checklist, que deveria ser verificado para saber se aquele grupo (real) merece ou não a definição de família, com base nos laços de consanguinidade, de aliança, de afinidade, de afetividade ou de solidariedade.

Nesse sentido, mais do que a forma, ganha destaque a importância dos vínculos (intencionalidades) e as diferentes dinâmicas e obrigações formadas em relação à cultura, às questões de gênero, geração, raça/etnia

e espacialidade. Fica, então, no conjunto dos documentos e normativas referentes para as famílias, o que é de fato o mais importante: arranjos familiares diversos devem ser respeitados e reconhecidos como potencialmente capazes de realizar as funções de proteção e de socialização de seus membros.

Isso é algo que precisa ser discutido e que vem sendo incorporado aos documentos jurídicos e políticos, que deixam de compreender as famílias enquanto unidades genéricas e passam a percebê-las como grupo social.

[...] composto de indivíduos diferenciados por sexo e por idade, que se relacionam cotidianamente gerando uma complexa e dinâmica trama de emoções [...] conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade” (Bruschini , 1993, p. 73).

Sendo assim, na equação entre família e sociedade, os novos olhares estão colocados no sentido de que, independentemente do formato, esta família, que já se caracteriza na legislação como grupo social, capaz de realizar as funções de proteção e de socialização, “é a mediadora das relações entre os sujeitos e a coletividade e geradora de modalidades comunitárias de vida”. Por isso, é nas equações: família – trajetória, família – indivíduo, família – comunidade que o cotidiano e as representações que o formam e o interpretam devem ser analisados.

Mudanças familiares no Brasil contemporâneo

- Multiplicidade de arranjos familiares
- Crescimento de famílias com chefia feminina
- Crescimento das taxas de divórcio
- Crescimento dos re-casamentos legais
- Constituição de unidades familiares com filhos de diferentes casamentos/uniões
- Persistência de proporções elevadas de uniões consensuais



- Redução do número de filhos e tamanho das famílias
- Redução do estigma das uniões entre pessoas de mesmo sexo
- Aumento da proporção de pessoas morando sós

As famílias vêm mudando? Sim, porque a sociedade também está diferente. As famílias integram uma sociedade que está em mudança. Falamos bastante sobre isso. Temos mudanças nas legislações, temos outras possibilidades de organização social, temos no campo jurídico o reconhecimento/acolhimento que existia na vida em sociedade.

Transformações na Sociedade Brasileira

- | | |
|------|---|
| 1990 | Novos arranjos familiares: famílias monoparentais
Aumento do número de mulheres no mercado de trabalho |
| 2000 | Crescimento de domicílios formados por “não-famílias”
Diminuição do tamanho das famílias
Aumento do número de separações e divórcios
Aumento da proporção de casais sem filhos Multiplicação dos arranjos que fogem da família nuclear |
| 2013 | Reconhecimento do casamento homoafetivo |

Conjunturas macroestruturais: dinâmica da economia, da economia, as oportunidades ocupacionais e a oferta de políticas sociais

Neste sentido, vale a perspectiva que comentamos: proteção máxima e intervenção mínima nas formas de organização. Porque, retomando: arranjos familiares diversos devem ser respeitados e reconhecidos como potencialmente capazes de realizar as funções de proteção e de socialização de seus membros.

Apesar das transformações na organização e estrutura familiar



MODELO IDEALIZADO



A família ao não dar conta de cumprir com o modelo idealizado, percebe-se atribuída a condição de desestruturada e desorganizada

O conservadorismo nas expectativas e nas práticas dos profissionais que atuam com as famílias geram a culpabilização das famílias pelas dificuldades que enfrentam para se organizarem

Ainda de acordo com José Flávio Bueno Fischer (2017) no artigo Famílias plurais: o direito do indivíduo de decidir de forma autônoma sobre seus projetos existenciais e de felicidade, publicado no blog do conselho notarial do Brasil, é no reconhecimento de ser e viver a partir de uma intencionalidade de se constituir família que devemos compreender a pluralidade, [...] Desta forma, não podem ser excluídos da proteção constitucional outros tipos de relacionamentos cujo vínculo afetivo “(...) une as pessoas com identidade de projetos de vida e propósitos comuns, gerando comprometimento mútuo” (Fischer, 2017, s.p) e formando uma família, tais quais as uniões homoafetivas, as famílias paralelas e as uniões poliafetivas.

Não reconhecer uma relação afetiva entre sujeitos em razão de sua orientação sexual ou em razão de questões religiosas, ou mesmo porque não se enquadra nos padrões puramente morais de uma sociedade, mostra-se inconstitucional, pois contraria a dignidade da pessoa humana, centro da tábua axiológica de nossa Carta Magna.

Com efeito, a supremacia da dignidade da pessoa humana no sistema constitucional brasileiro está lastreada nos princípios da igualdade e da liberdade e “(...) constitui não apenas a garantia negativa de que a pessoa não será objeto de ofensas ou humilhações, mas implica também, num sentido positivo, o pleno desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo”. Ou seja, o valor da pessoa humana informa cada um a exercer livremente sua personalidade, segundo seus desejos de foro íntimo, e a sexualidade representa uma fundamental perspectiva do livre desenvolvimento da personalidade, pois partilhar a cotidianidade da vida em parcerias estáveis e duradouras parece ser um aspecto primordial da experiência humana. Em última análise, “a dignidade humana constitucionalmente consagrada garante a todos o direito à felicidade”.

Isto é, “a dignidade na condição de valor intrínseco do ser humano, gera para o indivíduo o direito de decidir de forma autônoma sobre seus projetos existenciais e felicidade e, mesmo onde esta autonomia lhe faltar ou não puder ser atualizada, ainda assim, ser considerado e respeitado pela sua condição humana”. Assim, “a proibição de instrumentalização do ser humano compõe o núcleo do princípio” da dignidade da pessoa humana, pois “ninguém pode ser funcionalizado, instrumentalizado, com o objetivo de viabilizar o projeto de sociedade alheio, ainda mais quando fundado na visão coletiva preconceituosa ou em leitura de textos religiosos”.

Fica, pois, evidente que o princípio da dignidade da pessoa humana confere ao indivíduo a liberdade de viver suas relações de afeto de acordo com suas convicções íntimas, a liberdade de escolher com quem quer partilhar sua vida, sem ter que estar preso a dogmas sociais e religiosos. Diante disso, é possível concluir que, ao conferir supremacia ao princípio da dignidade da pessoa humana, elegendo-o como um dos pilares da República (artigo 1º, inciso III), a Constituição Federal brasileira (1998) passou a dar mais importância ao amor, aos laços fraternos, à solidariedade e à felicidade, em detrimento da antiga visão patrimonialista de nossa legislação anterior, em que a entidade familiar era voltada exclusivamente para a transmissão patrimonial e para a procriação, mesmo se isso importasse no prejuízo da realização pessoal de cada um.

Ou seja, “o texto constitucional consagrou expressamente a mudança do conceito de família, tendo em vista ter considerado o amor como o elemento central na sua formação”. Agora, “a tônica reside no indivíduo, e não mais nos bens ou coisas que guarnecem a relação familiar”. Assim, o novo modelo de família funda-se sobre os pilares da afetividade, da pluralidade e da felicidade, “(...) abrangendo os mais diversos arranjos familiares, devendo-se buscar o elemento que permite enlaçar no conceito de entidade familiar todos os relacionamentos que têm origem em um elo de afetividade, independentemente de sua conformação”.

Esse é justamente o desafio dos dias atuais: encontrar o elemento que identifique uma relação interpessoal como família. Na lição de Maria Berenice Dias, “é o envolvimento emocional que leva a subtrair um relacionamento do âmbito do direito obrigacional – cujo núcleo é a vontade – para inseri-lo no direito das famílias”, ou seja, conforme a autora, “(...) os negócios têm por substrato exclusivamente a vontade, enquanto o traço diferenciador do direito de família é o afeto”.

Aliás, o conceito moderno de família, formado por pluralidade de formas familiares e baseado no afeto, foi trazido por uma lei infraconstitucional, a Lei Maria da Penha (Lei n.º 11.340/2006) (Brasil, 2026), que, apesar de ser um diploma legal voltado a criar formas de prevenção e punição da violação doméstica e familiar, representou um marco legislativo ao conceituar a família como relação de afeto (artigo 5º, incisos II e III). E ainda que o objetivo da Lei fosse estabelecer a violência doméstica, acabou por delinear expressamente os contornos do âmbito de abrangência das entidades familiares.

Neste sentido, vale transcrever os ensinamentos de Paulo Roberto Vecchiati, para quem a Lei Maria da Penha, ao enunciar que a família compreende a comunidade formada por indivíduos que se consideram aparentados por vontade expressa (inc. II) ou por relações de afeto (inc. III) e que as relações enunciadas no dispositivo independem de orientação sexual (parágrafo único), reconheceu o status jurídico-familiar das uniões homoafetivas. Mais que isso, reconheceu o status jurídico-familiar das uniões permeadas pelo afeto.

Assim, a Lei Maria da Penha, juntamente com a Constituição Federal, consagrou um novo conceito de família no direito brasileiro, baseado no vínculo de afeto, no pluralismo e na felicidade, onde o elemento chave reside na dignidade do indivíduo e não mais nos bens ou coisas que guardam a família.

Com o pluralismo das relações familiares, rompe-se o aprisionamento da família nos moldes restritos do casamento e permite-se o desenvolvimento das mais diversas formas de entidades familiares, tais quais a união homoafetiva, a família paralela e a união poliafetiva.

Há, atualmente, em tramitação no Congresso Nacional, o Projeto de Lei n.º 470/2013, de autoria do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBD-FAM), que cria o Estatuto das Famílias e consagra, em definitivo, o afeto como elemento central da família, prevendo que, independentemente de sua configuração, todas as famílias merecem igual apoio e proteção.

Esperamos que tal projeto obtenha logo aprovação e se converta em lei, garantindo a todos os indivíduos o direito de decidir de forma autônoma sobre seus projetos existenciais, garantindo a todos os indivíduos, em última análise, o direito à felicidade!

Como forma de ir tecendo apontamentos mais específicos sobre o nosso percurso, retomo Cynthia Sarti, em “A Família como Ordem Simbólica”, que traz o processo que é neste espaço de socialização que se constrói, de forma bastante específica, as dimensões sobre importantes papéis sociais. A autoimagem sobre ser homem, ser mulher, ser pai, mãe, filho, filha é resultado da maneira como se estabelece a relação dos indivíduos no espaço do privado com o mundo exterior.

Para a autora, a família atua como um filtro por onde passam as experiências com o outro, que são aprendidas e ordenadas, para que se comece a ver e a significar o mundo a partir dos diferentes lugares (Sarti, 2004). A garantia dos direitos das pessoas idosas passa, então, pela consolidação de uma sociedade que repense o ônus da desigualdade em sua história e que seja solidária e responsável pela construção de outro mundo possível. O que passa inicialmente por outro cotidiano, de oportunidades mais igualitárias para a população.

Sobre este ponto, destaco que foram inúmeros os debates que tivemos sobre as relações estabelecidas nas famílias, relações entre homens e mulheres, adultos e crianças, jovens e idosos/as. Refletimos sobre a questão da divisão social e sexual do trabalho, principalmente do trabalho do cuidado.

Sarti (2004), ao revelar este universo moral da família, a partir da pesquisa realizada por ela com famílias que migraram para São Paulo, destaca que a divisão dos papéis sociais e expectativas relacionadas às questões de gênero e geracionais não são naturais, nada é natural, tudo deve ser refletido a partir da cultura.

Cinthyia Sarti (1994)

HOMEM: Chefe de família x MULHER: Chefe da casa

→ **Definição de papéis: diferentes funções da autoridade na família.**

HOMEM: autoridade ao mediar a relação da família com o mundo externo. Ele é a autoridade moral responsável pela respeitabilidade familiar. Sua presença faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante o respeito. Ele, portanto, responde pela família.

MULHER: autoridade em manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar. É a patroa, designação que revela o mesmo padrão de relações hierárquicas na família e no trabalho. A autoridade feminina vincula-se à valorização da mãe, num universo simbólico onde a maternidade faz da mulher, mulher, tornando-a reconhecida como tal. Outro importante fundamento da autoridade da mulher está no controle do dinheiro, que não tem relação com sua capacidade individual de ganhar dinheiro, mas é uma atribuição de seu papel de dona-de-casa.



E, esse foi um ponto de debate muito intenso nas aulas e o que foi revelado é que as mulheres se ressentem muitas vezes da carga de trabalho que lhes foi (e é) atribuída e que os homens têm procurado encontrar melhores formas de atuar nas questões relacionadas ao cuidado e distribuição de poder nos seus núcleos familiares.

É em torno desta divisão social e sexual do trabalho e dos espaços públicos e privados que se organiza todo o trabalho envolvido na criação de pessoas, na construção de suas subjetividades. Isto porque o trabalho do cuidado compreende toda a organização material que faz com que as pessoas se tornem pessoas, que faz com que elas se humanizem e possam se tornar cidadãos e cidadãs de uma sociedade.

É na compreensão desta relação orgânica, entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo, que estaria posta a equação a que damos o nome de Economia do Cuidado. As atividades do trabalho reprodutivo, as do campo do cuidado, são completamente necessárias para a existência do trabalho assalariado e da própria vida em sociedade.

A atividade reprodutiva é a que possibilita a existência de um/a trabalhador/a que vá atuar no mercado, porque na ausência do trabalho reprodutivo ou do trabalho do cuidado não haveria as condições necessárias para que o capitalismo se realizasse e que a sociedade existisse.

O que é economia do cuidado?

"[...] o cuidado é um direito das pessoas em todos seus ciclos de vida.



Cuidado não é só cuidar de uma criança ou pessoa doente, se refere também à reprodução diária da existência, aos variados cuidados necessários para cada um de nós (...) O acesso a esse direito é desigual, as mulheres são as provedoras principais na ausência da ação pública, compromete o tempo e a vida de uma mulher e sua renda"

(Lais Abramo - Secretária Nacional de Cuidados e da Família)

CONSIDERAÇÕES

Chegando ao final do texto, gostaria de deixar demarcada uma questão: legalmente, o Estado Brasileiro deve oferecer suporte às famílias mediante políticas sociais, o que, sem dúvidas, teria capacidade de gerar mais proteção e aliviaria as pressões econômicas e individuais vivenciadas no cotidiano, principalmente pelas famílias pobres.

O que já aconteceu, principalmente ao longo da primeira década dos anos 2000, e surtiu importantes efeitos. Entretanto, o que se observou na história recente foi um crescente retrocesso dos serviços públicos, movimento em que o Estado trata de minimizar ao máximo sua contribuição e clama por mais ajuda da comunidade e da família no cuidado com seus dependentes. Clama por mais trabalho de cuidado, não pago e revestido sob o argumento do afeto, da responsabilização das famílias.

Os contornos dos discursos em torno da defesa da chamada família tradicional brasileira voltam-se para um modelo de referência, o da família patriarcal, que segundo Goldani (2005) seria historicamente estimulado pela sociedade brasileira e reforçado pela Igreja Católica e pelo Estado, e, recentemente, a novidade fica a cargo da força dos segmentos das religiões neopentecostais com forte inserção no campo da política.

Retomando Goldani (2005), é importante evidenciar que, para a maioria das famílias brasileiras, são suas precárias condições de vida que majoritariamente respondem por sua estrutura, ou seja, tamanho e organização interna. As famílias, sobretudo as de contextos subalternos, materializam-se como reflexos das situações de risco social e vulnerabilidades vivenciadas, situações que ultrapassam aquele indivíduo em particular e envolvem sua família, as gerações passadas, futuras e sua vizinhança.

A ausência do Estado e a responsabilização de, em condições tão precárias, assumir todo o trabalho do cuidado, reduzem sobremaneira as capacidades destas famílias, de seus indivíduos, de estabelecerem projetos de vida que se estruturam a partir da permanência na escola, nas possibilidades de se dedicar a um tempo maior de qualificação profissional, na capacidade de aquisição de capitais sociais e culturais.

Diria que essas famílias estão diante do desafio de enfrentar tudo, inclusive as representações sobre elas, muitas vezes com um déficit de 'proteção social, carência material e financeira, além de conviverem com graves conflitos relacionais'. (Guimarães; Almeida, 2010, p. 130).

No contexto de pandemia, o isolamento social, a sobrecarga de trabalho e de demandas, as identidades degradadas no espaço público, acendeu outro alerta: a subnotificação de casos de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos/as no contexto intrafamiliar. Isso porque a maioria dos abusos aconteceu e acontece dentro da família e/ou da casa, por pessoas de referência.

Neste sentido, a proteção da família demanda o contato com as demais instituições. A subnotificação dos casos de violação/violência contra crianças e idosos pode ter sido ainda maior pelo aumento da tensão familiar com o maior tempo de convivência e sobrecarga do trabalho do cuidado. A vida das famílias necessita do movimento e da partilha com as instituições para gerar as condições imediatas de reprodução dos membros e algum grau de proteção.

No caso das famílias pobres, a pandemia revelou o impacto da não circulação, revelou ser restrita à capacidade de suportar um tempo de não movimento. Sem estabilidade no trabalho, agravou-se a insegurança de renda, casas muito pequenas, apertadas, desconfortáveis. As comunidades mais organizadas e onde viviam as famílias mais pobres, sem saneamento básico, trabalho e espaço suficiente para abrigar todos os membros da família, tentaram manter isolamento comunitário, ao invés do social, porque a vida e os corpos destas pessoas não cabiam na casa.

Neste sentido, a relação com a questão da família, enquanto grupo que deve promover proteção e cuidado, volta para este texto na perspectiva de refletir sobre como atuar junto às famílias, trabalhando com a representação do Estado enquanto alicerçador de direitos. Como trabalhar com a perspectiva de que as famílias e usuários são sujeitos políticos e que os

direitos dificilmente existem fora da dimensão da exigibilidade, da resistência e da luta pela inclusão e igualdade social?

É neste contexto que avaliamos a importância de se considerar alguns dos desafios que precisarão ser delineados e/ou reafirmados sobre o cuidado, ou o trabalho de cuidado, para a proteção das pessoas idosas. A reflexão sobre a crise do cuidado coloca, em alguma medida, no plano de reflexões e, principalmente, de luta, a necessidade de falarmos sobre os modos de vida vividos nas cidades e sobre a essencialidade do Estado no provimento de proteção e cuidado. Este é um debate muito amplo, não se encerra neste texto nem neste curso, abre muitas janelas e, desejamos, muitos estranhamentos. A nossa intencionalidade é tensionar o olhar de vocês para estas relações, estamos aqui tentando dar um corpo tão significativo que não seja possível escondê-lo mais. Termino este texto com alguns apontamentos, que gostaria que ficassem registrados para todos e todas nós:

1. A família é uma organização social que sempre esteve presente na história – isto porque, em todas as formações sociais, sempre foi essencial a partilha do trabalho e organização dos meios de vida mediante grupos.
2. Ao longo da história, ainda que não existam muitos registros, as famílias existiram e se organizaram de forma diversa.
3. É importante o reconhecimento destes diferentes arranjos para fins de proteção social e garantia de direitos. Quando trabalhamos com uma única forma de ser e existir, deixamos de lado muito do que existe na realidade concreta.
4. Na família são vivenciados diferentes tipos de partilhas, que geram proteção, afeto, acolhimento, mas também, o inverso, que gera violências e violações.
5. A responsabilidade das famílias em relação à proteção e garantia de direitos deve ser compreendida a partir da corresponsabilidade com a sociedade e o Estado.

Teria muito mais a ser dito, mas fico por aqui, aguardando oportunidade de novos diálogos, encontros e partilhas com vocês. Sigamos juntos e juntas na construção de arranjos sociais e familiares promotores de mais acolhimento e proteção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2023.

_____. Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. **Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Presidência da República, 2006.

BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. A. (orgs.). **Infância e violência doméstica fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1993.

FICHER, José Flávio Bueno. **Reconhecimento de filiação biológica e socioafetiva em Escritura Pública de Inventário e Partilha**. Disponível em: <https://cnbsp.org.br/2017/09/14/reconhecimento-de-filiacao-biologica-e-socioafetiva-em-escritura-publica-de-inventario-e-partilha-por-jose-flavio-bueno-fischer-2/>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GARCEZ, Thiago. **Tipos de família: os principais arranjos familiares e suas características**, 2023. Disponível em: <https://portaldoss.com.br/tipos-de-familia-os-principais-arranjos-familiares-e-suas-caracteristicas/>. Acesso em: 20 de nov. de 2023

GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação.. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 1, p. 68–110, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1681>. Acesso em: 6 dez. 2023.

GUIMARÃES, Rosamélia Ferreira; ALMEIDA, Silvana Cavichioli. Reflexões sobre o trabalho social com famílias. *In: Família: redes, laços e políticas públicas*. Ed. 4ª, São Paulo: Cortez, 2010.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

SARTI, Cynthia Anderson. **A família como ordem simbólica**. *Psicologia. USP*, 15(3), 2004.

CAPÍTULO 3:

ENTRE LEITURAS, FALAS E ESCRITAS: UM SARAU DE CONHECIMENTOS E DE AFETOS

VALÉRIA SEVERINA GOMES

Docente da disciplina: Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto

INTRODUÇÃO

Eu quero acrescentar vida aos dias ou eu quero acrescentar simplesmente dias à vida? (Alexandre Silva – Enfermeiro – Filme: Quantos dias, quantas noites)

Este relato consiste no registro das atividades realizadas na unidade curricular “Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto”, que fez parte da grade de disciplinas do Projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa, coordenado pela Prof^a. Nayana Pinheiro Tavares, uma parceria entre a Prefeitura da Cidade do Recife e a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Logo nas primeiras linhas, gostaria de registrar que assumir essa disciplina em duas turmas compostas exclusivamente por pessoas idosas foi uma das experiências mais enriquecedoras e gratificantes de minha carreira docente. Abracei esse projeto logo que tive oportunidade de conhecê-lo, na primeira reunião para a qual fui convidada, na Reitoria da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Para a realização de um projeto dessa magnitude, várias etapas foram atravessadas. Na etapa de elaboração dos planos de ensino, por exemplo, houve um encontro de formação para os professores que assumiriam as disciplinas, com o intuito de discutir as especificidades do trabalho pedagógico com pessoas idosas. Foram abordados temas fundamentais que embasaram o planejamento da disciplina Língua Portuguesa, tais como: o combate ao idadismo, a concepção de que o envelhecimento é uma conquista e que o idoso é um cidadão de direito; os aspectos cognitivos do processo de aprendizagem; o enfoque interdisciplinar; o papel do docente como mediador, que utiliza metodologias ativas voltadas para o protagonismo e para a autonomia das/dos estudantes; o perfil diverso dos discentes; entre outras temáticas.

Considerando o caráter heterogêneo das duas turmas (alguns discentes têm curso superior completo, outros o ensino básico concluído ou incompleto) e na tentativa de incorporar as orientações repassadas no encontro de formação, tomei por base os campos de atuação propostos pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) para planejar as atividades didáticas. Como suporte para a dinâmica na sala de aula, adotei metodologias ativas (Almeida, 2018) e, do ponto de vista da língua(gem), o trabalho pautou-se em uma concepção interacionista, que visa à mobilização social dos sujeitos, por meio de sua competência comunicativa em diversas esferas sociais. Assim, de acordo com Koch (2003, p. 15), a língua:

como lugar de *interação* corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o *caráter ativo* dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir. (Grifos da autora)

Com base nesses pilares norteadores, o plano de ensino foi elaborado

com o objetivo de levar as estudantes e os estudantes a compreenderem as funções das diferentes estratégias linguísticas e textual-discursivas usadas durante o processamento de oralidade, de leitura, de escrita de gêneros textuais de diferentes campos de atuação na sociedade.

O primeiro contato com as duas turmas foi na aula inaugural, no dia 06 de junho de 2023, no Salão Nobre da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Na ocasião, com o auditório lotado, tive a noção concreta da dimensão e da importância desse projeto e fiquei olhando para aquelas pessoas e tentando imaginar quais seriam minhas alunas e meus alunos em breve. No contexto da sala de aula, cada encontro foi uma explosão de vontade de viver, de aprender, de ser, de superação, de motivação e de aprendizado mútuo. É com a força dessas memórias que, neste relato, compartilho essa vivência em três tópicos, além desta parte introdutória: a descrição da experiência; uma breve discussão com base na revisão da literatura; e a conclusão. Espero que esta experiência possa contribuir com outras ações de formação à pessoa idosa.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A unidade curricular “Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto” foi oferecida no Módulo II, no período de outubro de 2023 a dezembro de 2023, nas turmas da manhã e da tarde. O curso, com carga horária de 20 horas/aula, foi organizado em dez encontros assim distribuídos:

SEMANAS	DETALHAMENTO
1	<ul style="list-style-type: none">• Acolhimento e apresentação do plano de ensino• Exibição do filme “Quando se trata de português falado não existe certo ou errado” (Prof. Ataliba de Castilho) https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8• Debate sobre a variação do Português brasileiro

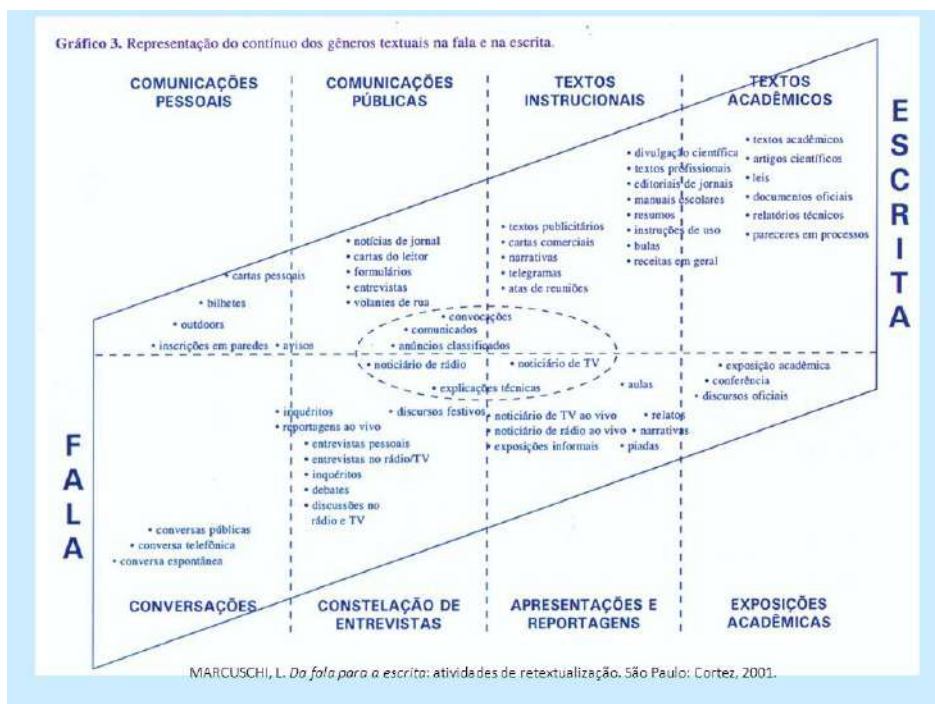
2	<ul style="list-style-type: none"> • Gêneros orais: discurso, aula, seminário, entrevista, conversa telefônica, conversa espontânea, podcast etc. • Exemplo: entrevista com Neymar (https://www.youtube.com/watch?v=N69Fd1Dr-LA) • Aspectos extralinguísticos • Aspectos paralinguísticos e cinésicos • Aspectos linguísticos
3	<ul style="list-style-type: none"> • Atuação no campo da vida cotidiana • Gêneros textuais: agendas, listas, bilhetes, recados, avisos, convites, cartas, cardápios, diários, receitas, regras de jogos e brincadeiras, entre outros • Características discursivas, textuais e linguísticas
4	<ul style="list-style-type: none"> • Atuação no campo artístico-literário • Gêneros textuais: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, entre outros • Características discursivas, textuais e linguísticas
5	<ul style="list-style-type: none"> • Atuação no campo das práticas de estudo e pesquisa • Gêneros textuais: enunciados de tarefas escolares; relatos de experimentos; quadros; gráficos; tabelas; infográficos; diagramas; entrevistas; notas de divulgação científica; verbetes de enciclopédia; artigo, resumo, resenha, memorial etc. • Características discursivas, textuais e linguísticas • Orientação para o trabalho da disciplina (Memorial)
6	<ul style="list-style-type: none"> • Cine debate com o filme “Quantos dias, quantas noites” (https://www.youtube.com/watch?v=_biFEZgRYd0),

7	<ul style="list-style-type: none"> • Atuação no campo jornalístico-midiático • Gêneros textuais: (notícia, álbum noticioso, carta de leitor, entrevista etc.): reportagem, reportagem multimidiática, fotorreportagem, foto-denúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, vlog noticioso, vlog cultural, meme, charge, charge digital, political remix, anúncio publicitário, propaganda, jingle, spot, dentre outros • Características discursivas, textuais e linguísticas
8	<ul style="list-style-type: none"> • Atuação no campo da vida pública • Gêneros textuais: notas; álbuns noticiosos; notícias; reportagens; cartas do leitor; comentários em sites; textos de campanhas de conscientização; Estatuto da pessoa idosa; abaixo-assinados; cartas de reclamação, regras e regulamentos • Características discursivas, textuais e linguísticas
9	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de histórias de vida (Memorial)
10	<ul style="list-style-type: none"> • Culminância do curso e confraternização

O primeiro encontro foi destinado ao acolhimento, à apresentação do plano de ensino, à afirmação do contrato didático e a um debate sobre variação linguística e preconceito linguístico. A aula foi iniciada com a leitura deleite do poema “É preciso decidir!”, de Cora Coralina. Após a leitura, houve um debate para que todos pudessem comentar passagens do poema que consideraram mais significativas para si. A prática da leitura deleite tornou-se uma constante nas aulas, e os estudantes passaram a

trazer músicas, poemas e mensagens diversas para o início das atividades em cada encontro. O ponto central dessa aula foi o debate sobre variação linguística e preconceito linguístico, com base no filme “Quando se trata de português falado não existe certo ou errado”, com explicações do linguista Ataliba de Castilho, e com base no livro “Preconceito Linguístico”, do linguista Marcos Bagno. Essa reflexão sobre as várias possibilidades de uso da língua(gem) é fundamental para que os estudantes tomem consciência da riqueza de sua língua, superando preconceitos e o sentimento de incapacidade para falar e escrever.

O segundo encontro abordou os gêneros textuais orais e as características extralinguísticas, paralinguísticas, cinésicas e linguísticas da fala. As pessoas falam o tempo todo, mas pouco param para refletir e entender que essa comunicação também ocorre por meio de gêneros textuais, tais como: discurso, aula, seminário, entrevista, conversa espontânea, e têm, menos ainda, consciência do conjunto de estratégias que são empreendidas para tornar a comunicação oral efetiva. Em vista disso, nessa aula, foram abor-



dados aspectos como a dimensão pública e privada da interação; o grau de espontaneidade; qualidade da voz; atitudes corporais; gestos; marcadores conversacionais; estratégias de polidez etc. Os aspectos discutidos foram comentados a partir do exemplo de uma entrevista com Neymar. Nessa aula, com base no contínuo entre a fala e a escrita, proposto por Marcuschi (2001), os estudantes observaram que, para cada situação de comunicação, das mais informais às mais formais, há diferentes gêneros textuais e estratégias de comunicação.

O terceiro encontro foi destinado à discussão da atuação no campo da vida cotidiana. Foram formados grupos para comentar a função e as características dos seguintes gêneros textuais: anedota; carta; e-mail; diário pessoal; lista; bilhete; cardápio; convite; receita; e conversa espontânea pelo WhatsApp. Entre os pontos abordados, merecem destaque a percepção da frequência de ocorrência desses gêneros no dia a dia, alguns praticamente em desuso, a exemplo da carta, e o processo de transmutação para a esfera digital, o que requer do leitor e do produtor a assimilação de novas estratégias de comunicação.

A atuação no campo artístico-literário foi o assunto do quarto encontro. Trata-se de um campo que possibilita conhecer o olhar do outro, ampliar o horizonte cultural, ser criativo e comprometido com a humanidade. Os gêneros abordados foram: contos orais, crônicas, canção, poema, cordel, entre outros. Nessa aula, as duas turmas organizaram um sarau, que foi realizado em uma área bem arborizada dentro do campus da UFRPE. O ambiente em contato com a natureza e o envolvimento de todos tornaram esse evento um marco, porque todos vivenciaram plenamente o sarau, por meio de recitais de poemas, música, dança e as comidinhas gostosas que não poderiam faltar. Nessa ocasião, muitos talentos foram revelados.

O quinto encontro colocou em pauta a atuação no campo das práticas de estudo e de pesquisa. Quais são os gêneros que são lidos, escritos e consultados no ambiente escolar e no ambiente acadêmico? Foram comentados alguns deles: gráficos, infográficos, relatório, resumo, resenha, fichamento, memorial e verbetes de glossário. Nessa aula, o

“Glossário coletivo de enfrentamento ao idadismo” (2022) serviu como fonte de consulta dos seguintes verbetes: ainda; cacaria; caduco; da antiga/do tempo da onça; invisível; melhor idade; passada/ultrapassada; velho ou velha; vovozinho ou vovozinha. As equipes formadas fizeram a exposição de cada verbete e a discussão foi bastante proveitosa, por meio de posicionamentos críticos acerca do emprego pejorativo desses termos. Em seguida, os estudantes foram desafiados a sugerir novos verbetes que também poderiam fazer parte desse glossário, e foram mencionados itens como: jaca mole (vive caindo); obsoleto; cafona; velho gagá; velho turrão, demente, entre outros. Nessa aula, também foram passadas as orientações iniciais para a produção de um pequeno memorial, focado na vida pessoal e profissional, a ser entregue no final da disciplina, funcionando como um esboço para a versão final do memorial, a ser entregue no final do curso.

No sexto encontro, aconteceu o cine debate, na sala audiovisual do Centro de Ensino de Graduação (CEGOE). Foi exibido o documentário “Quantos dias, quantas noites”. A professora Nayana, além de ter sugerido o filme em tela, providenciou pipoca para a plateia, que participou da sessão com muita atenção. A temática da longevidade é central e, a partir dela, estão presentes temas que suscitam emoção, reflexão e mobilização social para que todas e todos tenham direito a uma vida digna. O documentário é um gênero do campo jornalístico-midiático, que foi abordado no encontro seguinte.

De um modo geral, a atuação da maioria das pessoas no campo jornalístico-midiático, assunto do sétimo encontro, concentra-se na condição de leitoras e leitores de notícias, editorial, charge, meme, anúncio, entre outros. Por curiosidade, havia um discente da turma da tarde, que é jornalista, e contribuiu bastante ao socializar a sua experiência com a escrita de notícias, por meio da pirâmide invertida, composta pelo título, pelo lide (primeiro parágrafo, que busca responder questões fundamentais: O quê? Onde? Por quê? Quando? Como?) e pelo corpo da notícia. Ele também compartilhou com a turma a sua experiência em diferentes funções no jornalismo. Um dos pontos im-

portantes nas duas turmas foi a discussão sobre a necessidade do desenvolvimento do senso crítico como arma para combater a propagação de ‘fake news’ e a vulnerabilidade em relação aos golpes cibernéticos.

No oitavo encontro, a atenção foi voltada para a atuação no campo da vida pública. Este campo requer práticas de leitura e de escrita em situações reivindicatórias, contemplando temas que impactam a cidadania e o exercício de direitos. São exemplos de gêneros textuais dessa esfera: carta comercial, abaixo-assinado, campanhas de conscientização, o Estatuto da Pessoa Idosa, entre outros. Nessa aula, o material de apoio didático foi o Estatuto da Pessoa Idosa. Com base no Título II, Dos Direitos Fundamentais, as turmas foram divididas em dez grupos, cada um ficou responsável por um capítulo, com a finalidade de expor o direito ali garantido, de problematizar a efetivação do direito e de apresentar proposições na construção coletiva de uma árvore dos desejos. Foi uma aula que colocou em evidência o idoso como um cidadão de direito.

Para o penúltimo encontro, foi agendada a entrega da produção escrita, em forma de uma versão preliminar do memorial (até 3 páginas), como também houve a exposição oral para aqueles que se sentissem à vontade para socializar suas histórias de vida. A sala foi organizada em círculo e espontaneamente algumas/alguns estudantes compartilharam suas vivências pessoais, profissionais, a infância, a juventude, a família, as experiências escolar e acadêmica e as motivações para estarem participando do projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa. Muitos relataram que a experiência de redigir o seu memorial foi singular e mexeu com lembranças que os trouxeram até o presente.

Para finalizar a sequência de encontros, houve a culminância do curso com uma confraternização organizada pelas estudantes e pelos estudantes (como sempre com muita dedicação), que reuniu todas as professoras que ministraram disciplinas no Módulo II, a equipe pedagógica, as monitoras e a coordenadora, professora Nayana Pinheiro. Cada docente fez as suas considerações acerca do trabalho realizado e da experiência vivenciada, e a professora Nayana fez a avaliação dessa etapa do projeto e passou as orientações referentes ao módulo seguinte. Foi um momento muito fes-

tivo, com música, dinâmicas recreativas, brindes, comidinhas deliciosas e muita troca de afeto. No tópico seguinte, o relato continua com as discussões acerca da experiência descrita.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação que faço acerca das atividades realizadas, da participação e do desempenho das/dos discentes tem o respaldo da avaliação que elas/eles fizeram, tanto oralmente quanto por escrito, sobre o aprendizado construído e sobre o percurso da disciplina. Recebi das/dos estudantes comentários que certificaram que a disciplina alcançou êxito em função das metodologias ativas aplicadas. Segundo Almeida (2018, p. 17), as metodologias ativas surgem por volta dos anos 90 como oposição ao modelo tradicional de ensino e se caracterizam “pela inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo desenvolvida[s] por meio de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem”. Nesse sentido, o protagonismo e a autonomia das/dos discentes foram estimulados por meio de diferentes materiais didáticos, linguagens variadas, utilização de espaços extraclasse e da interação por meio de múltiplas expressões faladas, escritas e corporais. Assim, foi construído um espaço de convivência que possibilitou e valorizou a vez, a voz e a experiência de todas e todos.

A primeira discussão realizada na sala de aula foi sobre a variação linguística e o preconceito linguístico. Isso não foi por acaso. Como são duas turmas compostas por pessoas idosas, certamente algumas têm um histórico de ensino tradicional da língua que, muitas vezes, criou uma atmosfera de insegurança nas práticas de leitura, escrita e fala, a partir de abordagens prescritivas da norma padrão e da cultura do “certo” e do “errado”. A proposta adotada nas aulas que foram ministradas neste projeto parte de uma prática reflexiva da língua(gem), que reconhece o seu caráter historicamente heterogêneo, adequando-se às diferentes situações de uso. Conforme defende Bagno (2015, p. 16):

a variação *linguística* tem que ser *objeto e objetivo* do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da *identidade* cultural da comunidade e dos indivíduos particulares ... (grifos do autor)

Toda essa reflexão já valeu a pena pelo fato de uma das alunas ter se dirigido a mim, no final da aula, e dizer, “sorrindo de orelha a orelha”, que, depois daquela aula, ela estava mais tranquila porque aprendeu que ninguém fala “errado”.

Como foi descrito no tópico anterior, a sequência das aulas seguiu o contínuo dos gêneros, tanto na modalidade falada quanto na escrita (Marcuschi, 2001). Assim, os campos de atuação postulados na BNCC (2018) também vão nesse sentido, partindo das esferas mais cotidianas e privadas de comunicação às mais públicas. Nesse contínuo, circulam os mais diferentes gêneros textuais que requerem o conhecimento de diferentes estratégias linguísticas adequadas para as práticas de oralidade, leitura e escrita nos vários contextos. Essa proposta pauta-se no pensamento de Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 144), ao afirmarem que:

Na ótica do ensino, os gêneros constituem um ponto de referência concreto para os alunos. Em relação à extrema variedade das práticas de linguagem, os gêneros podem ser considerados entidades intermediárias, permitindo estabilizar os elementos formais e rituais das práticas. Assim, o trabalho sobre os gêneros dota os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção dos textos.

As experiências de vida e profissional das/dos estudantes contribuíram imensamente com as aulas, pois a cada campo de atuação abordado, com seus respectivos gêneros textuais, sempre surgiram questões, dúvidas,

exemplos práticos, informações adicionais que enriqueceram a aula, tornando possível realmente um aprendizado mútuo e participativo. Merece atenção neste ponto o acesso às novas tecnologias, pois, muitas vezes, podem se tornar um empecilho para o acesso às novas práticas de leitura e de escrita. Sobre esse tema, a estudante idosa do curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da UFRPE, Severina Maria Moura de Oliveira, defendeu, em 2024, o seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Letramento digital: desafios para os discentes idosos na Universidade”, discutindo suas dificuldades e apresentando proposições viáveis para facilitar a inclusão digital no contexto da Universidade. Esse acesso também é uma questão de cidadania.

A questão da pessoa idosa como cidadã e cidadão de direito foi um tema transversal em todas as aulas. Vários materiais tornaram-se apoio didático para abordar questões dessa ordem. Durante as aulas, foram exibidos filmes, o Glossário coletivo de enfrentamento ao idadismo, o Estatuto da Pessoa Idosa e a cartilha “Maria descobrindo os direitos da pessoa idosa” (Borba; Pinheiro, 2023). Nessa luta pela garantia dos direitos à pessoa idosa, o protagonismo e a autonomia precisam ser construídos por meio do empoderamento linguístico e do desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos. Espero que a disciplina de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto tenha deixado sementes nessa seara.

CONSIDERAÇÕES

As palavras finais são destinadas à avaliação mais ampla acerca do impacto da disciplina de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto na formação das/dos estudantes e aos agradecimentos. É bem certo que não foi possível desenvolver um estudo detido dos gêneros textuais de cada campo de atuação, mas o objetivo de compreender as funções das diferentes estratégias linguísticas e textual-discursivas usadas durante o processamento de oralidade, de leitura, de escrita de gêneros textuais de diferentes campos de atuação na sociedade foi contemplado. Os depoimentos pesso-

ais também são indicadores de que os conteúdos foram assimilados e que ficou entre os discentes o desejo de continuidade do estudo.

Se, por vezes, as turmas foram consideradas barulhentas, eu prefiro esse tipo de balbúrdia à apatia. Percebi que o grupo tinha muita vontade de falar, de se expressar, de compartilhar experiências, e o espaço da sala de aula sempre vai oportunizar a voz, a partilha e também a escuta do outro. Apesar dos perfis diferentes, as duas turmas têm em comum a motivação, a proatividade e o protagonismo.

Passando aos agradecimentos, não seria possível realizar o trabalho em cada encontro sem contar com a equipe do projeto. Assim, não poderia deixar de agradecer o convite para ministrar a disciplina, o apoio dos representantes das duas turmas, do professor Everton e das estudantes monitoras, representando a equipe pedagógica e administrativa do projeto, sem os quais as aulas não seriam viabilizadas.

Por ser a primeira edição do projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa, todos os registros documentais vão servir como referência para as próximas edições. No caso dos relatos de experiência, não é diferente. Por essa razão, espero que a experiência descrita e discutida neste capítulo possa contribuir para o registro de um projeto que tem potencial para transformar vidas e fortalecer a luta pelos direitos da pessoa idosa. Em vista disso, não pode parar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida. In: Bacich, Lilian; Moran, José (org.). Apresentação. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p.14-20
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56 ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BORBA, Judith; PINHEIRO, Nayana (Orgs.). **Maria descobrindo os direitos da pessoa idosa**. 1 ed. Recife: Ed. dos Autores, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In*: Roxane Rojo e Glais Sales (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GOMES, Sandra Regina (Coord.). **Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo** 2 ed. Belém/PA: Editora Recriar, 2022.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GASTRONOMIA E NUTRIÇÃO COMO FERRAMENTAS PARA ESTIMULAÇÃO DO PLANEJAMENTO ALIMENTAR NO COTIDIANO DA PESSOA IDOSA

AMANDA DE MORAIS OLIVEIRA SIQUEIRA

Docente da disciplina: Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento

INTRODUÇÃO

Ações educativas desempenham uma função importantíssima na vida dos idosos. Quando se trata da educação em saúde, a oferta de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades permitem a esses idosos escolher caminhos que os tornem agentes ativos na promoção de sua própria saúde. Assim, é possível encorajá-los a participar de forma proativa em suas decisões, buscar informações confiáveis e se envolver em comportamentos saudáveis, como os relacionados à prática de atividade física regular, sono adequado e uma dieta equilibrada (Magalhães et al., 2023).

Vários fatores influenciam o comportamento alimentar humano, mas pode-se considerar que o conhecimento e a compreensão sobre o assunto são pré-requisitos fundamentais para mudar o comportamento relacionado à saúde e à nutrição. No entanto, não se pode desvincular que o fator financeiro, a preferência alimentar de uma vida inteira e o acesso aos alimentos (qualitativo e quantitativo) são pontos de destaque associados ao conhecimento nutricional na promoção de mudanças comportamentais positivas (Turner, Flood, Lamonica, 2024).

Além disso, devemos considerar que a prática culinária se encontra dentro dos aspectos relacionados à adesão a uma alimentação saudável. A partir dessa habilidade, se possibilita a confiança para preparar os alimentos e desestimula-se a busca por alimentos ultraprocessados e/ou o consumo de refeições fora do ambiente domiciliar, normalmente ricas em gorduras saturadas, sódio, açúcares e outros componentes que podem favorecer o aparecimento de doenças crônicas não transmissíveis e diminuir a expectativa de vida (Costa et al., 2024).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi relatar a experiência vivenciada com o público idoso durante a oferta da disciplina Aspectos Nutricionais Aplicados ao Envelhecimento. Neste módulo, os participantes tiveram a oportunidade de adquirir noções básicas de nutrição, alimentos e práticas gastronômicas, buscando implementar a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Este artigo retrata a experiência da oferta do componente curricular “Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento” à primeira turma do Curso Especial de Ensino e Extensão em Educação, Promoção de Saúde e Cidadania na Velhice, do Projeto de Extensão intitulado “Universidade Aberta à Pessoa Idosa”.

O projeto vem sendo desenvolvido sob a coordenação do Núcleo de Envelhecimento, Velhice e Idosos da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social, Juventude, Políticas sobre Drogas e Direitos Humanos da Prefeitura do Recife. Foram efetivadas 100 vagas preenchidas por idosos que formaram duas turmas em dois turnos (manhã e tarde) compostas por 50 discentes cada.

A disciplina contemplou 10 encontros (teóricos, práticos, resgate de memória), sendo as aulas teóricas ministradas no Departamento de Educação Física (UFRPE), enquanto as aulas práticas aconteceram nas cozinhas didáticas do Laboratório de Gastronomia, Departamento de

Tecnologia Rural (UFRPE). Neste mesmo local foram realizadas também as atividades de resgate da memória (cozinha show). Todas as aulas aconteceram conforme a programação da unidade curricular descrita a seguir:

- **Aulas teóricas (abordagem de conhecimentos sobre alimentos/nutrição):**
 - Alimentos: função e classificação;
 - As leis da alimentação (adequação, harmonia, quantidade e qualidade);
 - Produção de alimentos seguros e alimentação saudável.

- **Aulas práticas (preparação de alimentos em oficinas culinárias):**
 - Entradas;
 - Pratos principais;
 - Sobremesas;
 - Lanches/Panificação;
 - Laticínios.

- **Resgate da memória (nutricional, sensorial e gastronômica afetiva):**
 - Coleta de depoimentos dos participantes;
 - Avaliação através de formulário eletrônico.

A avaliação dos discentes utilizando formulário (plataforma Google Forms) abordou itens relacionados à avaliação da disciplina e equipe (docente e monitores), hábitos de consumo alimentar e recordatório de escolhas alimentares das últimas 24 horas, baseado no formulário de avaliação do consumo alimentar do fascículo 2 dos protocolos de uso do Guia Alimentar para a população brasileira na orientação alimentar da população idosa (Brasil, 2021).

Para análise, os dados foram tabulados e apresentados em distribuição percentual, utilizando o software Excel for Windows.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O envelhecimento da população é considerado um fenômeno mundial e é caracterizado como um processo natural e de grandes mudanças irreversíveis na estrutura e no funcionamento do organismo do idoso. Considerando-se tais modificações fisiológicas e suas associações às exigências corporais e as possíveis limitações decorrentes de patologias, nota-se que, para se instituir uma vida saudável a esse grupo populacional, o incentivo à alimentação de qualidade é uma ferramenta que pode influenciar de forma positiva a saúde geral e a composição corporal (Soares et al., 2023).

Pensando de forma global na formação dos discentes, o projeto propôs o componente curricular “Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento”, o qual foi ministrado buscando sempre a integração dos conhecimentos técnicos-científicos aos vários níveis de conhecimento previamente adquirido pelos discentes. Assim, o componente foi avaliado pelos participantes que afirmaram que, após cursar a disciplina, “adquiriu conhecimentos novos” (78%), “despertou o interesse em aprender mais sobre alimentação e nutrição” (63%). Apenas 3% dos discentes relatam que a disciplina “não auxiliou no conhecimento, pois já tinha conhecimento de tudo abordado”.

Nas aulas teóricas, os assuntos eram expostos mediante apresentação de slides e tratados de maneira que se promoviam discussões e construções de conceitos sobre: alimentos, formas de alimentação, técnicas gastronômicas adequadas à alimentação saudável e qualidade de vida. Quanto à apresentação dos conteúdos, os discentes consideraram que os materiais didáticos fornecidos para apoio de aprendizado na disciplina foram muito satisfatórios (52%) e satisfatórios (42%). Para 6% dos discentes, mostraram-se indiferentes a esse ponto. Cabe destacar que, a cada encontro, novos direcionamentos eram repassados visando promover escolhas alimentares conscientes e, principalmente, desmistificando opiniões que pudessem levar a restrições extremas e desnecessárias.

É necessário elucidar que grande parte das informações e dúvidas sobre alimentação e nutrição trazidas pelos discentes para as discussões em sala de aula eram obtidas de postagens em sites e redes sociais, rádio, televisão, entre outros. Diante dessas colocações por parte dos alunos, a abordagem docente sempre foi em ressaltar que tais respostas deveriam sempre ser buscadas por meio de profissionais capacitados (nutricionista, nutrólogo), obtendo assim orientações coerentes, pois as necessidades nutricionais são específicas, individualizadas e dependem das condições fisiológicas do indivíduo.

Observa-se que as informações advindas de diversas indústrias de alimentos e suplementos alimentares por vezes lançam mão das estratégias de marketing que induzem a uma imagem positiva do seu produto, ainda que este não seja saudável ou adequado a um determinado grupo populacional. Essas ações propagandísticas têm o objetivo de aumentar a venda de produtos e serviços (Brasil, 2021), e por isso o idoso deve estar atento.

De acordo com Soares et al. (2023), na velhice, dentre todos os fatores de risco, destaca-se a alimentação, pois o estado nutricional inadequado afeta seu bem-estar e pode levar à decadência e/ou distúrbio funcional para realizar atividades cotidianas. A busca de uma boa alimentação é necessária e o idoso deve se atentar aos cuidados que cercam uma busca de equilíbrio entre as exigências do corpo do idoso e as limitações decorrentes de algumas patologias.

Assim, durante as aulas teóricas, foi possível transmitir informações para o conhecimento sobre os nutrientes e grupos de alimentos, composição dos alimentos e aspectos nutricionais relacionados ao envelhecimento. Além disso, promoveu-se debate sobre as diferenças entre os alimentos, produtos alimentícios e alimentos ultraprocessados. Também foram bastante ilustradas ações que visam melhorar os cardápios planejados e executados domesticamente ou consumidos fora do lar.

Para melhor esboçar a sequência de preparações que compõem um cardápio adequado, as aulas práticas foram segmentadas dentro de temáticas para esse fim, tais como: entradas, pratos principais, sobremesas e,

no segmento do lanche, foi realizada uma oficina de produção de pão de queijo. Além disso, os alunos vivenciaram a produção de produtos lácteos (requeijão, sorvete, iogurte, entre outros).

Ao iniciar os momentos práticos em cozinha didática, pode-se observar uma simpatia e entusiasmo dos discentes pelas atividades culinárias. Observou-se também uma certa curiosidade na descoberta do que se tratava cada preparação (tabela 1), uma vez que em algumas delas foi mantido o nome técnico de forma proposital, a fim de gerar conhecimento gastronômico técnico, trazendo uma visão no âmbito da gastronomia profissional, além da cozinha doméstica.

Tabela 1: Distribuição categorizada das preparações gastronômicas executadas em aula prática do componente curricular “Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento”.

CATEGORIA	NOME DA PREPARAÇÃO
Entrada	Panqueca sem glúten
	Ceviche de banana da terra
Prato Principal	Salada de macarrão e frango ao curry
	Atum em barca de batata
Sobremesa	Panna Cotta de coco com mamão verde em caldas
	Gratin des fruits
Lanche/Panificação	Pão de queijo

As aulas práticas em cozinha didática foram concebidas visando oferecer conceitos para o desenvolvimento da capacidade de planejar e colocar em prática a produção de refeições variadas, nutritivas e que respeitassem os hábitos alimentares dos estudantes. Assim, pode-se observar que o conhecimento prévio de toda uma vida foi resgatado com lembranças culinárias de família, das quais uma das mais impactantes revisitou a partir da

produção da “Panna Cotta de coco com mamão verde em calda”, sobremesa típica italiana com o toque brasileiro do doce de mamão verde (figura 1). Essa preparação trouxe a recordação da produção doméstica do tradicional “doce de mamão com coco” feito nas cozinhas de mães, avós e tias.



Figura 1: Registro fotográfico da Panna Cotta de coco com mamão verde em calda (A) e da produção da sobremesa por discentes da turma (B).

Os achados obtidos refletem o que Costa e colaboradores (2015) observaram na ação executada com um grupo de idosos do município de Cuité-PB. Para os autores, ações com abordagens culinárias não se tratam apenas da expressão da alimentação como o reflexo de hábitos alimentares construídos durante toda a vida, mas referem-se também ao simples ato de comer, que proporciona a cada participante um resgate da própria história e identidade. Pode-se perceber também que o uso de ingredientes com diferentes aplicabilidades (normalmente desconhecida pelos idosos) provoca o desejo de consumo e a curiosidade pelo novo é aguçada.

Desta forma, a fim de aumentar a variedade de alimentos que podem ser utilizados cotidianamente nos seus cardápios, foram apresentadas preparações com elementos substitutivos saudáveis e acessíveis. Durante as aulas práticas, foi possível apresentar novos alimentos, condimentos e formas de preparos saudáveis. Também foi possível conhecer novas preparações e melhorar a aceitação de refeições por meio da apresentação de preparações gastronômicas equilibradas.

Como exemplo, pode-se citar o ceviche de banana-da-terra (comprida), cujo elemento surpresa se deu pelo uso da banana assada e temperada (figura 2) em substituição do peixe cru, tradicionalmente utilizado (e desconhecido pela maioria).



Figura 2: Registro fotográfico de etapas de produção do ceviche de banana-da-terra. Banana-da-terra sendo assada (A) e corte de ingredientes que compõem o preparo por discentes da turma (B).

A panqueca sem glúten (figura 3) também foi uma preparação que surpreendeu o paladar dos alunos através da substituição da tradicional farinha de trigo por uma base farinácea desenvolvida com arroz cru.



Figura 3: Registro fotográfico da panqueca sem glúten.

Registros do estudo de Soares et al. (2023) indicam que, além do processo educacional propriamente dito, que traz consigo inúmeros benefícios para o idoso, oficinas culinárias contribuem para o conhecimento e novos sabores e texturas que a rotina alimentar do idoso favorece a perda de apetite por questões fisiológicas e questões de apatia sensorial provocada pela monotonia alimentar.

Os dados da figura 4 demonstram que, no momento de conclusão da disciplina, dentre os discentes, 22% já haviam reproduzido alguma das preparações executadas nas aulas práticas em seu ambiente domiciliar, e que o desejo de reprodução das receitas ficou no íntimo desses participantes (65%), uma vez que relataram que haviam gostado bastante dessas preparações culinárias. Esses dados corroboram a afirmação de Beraldo e Ferrari (2023) de que oficinas culinárias contribuem para o resgate da prática de cozinhar como atividade a ser valorizada no cotidiano, na perspectiva do autocuidado e do próximo.

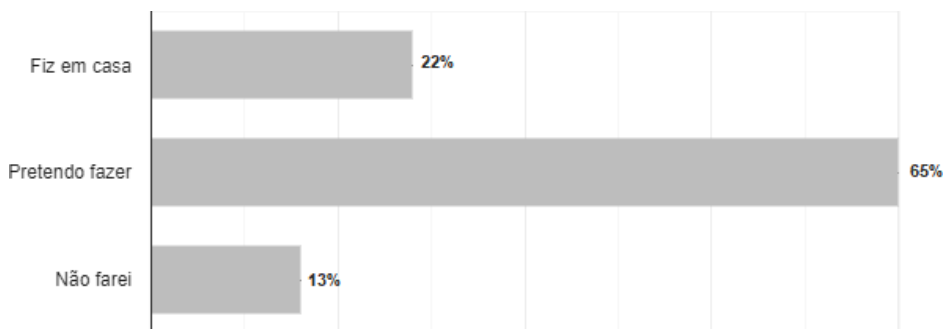


Figura 4: Distribuição percentual quanto ao desejo, por parte dos discentes, de reprodução das preparações executadas em aula prática do componente curricular “Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento”.

Em relação ao resultado da avaliação discente, observou-se que estes demonstraram a construção de uma “consciência para uma nutrição adequada” por meio de exposição de conhecimento quanto a escolhas de alimentos, produtos alimentícios e ingredientes adequados à saúde, mes-

mo considerando a rotina agitada e uma infinidade de opções alimentares disponíveis para consumo.

Durante os momentos de produção e degustação das preparações em cozinha didática, foi possível aproveitar a experiência coletiva de diferentes hábitos alimentares. Assim, o ambiente foi enriquecido com diálogos (figura 5) que moldavam uma possível trajetória dos futuros preparos em ambiente doméstico, baseados na contextualização teórica, educação nutricional e práticas gastronômicas apresentadas.

Cabe destacar que existem complexidades sociais, bem como hábitos alimentares considerados “imutáveis” por parte dos idosos discentes, que podem interferir nas perspectivas de consumo saudável em diferentes contextos.



Figura 5: Registro fotográfico de momentos de interação e diálogo entre docente, discentes e monitores durante aula prática do componente curricular “Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento”.

Foi possível observar que nas aulas práticas, principalmente, os alunos não eram apenas destinatários de conhecimento, mas colaboradores ativos, engajados nas diversas etapas das preparações.

CONSIDERAÇÕES

Com a finalização da disciplina, foi possível observar a necessidade de maior ênfase dessa temática para o desenvolvimento de mudanças e aplicabilidades dos conceitos de saudabilidade e nutrição. Entende-se que desta forma haveria uma maior consolidação de tais competências entre os discentes, de forma que consigam colocar essas práticas de autocuidado nos seus cotidianos.

Nota-se também a necessidade de execução de ações adicionais voltadas às contextualizações alimentares que reforcem as questões associadas aos aspectos culturais, sociais e contextos ambientais, pois a educação gastronômica tem a capacidade de revisitar tais aspectos com criatividade e sustentabilidade, proporcionando aos educandos propostas alimentares inovadoras.

Assim, consegue-se inferir que a aliança “nutrição e gastronomia” norteia novos caminhos no campo da educação nutricional da pessoa idosa, com vistas, principalmente, a um futuro longo baseado em inovações alimentares e alimentação consciente.

REFERÊNCIAS

BERALDO, R.A.; FERRARI, L.S.O. Oficinas culinárias como estratégias de educação alimentar e nutricional para promoção de saúde e prevenção de doenças na população. **Revista Foco**, v.16, n. 5, p. 01-21, 2023. doi: 10.54751/revistafoco.v16n5-073.

BRASIL. Ministério da Saúde. Universidade de São Paulo. Fascículo 2 – **Protocolos de uso do Guia Alimentar para a população brasileira na orientação alimentar da população idosa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. 15 p.

COSTA, A.B.J.; GRIMES, L.N.; ANTUNES, A.J.F.; SILVA, L.A.C.; LIMA, N.M.; MIRANDA, N.G.; LOPES, C.A.A. Oficina culinária como estratégia de educação alimentar e nutricional para promoção da saúde. **Revista Contemporânea**, v. 4, n.5, p. 1-22, 2024. doi: 10.56083/RCV4N5-184.

COSTA, L.A.; FERNANDES, L.N.; SANTOS, J.L. Ações educativas e oficinas culinárias na melhoria da qualidade de vida de idosos. **Anais IV CIEH...** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: . Acesso em: 03/09/2024.

MAGALHÃES, M.I.S.; SANTOS, A.M.; SOUZA, L.B.P.; BRANDÃO, M.A.; BOMFIM, V.V.B.S.; SOARES, A.P. Educação em saúde como principal alternativa para promover a saúde do idoso. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5. p. 2033-2045, 2023. doi: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i5.9947>.

SOARES, W.D.; MAGALHÃES, E.R.M.; VIANA, F.S.; MOURA, W.L. Conhecimento nutricional e consumo alimentar de idosos praticantes de ginástica. **Perspectiva**, v.47, n.177, p. 63-69, 2023. doi: 10.31512/persp.v.47.n.177.2023.292.p.63-69.

TURNER, A.; FLOOD, V.M.; LAMONICA, H.M. Older adults' needs and preferences for a nutrition education digital health solution: A participatory design study. **Health Expect**, v. 27, n. 1, p. e13923, 2024. doi: 10.1111/hex.13923.

TECNOLOGIAS DIGITAIS NA VELHICE

BRUNO SILVA LEITE

Docente da disciplina: Tecnologias da Informação e Comunicação

INTRODUÇÃO

A inclusão digital dos idosos é fundamental para garantir sua participação plena na sociedade contemporânea. O envelhecimento da população é um fenômeno global que tem chamado a atenção de pesquisadores, formuladores de políticas e profissionais da saúde. A velhice, geralmente definida como a fase da vida a partir dos 60 anos, representa um grupo demográfico crescente e diverso. Com o avanço da tecnologia e a proliferação das tecnologias digitais, surge a necessidade de incluir os idosos neste cenário, visando melhorar sua qualidade de vida e promover sua integração social.

As tecnologias digitais, que englobam desde computadores e smartphones até a internet e redes sociais, transformaram a maneira como as pessoas se comunicam, trabalham e acessam informações. No entanto, muitos idosos enfrentam barreiras significativas para adotar essas tecnologias (Vroman; Arthanat; Lysack, 2015). Fatores como a falta de familiaridade, receios quanto à segurança online e dificuldades de usabilidade podem impedir os idosos de aproveitarem os benefícios que as tecnologias digitais oferecem.

A nova geração da Internet tem transformado comportamentos e ideias, com uma avalanche de ferramentas interativas. Com estas ferra-

mentas, podemos (re)construir a Internet e ditar o rumo do conteúdo abordado e da tecnologia. Tudo na rede vai ficando interativo, não só no formato, como nas próprias tecnologias. A Web 2.0 é a segunda geração de serviços na rede, caracterizada por ampliar as formas de produção cooperada e compartilhamento de informações online. Ela propicia maior interatividade, tornando o ambiente presencial e virtual mais dinâmico.

A utilização de estratégias com uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) no processo de ensino e aprendizagem vem provocando, dentre outras reflexões, reflexões relativas à forma de se ensinar e de se aprender neste contexto. São muitos os recursos e estratégias que se utilizam das TIC como suporte para a construção de conhecimento. Percebe-se, entretanto, que a cada dia mais as TIC são incorporadas como recursos didáticos ao processo pedagógico sem uma devida discussão pedagógica. Infelizmente, esta utilização não está sendo acompanhada de um processo amplo de discussão dos aspectos teóricos e práticos envolvidos (Leão, 2011). Segundo Leite (2022), para que as TIC possam trazer alterações no processo educativo, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente.

Nesse sentido, é importante pensar a Inclusão Digital na velhice, dentre diversos benefícios, alguns são:

1. **Melhoria na Qualidade de Vida:** O acesso às tecnologias digitais pode melhorar a qualidade de vida dos idosos de várias maneiras. Aplicativos de saúde, por exemplo, permitem que eles monitorem condições crônicas, acessem consultas médicas online e recebam lembretes de medicação. Além disso, a internet facilita o acesso a informações sobre saúde e bem-estar, promovendo um envelhecimento mais saudável e informado.
2. **Redução do Isolamento Social:** A solidão e o isolamento social são problemas comuns entre os idosos. As redes sociais e plataformas de comunicação, como o WhatsApp e o Skype, possibilitam que os idosos mantenham contato com familiares e amigos, independentemente da distância geográfica. Essas interações sociais são cruciais

para a saúde mental e emocional, ajudando a reduzir sentimentos de solidão e depressão.

3. **Estimulação Cognitiva:** A aprendizagem e o uso de novas tecnologias podem servir como uma forma de estimulação cognitiva para os idosos. Atividades como jogos online, cursos virtuais e pesquisas na internet exigem habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico, contribuindo para a manutenção das funções cognitivas.
4. **Autonomia e Independência:** As tecnologias digitais oferecem ferramentas que podem aumentar a autonomia dos idosos. Serviços de compras online, aplicativos de transporte e banking online permitem que eles realizem atividades diárias de forma independente, sem depender de terceiros. Isso pode aumentar a autoestima e o senso de controle sobre suas vidas.

As possibilidades de formar pessoas idosas por meio das facilidades que as TIC oferecem são promissoras. Sabemos que a prática pedagógica do professor em sala de aula necessita de constantes atualizações, e para isso o computador poderá ser um aliado no processo de ensino e aprendizagem, além de promover um esforço para envolvê-los na continuidade dos seus estudos e no fomento à iniciação à pesquisa. Dentro deste contexto, ações que possibilitem ao professor estar capacitado para uma utilização adequada das TIC na sua prática docente são fundamentais, uma vez que contribuirão para ensinar tecnologias para pessoas idosas.

Para que os benefícios das tecnologias digitais alcancem as pessoas idosas, é fundamental abordar os desafios que impedem sua adoção. Programas de educação digital, que ofereçam treinamentos acessíveis e adaptados às necessidades destes indivíduos, são essenciais. Além disso, o design de tecnologias inclusivas, com interfaces simplificadas e acessíveis, pode facilitar o uso por parte dos idosos.

Nesse sentido, a disciplina buscará um olhar para a utilização das tecnologias digitais para as pessoas que estão vivenciando a velhice. A inclu-

são digital dos idosos é uma questão de crescente importância na sociedade contemporânea (Charness; Boot, 2009). Promover a alfabetização digital e a adoção de tecnologias entre as pessoas idosas não apenas melhora a qualidade de vida, mas também fortalece o tecido social, garantindo que todos os indivíduos possam participar plenamente na era digital.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Como professor de tecnologias digitais, ensinar idosos foi uma das experiências mais gratificantes da minha carreira. Compartilhar conhecimento e ver a empolgação deles ao aprender novas habilidades é extremamente recompensador. Vou compartilhar algumas das experiências e momentos que vivenciamos ao explorar diferentes tópicos no mundo digital.

Nosso primeiro tópico foi “**Tecnologias Digitais**”, em que pudemos ensinar sobre tecnologias digitais, começando com uma introdução aos dispositivos básicos, como computadores, tablets e smartphones. Alguns dos participantes relataram suas experiências ou falta delas em relação ao uso das tecnologias. Com entusiasmo contagiante, apresentei as maravilhas das tecnologias digitais, desde tecnologias mais antigas como a máquina de datilografar até os computadores e a internet, porta de entrada para um universo de conhecimento e conexão.

Meus alunos, inicialmente receosos, logo se envolveram, fascinados com a possibilidade de conversar com pessoas do outro lado do planeta, assistir a filmes e realizar compras sem sair de casa. Discutimos os conceitos de tecnologias, como a transformação de dados em números (0 e 1) e sua aplicação em nossas vidas cotidianas.

Em outra intervenção, debatemos sobre a “**Internet**” e exploramos os diferentes tipos de conexão à internet, sendo um passo importante. Explicamos sobre banda larga, fibra ótica e internet móvel, destacando as diferenças em velocidade e custo. Os alunos ficaram surpresos ao conhecer a Deep Web e seus perigos. A internet é a rede que conecta computadores e dispositivos em todo o mundo. Existem diferentes tipos de conexão à internet: Banda Larga: oferece alta velocidade e é comum em residências;

Fibra Ótica: proporciona velocidades ainda maiores e é mais estável; Internet Móvel: utiliza redes de celular para conectar dispositivos em movimento. Além disso, a internet se revelou como uma biblioteca gigantesca, onde meus alunos puderam pesquisar receitas, notícias, comprar produtos e até mesmo ver a possibilidade de fazer cursos online. Expliquei os diferentes tipos de internet, desde a discada, mais antiga e lenta, até a banda larga, rápida e confiável, que nos permite navegar na web com fluidez.

Passamos a discutir sobre as “**Redes Sociais**”. Este tópico aguçou muito o interesse dos alunos. As redes sociais se tornaram pontes que uniram gerações. Os alunos aprenderam a criar contas em plataformas como Facebook, Instagram e WhatsApp, conectando-se com amigos, familiares e pessoas que compartilhavam seus interesses. Orientamos sobre os cuidados com a privacidade, segurança, respeito e qualidade do conteúdo publicado, enfatizando a importância de serem gentis e responsáveis no mundo online.

A criação de contas e fazer postagens foi um passo prático realizado durante a aula. Montamos perfis no Instagram, e todos se divertiram aprendendo a postar fotos e escrever legendas. Durante esse processo, discutimos sobre os procedimentos para escolhermos um nome de usuário e uma senha segura. Depois, fizemos nossa primeira postagem – neste caso, fiz na minha rede social para que eles pudessem ver como proceder. Discutimos sobre como configurar a privacidade do perfil nas redes sociais. Redes sociais, como Facebook e Instagram, são ótimas para compartilhar momentos e manter contato. No entanto, é essencial seguir algumas dicas de segurança expressadas durante a aula: Privacidade – Ajuste as configurações para controlar quem pode ver suas postagens; Informações Pessoais – Evite compartilhar detalhes como endereço ou número de telefone; Postagens – Pense antes de postar. Pergunte-se se a informação é apropriada para compartilhar publicamente. Em seguida, praticamos postar uma foto com uma legenda, garantindo que apenas amigos possam ver.

Os alunos criaram suas contas nas redes sociais, seguindo as instruções dadas durante a aula. Eles escolhiam fotos de perfil e escreviam suas primeiras postagens. Alguns compartilhavam receitas, outras fotos de

netos. Depois, observamos que os alunos estavam enviando mensagens e fotos para seus familiares e amigos. A alegria nos olhos deles era contagiante, especialmente quando conseguiram fazer corretamente as ações. Criar uma conta em uma rede social é o primeiro passo para começar a compartilhar e interagir online.

Na aula dedicada à “**Edição audiovisual**”, utilizamos o aplicativo InSHOT, embora existissem outros. Entendemos que apresentar vários aplicativos não ajudaria os alunos a compreenderem as etapas para a edição, uma vez que os aplicativos têm suas particularidades e configurações específicas. Um dos pontos mais engajados foi quando os estudantes aprenderam a fazer uma foto panorâmica (Figura 1).

Usamos um aplicativo simples para melhorar as fotos, adicionar filtros e textos. Alguns alunos criaram cartão de aniversário digital, outros montaram imagens com seus parceiros usando fotos e efeitos. Pegamos uma foto do grupo, tirada durante a aula, e realizamos a edição, adicionando filtros para melhorar as cores, cortando para focar nos rostos. O entusiasmo deles era contagiante à medida que exploravam sua criatividade e expressavam seus talentos por meio da tecnologia



Figura 1. Exemplo de foto panorâmica realizada com a turma.

A abordagem envolvendo “**Armazenamento**” nas nuvens chamou a atenção deles, já que era uma pergunta constante sobre o que seria essa tal

de “nuvens”. Ensinamos sobre armazenamento na nuvem e como usar o Google Drive. Mencionamos o Dropbox e o OneDrive, porém não trabalhamos neles tendo em vista o pouco tempo da aula e as particularidades destes recursos. Realizamos um *upload* de uma foto para o Google Drive. Em seguida, mostramos como compartilhar esse arquivo com um familiar ou amigo, permitindo que vejam ou façam o download da foto. Expandimos a explicação para outros arquivos, como documentos e vídeos. Criamos também pastas. A nuvem se tornaria um baú virtual de memórias para eles.

O armazenamento na nuvem se tornou um aliado precioso, permitindo que meus alunos guardassem seus arquivos com segurança e acessibilidade. Apresentei as vantagens e desvantagens de cada plataforma.

Em outras aulas exploramos os “Aplicativos” para facilitar o dia a dia dos idosos. A ideia é que os alunos conhecessem os diferentes tipos de aplicativos, desde aplicativos para compras até aplicativos para ganharem pontos. Mergulhamos no universo dos aplicativos, explorando ferramentas para compras, como o Mercado Livre, Amazon, Shopee, entre outros, aplicativos para pedir comida, como iFood e Rappi, e aplicativos para viagens e aluguéis, como Booking.com, Tudo Azul, LATAM pass e Smiles. Os alunos se maravilharam com a praticidade e comodidade que essas ferramentas proporcionam, facilitando o dia a dia e abrindo novas possibilidades. Realizamos algumas simulações de compras nos aplicativos para possibilitar uma maior imersão dos estudantes.

Partimos para um dos últimos conteúdos a serem discutidos, que envolvia a “Inteligência Artificial” e as “Fake News”. A inteligência artificial (IA) foi um tema fascinante. Expliquei o que é IA, como ela funciona e seus diversos usos, desde o reconhecimento facial até carros autônomos. Explicamos como a IA pode estar relacionada com as notícias falsas e discutimos a importância de verificar notícias.

A inteligência artificial, com suas capacidades impressionantes, despertou a curiosidade dos alunos. Abordamos também os perigos das fake news, ensinando-os a identificar informações falsas e confiáveis na internet. Os estudantes ficaram impressionados com as habilidades do assis-

tente de voz, também aprenderam sobre a importância de questionar as informações encontradas online para evitar fake news. Os alunos debatiam sobre fake news e como discernir informações confiáveis. Eles se tornavam mais críticos, questionando o que viam nas telas e compartilhando com os amigos.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente vivenciamos a intrínseca necessidade de maior envolvimento, quando nos referimos à comunicação entre as pessoas e suas atividades, representada através das tecnologias da informação e comunicação (TIC), sejam escolares, profissionais ou mesmo de lazer. Percebe-se que a cada dia as TIC são incorporadas como recursos didáticos ao processo pedagógico. Infelizmente, esta utilização não está sendo acompanhada de um processo amplo de discussão dos aspectos teóricos e práticos envolvidos (Leite, 2015).

A rápida evolução das tecnologias digitais transformou profundamente a sociedade contemporânea, impactando todos os aspectos da vida, incluindo a comunicação, o trabalho e a educação. No entanto, a inclusão digital da população idosa ainda representa um desafio significativo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2024), a população idosa mundial está crescendo rapidamente, com previsões de que o número de pessoas com 60 anos ou mais dobre até 2050. Nesse contexto, a alfabetização digital emerge como uma necessidade essencial para promover a inclusão social e a autonomia dos idosos.

Diversos estudos destacam os benefícios das tecnologias digitais para a população idosa. A utilização dessas tecnologias pode melhorar a qualidade de vida dos idosos, promovendo a saúde mental, física e emocional. Segundo um estudo de Gatto e Tak (2008), a participação em programas de alfabetização digital está associada a um aumento na autoeficácia e na autoestima dos idosos, além de proporcionar oportunidades de aprendizagem contínua e interação social.

A pesquisa de Czaja et al. (2006) demonstra que o uso de computadores

e internet pode reduzir o isolamento social dos idosos, facilitando a comunicação com familiares e amigos. Além disso, as tecnologias digitais oferecem ferramentas valiosas para a gestão da saúde, como aplicativos de monitoramento de condições crônicas e plataformas de telemedicina, que possibilitam o acesso a cuidados de saúde de maneira mais conveniente e acessível. Apesar dos benefícios, a adoção de tecnologias digitais por idosos enfrenta vários obstáculos. De acordo com Morris et al. (2007), os principais desafios incluem a falta de familiaridade com a tecnologia, barreiras cognitivas, físicas e perceptivas, bem como receios quanto à segurança e privacidade online. Esses obstáculos podem ser agravados pela percepção de inadequação das tecnologias disponíveis, que muitas vezes não são projetadas com as necessidades dos idosos em mente.

A resistência inicial ao uso de tecnologias digitais também é um fator significativo. Muitos idosos podem se sentir intimidados por novas tecnologias e hesitantes em participar de programas de alfabetização digital devido a experiências passadas negativas ou uma percepção de que essas habilidades são irrelevantes para sua vida cotidiana.

Para superar esses desafios, é crucial adotar abordagens pedagógicas adaptadas às necessidades e capacidades dos idosos. Estudos indicam que programas de educação digital para idosos devem ser estruturados de maneira inclusiva e acessível. Barnard et al. (2013) destacam a importância de uma abordagem centrada no usuário, que envolva o feedback contínuo dos participantes e ajuste das metodologias de ensino conforme necessário. A utilização de tutoriais passo a passo, suporte individualizado e a criação de um ambiente de aprendizado positivo e sem julgamentos são fundamentais para o sucesso desses programas.

A prática constante e a repetição são essenciais para a consolidação das novas habilidades digitais. Além disso, a integração de tecnologias familiares, como smartphones e tablets, pode facilitar a transição para o uso de novas ferramentas digitais.

A todo instante surgem novos processos e produtos diferenciados e sofisticados: telefones celulares, softwares, vídeos, computador multimídia, Internet, televisão interativa, videogames etc. (Kenski, 2007).

A internet é uma ferramenta poderosa que oferece acesso a uma vasta gama de informações e serviços. Estudos indicam que o uso da internet pode ter um impacto positivo significativo na vida dos idosos. O uso regular da internet está associado a menores níveis de depressão entre idosos, além de proporcionar uma maior sensação de controle e independência. No entanto, a adoção da internet por idosos enfrenta desafios como a falta de familiaridade com a tecnologia e o medo de cometer erros. É preciso que programas de alfabetização digital focados em idosos incluam instruções claras, suporte contínuo e a criação de um ambiente de aprendizado acolhedor e sem pressões.

As redes sociais, como Facebook e Instagram, são plataformas populares que podem ajudar os idosos a manter contato com amigos e familiares, promovendo a socialização e o engajamento comunitário. O uso de redes sociais pode reduzir o isolamento social e melhorar a qualidade de vida dos idosos. Contudo, é crucial educar os idosos sobre os riscos associados ao uso dessas plataformas, incluindo questões de privacidade e segurança.

O armazenamento em nuvem oferece uma solução prática para gerenciar e acessar documentos, fotos e outros dados de qualquer lugar. Serviços como Google Drive, Dropbox e OneDrive são amplamente utilizados e podem ser particularmente úteis para idosos, permitindo-lhes compartilhar fotos e documentos com familiares e amigos facilmente. A adoção do armazenamento em nuvem pode facilitar a organização e a preservação de memórias digitais, como fotos de família. No entanto, a complexidade técnica e preocupações com a segurança dos dados podem representar barreiras para os idosos. Programas de treinamento devem focar em tornar esses serviços acessíveis e intuitivos, proporcionando instruções passo a passo e suporte contínuo.

Aplicativos de compras online, como Amazon, e aplicativos de serviços como Uber Eats e iFood, oferecem conveniência e acessibilidade, especialmente para idosos com mobilidade reduzida. O uso de aplicativos para compras pode aumentar a independência dos idosos, permitindo-lhes adquirir bens e serviços sem sair de casa. No entanto, a usabilidade desses aplicativos pode ser um desafio, sendo necessário que os

desenvolvedores considerem as necessidades específicas dos idosos ao projetar interfaces de usuário, garantindo que sejam intuitivas e fáceis de navegar. Além disso, programas de educação digital devem incluir sessões práticas, onde os idosos possam aprender a usar esses aplicativos com segurança e confiança.

CONSIDERAÇÕES

A inclusão digital dos idosos é uma questão crucial na sociedade contemporânea. As tecnologias digitais oferecem inúmeros benefícios, desde a promoção da saúde e bem-estar até a redução do isolamento social. No entanto, a adoção dessas tecnologias enfrenta desafios significativos que devem ser abordados mediante estratégias pedagógicas eficazes e adaptadas às necessidades dos idosos. A internet, redes sociais, armazenamento em nuvem e aplicativos de compras oferecem inúmeras oportunidades para melhorar a qualidade de vida dos idosos. No entanto, a inclusão digital eficaz exige abordagens pedagógicas adaptadas e um suporte contínuo.

As experiências vivenciadas durante a disciplina revelam a importância da alfabetização digital entre os idosos, não apenas melhorando sua qualidade de vida, mas também fortalecendo o tecido social, garantindo que todos possam participar plenamente na era digital.

REFERÊNCIAS

- BARNARD, Y.; BRADLEY, M. D.; HODGSON, F.; LLOYD, A. D.. Learning to use new technologies by older adults: Perceived difficulties, experimentation behaviour and usability. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 4, p. 1715-1724, 2013.
- CHARNESS, N.; BOOT, W. R. Aging and information technology use: Potential and barriers. **Current Directions in Psychological Science**, v. 18, n. 5, p. 253-258, 2009.

- CZAJA, S. J., et al. Factors predicting the use of technology: Findings from the Center for Research and Education on Aging and Technology Enhancement (CREATE). **Psychology and Aging**, v. 21, n. 2, p. 333-352, 2006.
- GATTO, S. L., & TAK, S. H. Computer, internet, and e-mail use among older adults: Benefits and barriers. **Educational Gerontology**, v. 34, n. 9, p. 800-811, 2008.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Papirus, Campina, 2007.
- LEÃO, M. B. C. **Tecnologias na educação: uma abordagem crítica para uma atuação prática**. Recife: EDUFRPE, 2011. 179 p.
- LEITE, B. S. **Tecnologias digitais na educação: da formação à aplicação**. São Paulo: Livraria da Física, 2022.
- LEITE, B. S. **Tecnologias no ensino de química: teoria e prática na formação docente**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2015.
- MORRIS, M. G., VENKATESH, V., ACKERMAN, P. L. Gender and age differences in employee decisions about new technology: An extension to the theory of planned behavior. **IEEE Transactions on Engineering Management**, v. 54, n. 1, p. 69-84, 2007.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, (OMS). **Ageing and health**. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>. Acesso em 12 out. 2024.
- VROMAN, K. G., ARTHANAT, S., LYSACK, C. “Who over 65 is online?” Older adults’ dispositions toward information communication technology. **Computers in Human Behavior**, v. 43, p. 156-166, 2015.

DESBRAVANDO NOVOS CAMINHOS: A EXPERIÊNCIA DOCENTE NA DISCIPLINA “SEMINÁRIO DE CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL”

EVERTON WILLIAN DE OLIVEIRA CAVALCANTI

Docente da disciplina: Seminário de Construção do Memorial I

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência docente ao longo de dez encontros na disciplina “Seminário de Construção do Memorial”, ministrada para duas turmas de pessoas idosas na Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa. Antes de mais nada, destacamos que a criação desta universidade se configura como uma ação vanguardista, alinhada ao compromisso do poder público em desenvolver iniciativas que valorizem a população idosa e combatam o etarismo. A promoção de atividades acadêmicas para pessoas idosas não apenas representa um avanço significativo nas políticas educacionais inclusivas, mas também reforça a importância da educação continuada ao longo da vida.

A proposta pioneira da Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa visa integrar as trajetórias de vida dos participantes ao ambiente acadêmico, estimulando a produção de memórias e reflexões que contribuem para a valorização da história individual e coletiva. Esse processo de inclusão educativa e social é fundamental para a promoção da cidadania ativa

e para o fortalecimento das redes de apoio e convivência entre as pessoas idosas. No entanto, a implementação de tal proposta inovadora apresenta desafios consideráveis, especialmente em relação à diversidade de níveis educacionais dos participantes. A heterogeneidade das turmas, composta por indivíduos com variadas experiências e formações, exigiu a adaptação de metodologias e estratégias pedagógicas específicas, além da superação de barreiras tecnológicas inerentes ao processo de aprendizagem na velhice.

A disciplina “Seminário de Construção do Memorial I” foi estruturada visando proporcionar um espaço de expressão e compartilhamento de vivências, onde cada participante pudesse elaborar um memorial que refletisse sua trajetória de vida, conquistas e desafios. Este processo de construção do memorial foi concebido não apenas como um exercício acadêmico, mas como uma prática de valorização da identidade e da memória destes estudantes. A abordagem metodológica foi fundamentada em princípios de educação dialógica, valorizando a troca de saberes e experiências entre os participantes e o corpo docente.

Os êxitos alcançados ao longo do curso são notáveis e refletem a capacidade de adaptação e resiliência dos participantes. A troca intergeracional e o compartilhamento de histórias de vida enriqueceram não apenas o conteúdo dos memoriais produzidos, mas também fortaleceram o senso de pertencimento e autoestima. A experiência revelou-se transformadora, tanto para os alunos quanto para os professores, evidenciando o potencial emancipador da educação na velhice.

No que se refere aos desafios enfrentados, estes foram variados, indo desde a adaptação das tecnologias de ensino para atender às necessidades específicas das pessoas idosas até a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo que promovesse a participação ativa de todos os envolvidos. Estratégias pedagógicas diversificadas foram empregadas, incluindo atividades colaborativas, utilização de recursos audiovisuais e técnicas de narração oral, visando facilitar a expressão pessoal e a construção do conhecimento de forma significativa e acessível.

A integração de práticas pedagógicas inclusivas e a adaptação às necessidades específicas dos participantes demonstram a viabilidade e a

importância de iniciativas com a característica desta aqui relatada. A seguir, serão apresentados em detalhe os objetivos, a estrutura curricular e as metodologias empregadas na disciplina, bem como as experiências e reflexões dos participantes, oferecendo uma visão abrangente do impacto e dos desafios desta inovadora proposta educativa.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A disciplina “Seminário de Construção do Memorial”, estruturada em dez encontros, foi cuidadosamente elaborada para explorar conceitos fundamentais e desenvolver habilidades essenciais para a construção de um memorial, que se apresentará como trabalho final do curso. Cada encontro abordou tópicos específicos, interligando teoria e prática, e adaptando-se ao perfil diversificado dos discentes idosos, cujos níveis de escolaridade variavam amplamente. Esta abordagem inclusiva e dinâmica foi essencial para garantir a participação ativa e o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos participantes.

1º Encontro: Conceitos do Memorial Acadêmico: Exploração Conceitual, Características e Aplicabilidade.

No primeiro encontro, foram introduzidos os conceitos básicos do memorial acadêmico, estabelecendo as bases para todo o curso. A aula começou com uma apresentação detalhada sobre o que é um memorial acadêmico, explicando que se trata de um documento reflexivo que registra a trajetória acadêmica e profissional do indivíduo, destacando momentos importantes, conquistas, desafios e aprendizados. A exploração conceitual incluiu uma análise das diferentes funções do memorial, que pode servir tanto como um registro pessoal quanto como um instrumento de avaliação e autoavaliação.

A aplicabilidade do memorial acadêmico foi um ponto crucial abordado no encontro, revisitando sua relevância prática e teórica. Inicialmente, discutiu-se como o memorial pode ser utilizado como uma ferramenta de documentação e valorização das trajetórias de vida e acadêmicas dos parti-

participantes. Ao registrar suas experiências, os indivíduos são capazes de reconhecer e articular suas contribuições e progressos ao longo do tempo. Este reconhecimento não apenas fortalece a autoestima dos participantes, mas também oferece uma visão clara de suas realizações e desafios superados, criando um registro valioso que pode ser utilizado em diversas esferas.

Os participantes foram incentivados a refletir profundamente sobre suas experiências e a considerar como o memorial pode servir como um meio de autoavaliação e crescimento pessoal. Foi destacado que o memorial não deve ser visto apenas como uma tarefa acadêmica ou uma exigência institucional, mas como uma oportunidade para a autorreflexão. Esta prática reflexiva promove um entendimento mais profundo de si e de suas trajetórias, contribuindo para um desenvolvimento pessoal contínuo. Além disso, a aplicabilidade do memorial foi ampliada para incluir sua função como uma ferramenta de reavaliação estruturada e significativa das experiências de vida. Ao revisitar e reavaliar suas experiências de maneira sistemática, os participantes podem descobrir novos significados e perspectivas sobre eventos passados. Este processo de reavaliação não apenas enriquece a narrativa pessoal, mas também proporciona insights valiosos que podem influenciar decisões futuras e orientar o caminho acadêmico e profissional.

2º Encontro: Técnicas Narrativas: Características, Tipos e Construção Narrativa.

O segundo encontro focou nas técnicas narrativas, essenciais para a construção de um memorial envolvente e significativo. A sessão começou com uma introdução teórica sobre a importância da narrativa na estruturação de memórias, destacando como a narrativa permite dar sentido e coesão às experiências de vida. Foram discutidas as características fundamentais das narrativas eficazes, como clareza, coesão e a capacidade de engajar o leitor emocionalmente. Os diferentes tipos de narrativa também foram explorados, incluindo a narrativa linear, que segue uma sequência cronológica; a narrativa não linear, que pode incluir flashbacks e saltos temporais; e a narrativa reflexiva, que incorpora elementos de introspec-

ção e análise crítica. Cada tipo de narrativa foi ilustrado com exemplos práticos, facilitando a compreensão dos conceitos pelos participantes.

Após a parte teórica, os participantes foram convidados a se engajar em exercícios práticos de construção narrativa. Estes exercícios foram projetados para estimular a criatividade e a expressão pessoal. Um dos exercícios envolveu a criação de um breve esboço narrativo sobre um evento significativo na vida de cada participante, incentivando-os a aplicar os diferentes tipos de narrativa discutidos. A diversidade de níveis educacionais dos participantes foi levada em conta ao planejar essas atividades. Recursos visuais, exemplos práticos e explicações detalhadas foram utilizados para assegurar que todos pudessem acompanhar e participar plenamente. O ambiente colaborativo permitiu que aqueles com mais experiência acadêmica apoiassem seus colegas, promovendo um aprendizado mútuo e enriquecedor.

Este encontro evidenciou a importância das técnicas narrativas na construção de memoriais que não apenas documentem eventos, mas também transmitam as emoções e reflexões dos participantes, tornando suas histórias mais vivas e impactantes. A prática de diferentes formas de narrativa e a oportunidade de compartilhar experiências ajudaram a criar uma base sólida para os encontros subsequentes, onde essas habilidades seriam refinadas e integradas na produção dos memoriais.

3º Encontro: Reflexão Crítica na Trajetória Acadêmica: Avaliação Crítica do Percurso Formativo e Identificação de Momentos Importantes da Formação Acadêmica e Pessoal.

Durante o terceiro encontro, os participantes foram incentivados a realizar uma avaliação crítica de suas trajetórias acadêmicas e pessoais, um exercício essencial para a construção de um memorial significativo. Esta avaliação crítica envolveu a análise detalhada de seus percursos educacionais e de vida, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências que moldaram suas identidades. O processo começou com uma orientação teórica sobre os benefícios da reflexão crítica, destacando como a capacidade de avaliar e questionar suas próprias experiências pode levar a um crescimento pessoal e acadêmico mais robusto.

Os participantes foram guiados por meio de atividades estruturadas que facilitaram a identificação de momentos-chave em suas formações. Eles foram encorajados a pensar sobre eventos significativos, conquistas, desafios e transformações que marcaram suas jornadas. Este exercício não apenas ajudou a revisitar memórias importantes, mas também proporcionou uma oportunidade para os participantes reconhecerem padrões e temas recorrentes em suas trajetórias. A identificação desses momentos-chave foi crucial, pois formaram a base sobre a qual os memoriais seriam construídos, permitindo uma narrativa coesa e significativa.

Além disso, o encontro promoveu um ambiente de partilha e discussão, onde os participantes puderam trocar histórias e reflexões com seus colegas. Esta interação foi valiosa, pois permitiu que os indivíduos vissem suas próprias experiências sob novas perspectivas, ao ouvir e refletir sobre as jornadas dos outros. A diversidade das histórias compartilhadas enriqueceu o entendimento coletivo e fortaleceu o senso de comunidade entre os participantes. A prática da reflexão crítica, portanto, não só facilitou a identificação de momentos importantes, mas também promoveu um espaço de aprendizado mútuo e de valorização das trajetórias individuais e coletivas.

4º Encontro: Escrita Acadêmica Reflexiva: Desenvolvimento de Habilidades de Escrita (Oficina).

O quarto encontro foi integralmente dedicado ao desenvolvimento de habilidades de escrita acadêmica reflexiva, um componente fundamental para a construção de memoriais significativos. A aula começou com uma breve introdução teórica sobre os princípios da escrita reflexiva, enfatizando a importância de articular pensamentos e emoções de maneira clara e coesa. Foi explicado como a escrita reflexiva não só documenta experiências, mas também facilita uma análise profunda e crítica dessas vivências, promovendo uma compreensão mais rica e detalhada das trajetórias individuais. A seguir, os participantes foram envolvidos em oficinas práticas projetadas para exercitar suas habilidades de escrita. Estas oficinas incluíram atividades como a elaboração de parágrafos reflexivos sobre eventos específicos de suas vidas acadêmicas e pessoais, além de exercí-

cios de escrita livre que incentivavam a expressão espontânea e genuína de pensamentos e sentimentos. Durante estas atividades, os participantes receberam orientação e feedback contínuos, ajudando-os a aprimorar suas técnicas de escrita e a desenvolver uma voz narrativa única e autêntica.

A necessidade de adaptar as atividades ao nível variado de escolaridade dos participantes foi um desafio significativo, mas também uma oportunidade valiosa para promover a aprendizagem entre pares. Para atender a essa diversidade, foram implementadas estratégias diferenciadas, como a formação de grupos de trabalho heterogêneos, onde participantes com mais experiência acadêmica puderam apoiar aqueles com menos prática. Esta abordagem colaborativa não apenas facilitou a aquisição de habilidades de escrita reflexiva, mas também fortaleceu o espírito de apoio mútuo entre os participantes. Os mais experientes tiveram a chance de consolidar seus conhecimentos ao ensinar, enquanto os menos experientes se beneficiaram do suporte e dos exemplos fornecidos por seus colegas.

5º e 6º Encontros: Síntese Narrativa e Integração de Referências.

No quinto encontro, os alunos foram introduzidos à integração de referências e à síntese de suas narrativas, componentes essenciais para a criação de um memorial acadêmico coerente e bem estruturado. Inicialmente, discutimos a importância das referências acadêmicas e não acadêmicas e como estas podem enriquecer e validar a narrativa pessoal, proporcionando um contexto mais amplo e fundamentado. Os participantes aprenderam a identificar e selecionar referências relevantes, além de técnicas para incorporá-las de maneira fluida em seus textos, garantindo que estas complementassem e reforçassem suas próprias reflexões e experiências.

A abordagem deste conteúdo exigiu uma combinação de explicações teóricas detalhadas e exercícios práticos. Durante a aula, foram apresentados exemplos de como diferentes tipos de referências — desde artigos acadêmicos até citações de obras literárias, documentos históricos e falas registradas durante as aulas — podem ser integrados de maneira eficaz. Em seguida, os participantes se engajaram em atividades práticas, onde puderam aplicar as técnicas discutidas em seus próprios textos. Este pro-

cesso foi intensamente interativo, com os alunos recebendo feedback contínuo para aprimorar suas habilidades de síntese e integração.

Devido à complexidade do tema, tornou-se evidente a necessidade de continuar este tópico no encontro seguinte para garantir uma compreensão completa e a aplicação eficaz das técnicas discutidas. Assim, o sexto encontro deu continuidade ao trabalho iniciado anteriormente, com uma oficina prática dedicada à síntese narrativa e à integração de referências, com foco maior na integração de referências e na questão do plágio. Esta repetição do conteúdo foi fundamental para consolidar os conhecimentos adquiridos e reforçar as habilidades dos participantes.

A oficina proporcionou um espaço para que os alunos aplicassem de forma prática as técnicas de integração de referências discutidas previamente, agora com uma compreensão mais profunda e refinada. Ao final do sexto encontro, houve uma notável evolução na qualidade das narrativas e na capacidade dos alunos de integrar referências de maneira coesa e significativa. Esta progressão foi essencial não apenas para a construção de um memorial robusto, mas também para o desenvolvimento das competências de pesquisa e escrita dos participantes, preparando-os para os desafios futuros. A continuidade e a repetição do conteúdo garantiram que todos os alunos, independentemente de seu nível inicial de habilidade, pudessem acompanhar e progredir adequadamente.

7º Encontro: Aprimoramento da Formalidade na Escrita Acadêmica.

No sétimo encontro, o foco foi direcionado ao aprimoramento da formalidade na escrita, um aspecto crucial para a qualidade e a credibilidade dos memoriais. A sessão começou com uma introdução teórica sobre as normas de formalidade na escrita acadêmica, discutindo elementos como o uso adequado da linguagem técnica, a construção de argumentos sólidos e a manutenção de um tom impessoal e objetivo. Foram apresentados exemplos de textos acadêmicos formais para ilustrar essas características, facilitando a compreensão dos participantes.

Os participantes então se organizaram em atividades práticas de revisão e refinamento de seus textos. Através de exercícios específicos,

eles aprenderam a identificar e corrigir elementos de informalidade, como gírias, expressões coloquiais e construções gramaticais inadequadas. Este processo de revisão foi essencial para ajustar o nível de formalidade adequado para um memorial, assegurando que suas narrativas fossem apresentadas de maneira profissional e coerente com as expectativas acadêmicas.

Para aqueles com menor experiência acadêmica, este conteúdo apresentou desafios significativos. Muitos participantes estavam acostumados a estilos de escrita mais informais e encontraram dificuldades em adaptar sua linguagem para um padrão mais formal. No entanto, a colaboração e o apoio mútuo entre os participantes foram fundamentais para superar essas barreiras. Participantes mais experientes compartilharam suas habilidades e conhecimentos, oferecendo dicas práticas e ajudando seus colegas a entender e aplicar os princípios discutidos. As atividades colaborativas incluíram a formação de pequenos grupos de revisão, onde os participantes puderam reescrever textos, modificando a linguagem informal para uma mais próxima da formalidade. Esta troca de ideias e experiências não só melhorou a qualidade dos textos, mas também promoveu um ambiente de aprendizado coletivo e inclusivo. O suporte entre pares facilitou a integração de todos os participantes no processo de aprimoramento da escrita acadêmica, independentemente de seu nível inicial de habilidade.

Ao final do encontro, a maioria dos participantes conseguiu realizar ajustes significativos em seus textos, elevando o nível de formalidade e aprimorando a clareza e a coesão de suas narrativas. A atividade não apenas melhorou a qualidade dos memoriais, mas também aumentou a confiança dos participantes em suas habilidades de escrita acadêmica.

8º Encontro: Oficinas Práticas de Construção do Memorial (Oficina).

O oitavo encontro foi dedicado às oficinas práticas de construção do memorial, representando um marco significativo onde os participantes tiveram a oportunidade de aplicar de maneira prática todos os conhecimentos adquiridos até então. Essa sessão foi especialmente enriquecida pela presença e orientação das monitoras da universidade, que desempe-

nharam um papel crucial na tutoria individualizada oferecida aos alunos. As monitoras trabalharam de perto com cada participante, oferecendo feedback personalizado e orientações específicas para o desenvolvimento de seus memoriais acadêmicos. Este suporte direcionado não apenas ajudou a esclarecer dúvidas técnicas e conceituais, mas também incentivou os participantes a explorarem suas narrativas de maneira mais profunda e reflexiva. Além da tutoria individualizada, a dinâmica de grupo durante as oficinas foi fundamental para o sucesso do encontro.

A presença das monitoras não apenas facilitou o progresso individual dos participantes, mas também contribuiu significativamente para a atmosfera de aprendizado inclusivo e acolhedor. Sua expertise e dedicação foram essenciais para assegurar que todos os participantes se sentissem apoiados e capacitados ao enfrentar os desafios da construção de seus memoriais. Ao final do encontro, muitos participantes expressaram gratidão pela orientação recebida, reconhecendo o papel crucial das monitoras na sua jornada de aprendizado e na criação de um memorial que verdadeiramente refletisse suas trajetórias e conquistas pessoais.

9º Encontro: Revisão Coletiva e Feedback Construtivo (Oficina).

No nono encontro, os participantes se reuniram para uma revisão coletiva dos textos em produção, uma etapa crucial que envolveu a troca de feedback construtivo entre os membros do grupo. Esta atividade foi essencial não apenas para aprimorar a qualidade dos memoriais, mas também para proporcionar uma oportunidade valiosa de aprendizado e desenvolvimento contínuo. Durante a aula, cada participante teve a oportunidade de apresentar textos aos colegas e às monitoras, compartilhar ideias sobre suas narrativas e receber sugestões para melhorias. O processo de revisão coletiva permitiu que os participantes identificassem pontos fortes nas escritas, reconhecendo aspectos que estavam eficazes e bem desenvolvidos.

10º Encontro: Seminário de Apresentação dos Memoriais Acadêmicos em Produção.

No décimo e último encontro, o foco principal foi a discussão sobre a

autonomia e independência dos participantes na criação de seus memoriais. Este momento representou uma fase crucial do curso, onde os estudantes foram encorajados a exercerem sua criatividade e liberdade na escolha do formato e na elaboração de seus trabalhos. Foi enfatizado que o memorial não deveria ser apenas uma conformação aos padrões acadêmicos convencionais, mas sim uma expressão genuína e pessoal de suas experiências e aprendizados ao longo da vida. Os participantes tiveram a oportunidade de explorar diferentes abordagens para a apresentação de seus memoriais. Alguns optaram por seguir o modelo acadêmico clássico, estruturando seus trabalhos conforme as normas tradicionais de pesquisa e escrita acadêmica. Outros escolheram explorar formatos narrativos mais criativos e pessoais, utilizando elementos de história pessoal, reflexões íntimas e textos regionais para contar suas histórias de vida e acadêmicas de uma maneira mais artística e envolvente.

Esta abordagem diversificada ressaltou o potencial de personalização de cada memorial, permitindo que os participantes expressassem suas individualidades e experiências de maneiras diversas e autênticas. A discussão sobre autonomia e escolha pessoal não apenas incentivou a criatividade dos estudantes, mas também fortaleceu seu senso de propriedade sobre seus trabalhos acadêmicos. Este encontro não foi apenas uma conclusão do curso, mas também um reflexo do compromisso da universidade em valorizar a diversidade de vozes e formas de expressão, reconhecendo que há muitas maneiras válidas de compartilhar e celebrar as trajetórias acadêmicas e pessoais dos participantes.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Halbwachs (2012) discute, o ato de recordar não é um processo isolado e individual, mas sim um fenômeno social complexo. Quando uma pessoa narra suas lembranças, ela não apenas revive eventos do passado pessoal, mas também se insere em um contexto social compartilhado. Halbwachs utiliza o conceito de “comunidade afetiva” para descrever essa conexão, enfatizando que as lembranças individuais são influen-

ciadas e moldadas pelas interações sociais e pelos vínculos emocionais com outros indivíduos.

Pode-se observar que todo indivíduo possui memória, independentemente da fase da vida em que se encontra. Segundo Bosi (2012), as lembranças de uma pessoa idosa frequentemente revelam uma narrativa socialmente enraizada, pois elas testemunharam e viveram em um contexto histórico e culturalmente definido. Essa perspectiva sugere que as memórias dos idosos são moldadas por experiências compartilhadas e padrões culturais que permearam suas vidas ao longo do tempo. Ao contrário dos mais jovens e adultos imersos nas dinâmicas contemporâneas, as pessoas idosas tendem a focar mais na evocação das memórias do que na produção de novas experiências. Bosi (2012) destaca essa diferença, indicando que, enquanto os jovens são incentivados a criar e contribuir para a sociedade atual, as pessoas idosas são valorizadas por suas lembranças e pela riqueza de sua história pessoal e coletiva.

A reflexão de Bosi (2012) sobre a memória e a contribuição das pessoas idosas à sociedade lança luz sobre um fenômeno frequentemente obscurecido: a tendência de desvalorizar as capacidades e contribuições das pessoas idosas. Ao afirmar que as lembranças dos idosos revelam uma história socialmente enraizada e culturalmente definida, Bosi sublinha a importância de reconhecer o papel crucial que estas pessoas desempenham na preservação e transmissão da memória coletiva. No entanto, essa percepção também traz à tona uma discussão crítica sobre os preconceitos etaristas presentes na sociedade contemporânea.

É inegável que muitas vezes a velhice é vista através de uma lente que a associa à improdutividade e à marginalização social. Essa visão limitada ignora a vasta experiência de vida, o conhecimento acumulado ao longo dos anos e a sabedoria que os idosos podem oferecer à sociedade. Ao reduzir estes indivíduos apenas ao papel de guardiões do passado, sem reconhecer sua capacidade de continuar contribuindo de maneiras significativas no presente, a sociedade perpetua estereótipos prejudiciais e limita o potencial de enriquecimento mútuo entre as gerações.

No contexto do “Seminário de Construção do Memorial”, foi essen-

cial desafiar esses estereótipos e promover uma abordagem mais inclusiva e valorativa da experiência dos estudantes. Ao escreverem seus memoriais, os estudantes idosos não apenas documentam suas próprias histórias, mas também oferecem reflexões profundas sobre a evolução social, cultural e histórica de suas comunidades. Cada narrativa pessoal não é apenas um testemunho individual, mas também uma contribuição vital para o entendimento coletivo da história compartilhada. Essa perspectiva destaca que as memórias não são estáticas ou imutáveis, mas dinâmicas e construídas socialmente. Os eventos lembrados são filtrados através das experiências coletivas e dos valores compartilhados dentro de um grupo específico.

Halbwachs argumenta que as memórias individuais são, portanto, inseparáveis das memórias coletivas que constituem uma comunidade afetiva. Esse conceito sugere que nossas lembranças são continuamente influenciadas e reinterpretadas pelos padrões sociais, pelas normas culturais e pelas experiências compartilhadas com outros membros do grupo social. Assim, ao narrar suas lembranças, o indivíduo não apenas revela aspectos de sua história pessoal, mas também contribui para a construção e manutenção da identidade coletiva de sua comunidade afetiva.

Os conceitos de Maurice Halbwachs sobre a interação entre memórias individuais e coletivas, aliados à perspectiva de Souza (2008) sobre a narração escrita, oferecem uma visão profunda sobre o papel da memória na construção da identidade pessoal e coletiva. Halbwachs argumenta que as memórias individuais são inseparáveis das memórias coletivas que constituem uma “comunidade afetiva”, sendo constantemente moldadas pelos padrões sociais e pelas experiências compartilhadas dentro desses contextos sociais. Ao narrar suas lembranças, os indivíduos não apenas revelam aspectos de suas histórias pessoais, mas também contribuem para a perpetuação e a renovação da identidade cultural e social de seu grupo.

Por outro lado, Souza (2008) enfatiza que a prática da narração escrita transcende a simples descrição cronológica de eventos passados. Ela se revela como um processo profundo de reflexão e apropriação das experiências vividas ao longo da vida. A escrita narrativa não só possibilita uma exploração detalhada e analítica dos momentos cruciais e das transforma-

ções ao longo do tempo, mas também promove um contínuo autoconhecimento. Cada revisão e reinterpretação das experiências passadas contribui para uma compreensão mais profunda do eu individual e do contexto social e cultural que as moldaram, fortalecendo assim a conexão entre o passado, o presente e o futuro.

Adicionalmente, a capacidade de transformar memórias em narrativas coesas e significativas não apenas preserva as histórias pessoais para as gerações futuras, mas também enriquece o conhecimento coletivo. A narração escrita valoriza a singularidade de cada trajetória de vida ao mesmo tempo em que revela a universalidade das experiências humanas. Ao documentar suas histórias pessoais de forma estruturada, os indivíduos não apenas contribuem para o registro histórico e cultural, mas também participam ativamente na construção de um entendimento mais abrangente da complexidade humana e social.

CONSIDERAÇÕES

A produção de um memorial na Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa representa mais do que um simples exercício acadêmico; é uma oportunidade significativa para os participantes explorarem e reconstruírem suas trajetórias de vida de forma estruturada e reflexiva. Para muitos idosos, esta é a primeira incursão dentro de um ambiente universitário, marcando não apenas um marco educacional tardio, mas também um momento de descoberta pessoal e intelectual. Neste contexto, a capacidade das pessoas idosas em desbravar novos caminhos é evidenciada pela sua disposição em mergulhar em novas experiências, mesmo após décadas de vida. A universidade oferece um espaço não apenas para adquirir conhecimento acadêmico, mas também para refletir sobre suas próprias jornadas, consolidando memórias e compartilhando histórias que, de outra forma, poderiam ser perdidas no tempo.

A produção do memorial permite que os idosos não apenas revisitem suas memórias, mas também articulem suas experiências de vida de maneira a contribuir para um legado educacional e cultural mais amplo.

Ao documentar suas histórias pessoais através da escrita, esses indivíduos não apenas enriquecem o patrimônio coletivo de conhecimento, mas também desafiam estereótipos sobre a velhice e demonstram que o aprendizado contínuo é uma jornada enriquecedora e transformadora em qualquer fase da vida. Assim, a Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa não apenas oferece um ambiente educacional inclusivo, mas também celebra a resiliência e a vitalidade intelectual dos idosos. Ao incentivar a produção de memoriais, a universidade promove um espaço onde as vozes e as experiências dos idosos são valorizadas, reconhecendo seu potencial único para inspirar e educar as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 17^a ed., São Paulo (SP): T. A. Queiroz, 2012.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Posfácio de Gérard Namer; tradução de Manuel A. Baeza y Michel Mujica. — Rubí (Barcelona) : Anthropos Editorial; Concepción : Universidad de la Concepción; Caracas : Universidad Central de Venezuela, 2004.

SOUZA, E.G. **Gêneros textuais na perspectiva da educação profissional**. Tese de doutorado em Letras. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

CAPÍTULO 7.

ECONOMIA, GERAÇÃO DE RENDA E CONSUMO CONSCIENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIAS E ANÁLISES EM TURMAS DO PROGRAMA UNIVERSIDADE DE FORMAÇÃO ABERTA À PESSOA IDOSA – UFRPE

ÉDER LIRA DE SOUZA LEÃO

Docente da disciplina: Economia, geração de renda e consumo consciente

FABIANE ALVES REGINO

Docente convidada da disciplina: Economia, geração de renda e consumo consciente

DAYSE AMÂNCIO DOS SANTOS VÉRAS FREITAS

Docente convidada da disciplina: Economia, geração de renda e consumo consciente

LÍLIAN TAÍS DE ANDRADE MORAES

Monitora da disciplina: Economia, geração de renda e consumo consciente

INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objetivo explorar a experiência do curso “Economia, Geração de Renda e Consumo Consciente”, ofertado para duas turmas do programa Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa (Uni Idoso)*, promovido pelo Núcleo de Envelhecimento, Velhice e Idosos

* Curso especial de Ensino e Extensão “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice”.

(NEVI) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O conteúdo foi desenvolvido a partir de um enfoque prático, da vivência em sala de aula, em duas turmas deste curso, realizado às quintas – entre junho e agosto de 2024 (nos turnos diurno – 7h às 8h30 e vespertino – 13h às 14h20)*. A formação buscou alcançar participantes na faixa etária de 60+**, a compreenderem melhor os conceitos de economia e consumo no contexto atual, com destaque para práticas de sustentabilidade e responsabilidade social.

Essa interseção entre temas centrais deste módulo, economia, geração de renda, estilo de vida minimalista e consumo consciente, mostraram-se fundamentais, por atenderem aspectos cotidianos dos estudantes, que também são consumidores, especialmente para aqueles que pertencem a grupos vulneráveis, como os idosos. Temas transversais também se fizeram presentes nas discussões, como crises econômicas globais, pandemia de COVID-19, superendividamento, mudanças climáticas, consumismo, entre outros, fundamentais por refletir a necessidade de gerenciar recursos de forma eficiente e sustentável para a população.

O curso de “Economia, Consumo Consciente e Geração de Renda” foi também desenhado para capacitar seus participantes a enfrentar/refletir sobre esses desafios. A abordagem foi prática e dialógica, com foco na promoção de temas envolvessem as práticas sustentáveis, geração de renda alternativa e conscientização financeira, o que facilitou uma compreensão sobre seus próprios hábitos de consumo e planejamento financeiro, e como estes impactam positivamente ou negativamente a vida deles, familiares e tantas outras pessoas. Inclusive, a população idosa enfrenta desafios econômicos e de consumo mais específicos, como a perda de poder aquisitivo, exclusão digital, isolamento social, saúde física, por exemplo, tornando essa e as demais formações da Uni Idoso ainda mais relevantes.

Logo, esse artigo apresenta um relato de experiência dos principais conteúdos abordados durante o curso, analisando também como esses

* Embora alguns dos encontros tenham sido realizados de 7h às 11h e 13h às 16h. Em razão de trocas dos horários com outro módulo realizado no mesmo dia.

** O termo "60+" refere-se à faixa etária de indivíduos com 60 anos ou mais. Essa classificação está relacionada às discussões sociodemográficas, de saúde e fisiológicas do envelhecimento populacional (WHO, 2024).

temas se conectam com as práticas do dia a dia e suas implicações mais amplas para a economia e o meio ambiente. A base teórica se sustenta em revisões literárias e no relato das experiências práticas.

A motivação para o desenvolvimento deste módulo surgiu do cenário atual de envelhecimento populacional acelerado. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população idosa (cerca de 15%) no Brasil vem crescendo em ritmo constante, e as projeções indicam que, nas próximas décadas, os indivíduos com mais de 60 anos representarão uma parcela significativa da população brasileira – 19,1% até 2030 e 30,2% até 2050 (IBGE, 2024). Isso traz implicações não apenas para a previdência social, mas também para políticas públicas de saúde, urbanas, inclusive sobre o comportamento do consumidor e o planejamento financeiro e percepção das condições de vida no longo prazo desse grupo etário da população. A população idosa enfrenta desafios específicos na gestão de suas finanças, como a dificuldade em lidar com novos produtos financeiros (como a digitalização, desde uso de caixa eletrônico até aplicativos de bancos), a falta de conhecimentos atualizados sobre investimentos, e o risco de endividamento devido ao uso inadequado de crédito consignado e do cartão de crédito. Cerca de 78% das famílias no Brasil estão com algum tipo de dívida, sendo o cartão de crédito presente em 85,7% delas, e aproximadamente 28,8% estão com alguma dívida em atraso (PEIC-CNC, Agosto/2024). Considerando esse cenário, associado a outro de que cerca de 52% dos idosos estariam como arrimos do sustento das famílias brasileiras (CNDL/SPC Offer Wise Pesquisa, 2021). Além disso, são comumente alvo de vários tipos de fraudes e golpes, representando um problema crescente para este público.

A estrutura do curso foi planejada para abordar tópicos essenciais, como a economia básica, planejamento financeiro, minimalismo, bem-estar e estilo de vida, direitos do consumidor idoso e práticas de consumo consciente. Cada um desses temas foi trabalhado de maneira progressiva, garantindo que os participantes pudessem aplicar os conceitos de forma prática em suas vidas. Por meio de aulas expositivas, dinâmicas em grupo e atividades interativas, as ações buscaram criar um ambiente

de aprendizado ativo, onde os idosos pudessem compartilhar suas experiências e desafios pessoais.

Além disso, destaca-se a importância de promover uma abordagem intergeracional, incentivando os idosos a compartilharem seus aprendizados fora do ambiente da sala de aula, criando um estímulo a mais para reflexões dos estudantes sobre os assuntos apresentados.

A estrutura deste artigo de relato de experiência está dividida com uma seção sobre a descrição da experiência que delinea sobre as dez aulas/encontros e os assuntos e práticas abordados. A seção seguinte apresenta as principais bases teóricas que refletem o planejamento e orientação das discussões de cada temática desenvolvida com as turmas. Por fim, as condições trouxeram reflexões de como este curso proporcionou oportunidades e experiências recíprocas para os professores e estudantes.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência relatada neste artigo se baseia em um curso oferecido entre junho e agosto de 2024, que se concentrou em diversos aspectos da economia, com uma abordagem mais cotidiana. O curso foi dividido em dez encontros com cada turma (manhã e tarde), com temáticas específicas que visavam proporcionar aos estudantes não apenas conhecimentos teóricos, mas também habilidades e reflexões práticas aplicáveis ao seu dia a dia. Abaixo relatamos cada eixo temático apresentado nos encontros.

Introdução aos conceitos de Economia, Geração de Renda e Consumo Consciente (Aulas 1 e 2).

As duas primeiras aulas foram focadas em introduzir os conceitos básicos de economia e trazer tópicos e situações cotidianas que afetam os estudantes, que fossem percebidas por estes. Foi utilizado um modelo simplificado para explicar termos como inflação, poder de compra, oferta e demanda, e ciclo econômico. A partir de exemplos práticos (Ex.: notícias de páginas da internet e vídeos curtos), como o aumento dos preços dos

alimentos e medicamentos, os participantes puderam compreender como a inflação corrói o valor do dinheiro ao longo do tempo.

A inflação, por exemplo, foi um dos primeiros tópicos abordados. Para muitos dos participantes, o conceito de inflação estava associado apenas ao aumento dos preços de maneira geral, sem uma compreensão mais profunda de seus efeitos. Utilizando exemplos do cotidiano, como o aumento dos preços de alimentos e medicamentos, os facilitadores mostraram como a inflação afeta o poder de compra ao longo do tempo. Um exercício prático foi proposto para que os participantes acompanhassem, por uma semana, os preços de 5 itens mais necessários na sua cesta básica, para no segundo encontro comparar os itens que fossem semelhantes entre eles e mostrar as variações e diferenças nos tipos de cestas.

Esta atividade gerou uma discussão sobre como a variação dos preços pode impactar o orçamento doméstico e como é importante estar atento às oscilações do mercado para tomar decisões de compra mais assertivas. Vários participantes relataram que, antes do curso, não acompanhavam de perto a variação de preços e que a prática os ajudou a refletir melhor seus gastos.

Essa atividade prática foi proposta também para que os participantes monitorassem os preços dos itens da cesta básica mesmo após o fim do curso. Essa atividade foi um ponto de partida para discussões sobre planejamento orçamentário, mostrando a importância de acompanhar a variação dos preços e de adotar práticas de consumo consciente para manter o equilíbrio do orçamento familiar. A participação dos idosos foi bastante engajada, e muitos relataram que a prática lhes trouxe maior reflexão sobre o comportamento dos preços e a importância de comparar valores antes de realizar compras.

A apresentação dos conceitos de economia cotidiana, como a inflação e de como funciona a cadeia produtiva, no caso de alimentos, permitiu uma compreensão mais clara da relação entre o sistema econômico e o consumo diário. O material ofereceu uma visão prática de como a escassez de recursos influencia as decisões econômicas e as escolhas de consumo. Essas primeiras também destacaram a importância de pensar criticamente sobre o início do processo de produção até a chegada ao consumidor, e

também o pós-consumo, introduzindo a discussão sobre economia circular. Isso trouxe uma discussão de que compreender as cadeias produtivas incentiva uma visão mais crítica sobre as implicações econômicas e sociais das escolhas de consumo.

Nestas aulas, os participantes aprenderam sobre a inflação e como ela afeta o poder de compra. Foram explicados temas como a formação de preços e a importância de entender a origem dos produtos consumidos. Um exercício prático envolveu a análise comparativa de preços de itens da cesta básica, onde os alunos puderam identificar o impacto da inflação e discutir alternativas para economizar em tempos de alta nos preços.

Esses dois primeiros encontros foram dedicados a introduzir conceitos econômicos básicos e explicar como eles afetam diretamente o cotidiano dos idosos. Essa fase inicial buscou aproximar os participantes da economia do dia a dia, demonstrando de que forma os fenômenos econômicos impactam sua vida prática, desde o aumento dos preços dos produtos de consumo básico até as mudanças nas tarifas de serviços essenciais.

Estilo de Vida Minimalista e Consumo Consciente (Aulas 3 e 9).

A segunda parte do curso abordou o estilo de vida minimalista e o consumo consciente como práticas que podem trazer benefícios financeiros, contribuir para a sustentabilidade ambiental e para uma vida com mais intenção e propósito. O estilo de vida minimalista foi apresentado como uma alternativa à cultura do consumismo, que muitas vezes sobrecarrega os indivíduos com excessos de produtos e serviços que não agregam valor real à vida. Sob essa lógica consumista que dá prioridade ao ter em detrimento do ser, leva os indivíduos a consumirem excessivamente para atender às “necessidades” criadas pela sociedade de consumo. Esse comportamento pode afetar negativamente a saúde mental, pois muitos buscam na compra um preenchimento para o vazio emocional, frequentemente motivado por emoções como tristeza e ansiedade. Como resultado, desenvolve-se a compulsão por compras, transtornos e a dependência do consumo como forma de aliviar tais sentimentos.

Os participantes foram incentivados a refletir sobre seus hábitos de consumo e a pensar em como poderiam adotar práticas de desapego, redução dos excessos de consumo e de consumo supérfluo ou não essencial. Uma das atividades propostas foi a criação de uma lista de bens materiais que possuíam, seguida da reflexão sobre o que realmente era necessário e o que poderia ser doado ou vendido. Este exercício foi bastante revelador para muitos, pois trouxe à tona a quantidade de itens acumulados ao longo dos anos que já não tinham utilidade.

Além disso, foi discutido como o consumo consciente pode impactar positivamente o meio ambiente, reduzindo o uso de recursos naturais e diminuindo a pegada de carbono. Foi abordado o conceito de pegada ecológica e como as escolhas de consumo, como evitar produtos descartáveis e preferir aqueles com menor impacto ambiental, podem contribuir para um futuro mais sustentável. A prática de reuso, reciclagem e o incentivo ao consumo de produtos locais também foram temas amplamente debatidos.

O conteúdo sobre estilo de vida minimalista apresentou uma maneira de viver focada em reduzir o consumo ao essencial. O material demonstrou que o minimalismo pode ser uma ferramenta importante para promover o consumo consciente, priorizando o que é realmente necessário e útil, o que, em longo prazo, pode levar a uma vida mais equilibrada e sustentável.

O consumo consciente foi abordado em conexão direta com a preservação ambiental. O material propõe a reflexão sobre o impacto de hábitos de consumo no meio ambiente, como o uso de recursos e a geração de resíduos, sugerindo práticas que contribuam para reduzir a pegada ecológica.

Logo, o objetivo foi incentivar os estudantes a refletirem sobre seus hábitos de consumo, diferenciando necessidades de desejos e promovendo escolhas mais sustentáveis. Foram abordados temas como a pegada ecológica, sustentabilidade e práticas para reduzir o desperdício. Por meio de discussões em grupo, os participantes compartilharam suas experiências sobre como o consumo excessivo impacta o meio ambiente e a sociedade. Um exercício prático incentivou os alunos a listar itens em casa que poderiam ser reaproveitados, doados ou descartados de forma sustentável.

Esses encontros abordaram o minimalismo e o consumo consciente,

conceitos que têm ganhado força no debate sobre sustentabilidade e finanças pessoais. O minimalismo é um estilo de vida que preconiza a redução do consumo ao mínimo necessário, permitindo que o indivíduo foque no que realmente importa, seja em termos materiais, emocionais ou financeiros. Para os idosos, esse conceito foi particularmente relevante, uma vez que muitos relataram ter acumulado bens ao longo da vida que já não servem a um propósito real.

Uma das atividades centrais desse módulo foi a criação de uma lista de bens materiais que cada participante possuía, seguida de uma reflexão sobre a real utilidade desses itens. Muitos participantes descobriram que estavam mantendo objetos que já não usavam há anos, e a partir dessa conscientização, puderam desapegar de itens desnecessários. O impacto emocional foi perceptível, com relatos de alívio ao eliminar o que era considerado “excesso”.

A turma participou de forma leve e colaborativa da atividade sobre consumo consciente e minimalismo. Os participantes foram divididos em grupos menores para a leitura e reflexão sobre frases selecionadas pela professora. As principais frases escolhidas para estimular a reflexão foram: “Só compre depois de pensar em não comprar”, “Não organize seus excessos”, “Ser rico é ter abundância no que é importante para você”, “Tome cuidado com a aridez de uma vida ocupada” e “Todo excesso esconde uma falta”.

Após a discussão nos grupos menores, cada grupo apresentou suas ideias e reflexões ao restante da turma, promovendo uma discussão coletiva enriquecedora. Essa dinâmica gerou grande participação e integração do grupo, permitindo que diferentes perspectivas fossem compartilhadas, levando a uma compreensão mais profunda dos conceitos de consumo consciente e do estilo de vida minimalista.

Compartilhar conhecimento e discutir sobre esses temas não é apenas necessário, mas também urgente, especialmente no contexto da sociedade atual, onde o consumo desenfreado e o excesso de coisas materiais são marcadores de estilo de vida predatório. O consumo em excesso não apenas contribui para o esgotamento dos recursos

naturais e outras consequências ambientais significativas, mas acelerou problemas como a poluição, a mudança climática e a perda de biodiversidade. Também resulta em impactos negativos na saúde individual e coletiva, aumentando o estresse, a ansiedade e a sensação de insatisfação, fomentada por uma busca incansável pelo ter cada vez mais.

Ao discutir e promover uma conscientização sobre consumo consciente e minimalista, abrem-se caminhos para um estilo de vida mais equilibrado e sustentável. Que, além de promover o bem-estar pessoal, exerce pressão social sobre as organizações públicas e privadas, quanto à produção e aquisição de produtos ou serviços, para que estas se comprometam com práticas sustentáveis e com as metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, respeitando os limites ecológicos do nosso planeta. Fomentar essas discussões é vital para promover mudanças culturais em relação aos hábitos e práticas de consumo, que priorizem a saúde do meio ambiente e a qualidade de vida das gerações presentes e futuras.

Planejamento Financeiro: Ferramentas e Estratégias (Aulas 4 e 5).

O módulo seguinte tratou de uma questão central para o bem-estar financeiro dos idosos: o planejamento financeiro. Muitos dos participantes relataram que, ao longo de suas vidas, haviam negligenciado o planejamento de longo prazo e, com a aposentadoria, começaram a sentir as limitações de um orçamento fixo. A importância de planejar, poupar e investir foi enfatizada, com exemplos práticos de como organizar o orçamento doméstico, identificar as despesas fixas e variáveis, e planejar metas financeiras para o futuro.

Foi apresentada a metodologia DSOP (Diagnosticar, Sonhar, Orçar, Poupar), que ajudou os participantes a visualizarem melhor suas finanças e a estabelecerem objetivos realistas. A parte de “Sonhar” foi particularmente importante, pois muitos idosos relataram que não tinham definido claramente suas metas financeiras para o futuro, acreditando que, após a

aposentadoria, não haveria mais necessidade de planejar. Inclusive, muitos falaram no tópico Sonhar, a possibilidade de poder viajar, especialmente para fora do estado. A metodologia permitiu que eles revissem essa perspectiva e entendessem que ainda há muitas oportunidades para melhorar a qualidade de vida através de um bom planejamento financeiro.

A introdução ao planejamento financeiro destacou a importância de organizar os recursos para alcançar objetivos de vida. O uso da metodologia DSOP (Diagnosticar, Sonhar, Orçar, Poupar) serviu como uma ferramenta prática para o gerenciamento financeiro, abordando desde a identificação de dívidas até o estabelecimento de metas de poupança.

Foi explicada cada uma das etapas da metodologia, incentivando os participantes a diagnosticar sua situação financeira atual, estabelecer metas para o futuro e criar um orçamento realista que permitisse a poupança. A etapa de “Sonhar” foi bastante valorizada, já que muitos participantes, ao atingirem a aposentadoria, acreditavam que não havia mais espaço para novos sonhos ou metas financeiras. O curso desmistificou essa ideia, mostrando que, mesmo na terceira idade, é possível sonhar com viagens, hobbies e outros projetos de vida. Também foi abordado o endividamento e como evitá-lo, principalmente com o uso consciente do crédito consignado, uma modalidade amplamente usada pelos aposentados. Muitos participantes relataram que já haviam enfrentado dificuldades por conta de dívidas de crédito consignado e não entendiam bem os termos desses empréstimos. A partir de uma explicação detalhada sobre os juros, prazos e condições, os participantes aprenderam a identificar os riscos e benefícios dessa modalidade de crédito, além de como evitar cair em armadilhas financeiras.

Esses dois encontros forneceram um entendimento de uma perspectiva sobre o impacto das dívidas e da inadimplência, ressaltando a importância de um controle rigoroso das finanças para evitar o endividamento excessivo. Esse conhecimento é especialmente relevante no contexto de planejamento de longo prazo, tanto para jovens quanto para idosos.

Esses encontros também abordaram aspectos do planejamento financeiro pessoal, ensinando os participantes a organizarem suas finanças de forma que atendessem suas necessidades. A categorização dos tipos de

despesas em fixas e variáveis foi uma das primeiras atividades de como identificar e organizar. Em seguida, ocorreram discussões sobre a importância de estabelecer metas financeiras. Para garantir a aplicação prática dos conhecimentos, os participantes foram instruídos a elaborar planilhas de orçamento e utilizar desde anotações simples em papel ou mesmo aplicativos digitais financeiros, ou até acompanhar informações no PROCON-PE e no aplicativo MENOR PREÇO, para monitorar seus gastos e comparar preços.

Outro ponto central foi a questão do endividamento, um problema comum entre os idosos, especialmente devido ao uso inadequado do crédito consignado. Infelizmente, muitos idosos acabam se endividando por falta de conhecimento sobre as condições dos empréstimos consignados, como taxas de juros e prazos. O curso esclareceu esses aspectos e forneceu orientações sobre como utilizar o crédito de forma consciente, evitando armadilhas que poderiam comprometer o orçamento a longo prazo.

Direitos do Consumidor e Proteção Financeira (Aula 6).

Os participantes também aprenderam sobre seus direitos como consumidores, especialmente no que se refere ao atendimento prioritário e à proteção contra práticas abusivas. Foi discutida a legislação vigente, como o Código de Defesa do Consumidor (CDC) e o Estatuto do Idoso, que asseguram uma série de direitos às pessoas com mais de 60 anos. A proteção contra fraudes bancárias, abuso de crédito e reajustes indevidos em serviços como planos de saúde foi amplamente abordada.

A discussão sobre o papel do Procon-PE e como registrar reclamações foi um ponto importante da aula, pois muitos participantes relataram já terem sido vítimas de práticas abusivas, mas não sabiam como buscar seus direitos. O curso forneceu orientações práticas sobre como proceder em casos de violação de direitos, encorajando os participantes a serem mais proativos na defesa de seus interesses.

O conteúdo abordou os principais direitos dos consumidores, com foco nos idosos. Foram discutidos temas como atendimento prioritário,

proteção contra fraudes e reajustes em planos de saúde, contribuindo para uma melhor compreensão das proteções legais disponíveis para consumidores vulneráveis.

A aula também forneceu uma visão sobre as fraudes financeiras mais comuns, especialmente contra idosos, e como preveni-las. O conhecimento sobre o uso seguro de serviços bancários e a atenção a práticas abusivas podem contribuir para uma proteção mais eficaz dos consumidores, em especial os idosos.

Esta aula enfatizou a importância de conhecer e exigir os direitos previstos no Código de Defesa do Consumidor e no Estatuto do Idoso. Os participantes foram instruídos sobre como proceder em caso de violações de seus direitos, como reajustes abusivos em planos de saúde e serviços financeiros, e receberam orientações sobre como registrar queixas no Procon e outros órgãos de defesa.

Educação Financeira e Investimentos (Aulas 7 e 8).

Uma parte central do projeto foi dedicada à educação financeira e ao investimento. Muitos dos participantes nunca haviam considerado a possibilidade de investir, acreditando que isso era algo complicado ou restrito a pessoas com muito dinheiro. As aulas desmistificaram o mundo dos investimentos, apresentando opções simples e acessíveis, como a poupança, títulos públicos (Tesouro Direto) e fundos de investimento.

Vários exemplos foram mostrados e dúvidas tiradas durante a exposição e dinâmicas. Mas foi usado o exemplo do Simulador do Tesouro Direto e também de outros bancos (que analisam o tipo de perfil de investidor).

Os encontros também incluíram a identificação dos perfis de investidor (conservador, moderado e arrojado), permitindo que cada participante entendesse o nível de risco com o qual se sentia confortável. Com base nesses perfis, foram discutidas estratégias adequadas para cada tipo de investidor, destacando a importância de diversificar os investimentos para minimizar riscos e aumentar o potencial de retorno ao longo do tempo.

Um ponto importante discutido foi a proteção contra fraudes finan-

ceiras. Os idosos são, frequentemente, alvos de golpes financeiros, seja por desconhecimento ou vulnerabilidade. O curso incluiu orientações sobre como identificar sinais de fraude, como proteger dados bancários e pessoais, e a importância de sempre buscar orientação especializada antes de tomar decisões de investimento.

O material apresentou os diferentes perfis de investidor (conservador, moderado e arrojado) e destacou as opções de investimento adequadas para cada perfil. Isso gerou uma visão clara sobre os riscos e benefícios de cada tipo de investimento, reforçando a importância de alinhar os investimentos com os objetivos e a tolerância ao risco.

A exposição aos vários produtos financeiros, como poupança, títulos públicos e ações, ajudou a ampliar o conhecimento sobre como investir de maneira mais segura e consciente. A ênfase foi dada à importância de entender os instrumentos financeiros antes de investir, especialmente para proteger os recursos diante da volatilidade do mercado.

Logo, os estudantes foram introduzidos ao mundo dos investimentos, um tema que gerou muito interesse e curiosidade. Para muitos deles, o investimento era visto como algo distante e complicado, reservado apenas para pessoas com muito dinheiro. O curso, no entanto, apresentou uma visão mais acessível sobre o tema, explicando os diferentes tipos de investimentos disponíveis para pequenos investidores, como a poupança, os títulos públicos e os fundos de investimento.

Para os principais exemplos, como dito acima, a ênfase foi colocada em investimentos de baixo risco, como os títulos do Tesouro Direto, que oferecem segurança e rendimentos acima da inflação. A diversificação foi outro ponto importante discutido, mostrando aos participantes que investir em diferentes produtos financeiros é uma forma eficaz de minimizar riscos e maximizar retornos.

Uma questão crítica levantada neste módulo foi a proteção contra fraudes financeiras, um problema sério que afeta muitos idosos. Infelizmente, os idosos são mais vulneráveis a fraudes, especialmente em relação a investimentos de alto risco que prometem ganhos rápidos. Durante o curso, foram apresentados exemplos de golpes comuns e foram fornecidas

orientações sobre como se proteger, incluindo a importância de verificar a credibilidade das instituições financeiras e de nunca fornecer informações pessoais sem a devida segurança.

Emprego, Trabalho e Empreender 60+ (Aula 9).

Na reta final do curso, foi discutido o tema do empreendedorismo e das oportunidades de trabalho para idosos. Com o envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida, muitos idosos têm buscado alternativas para se manterem ativos no mercado de trabalho, seja por necessidade financeira ou por vontade de continuar contribuindo de alguma forma. O empreendedorismo foi apresentado como uma solução viável, especialmente para aqueles que desejam trabalhar de maneira flexível.

Os participantes receberam orientações sobre como identificar oportunidades de negócio, planejar a abertura de uma pequena empresa e utilizar suas habilidades e experiências acumuladas ao longo da vida para desenvolver novos projetos. Além disso, foi discutida a importância da educação continuada e da qualificação para se manter competitivos no mercado, mesmo após a aposentadoria.

A aula destacou os desafios enfrentados por pessoas com mais de 60 anos no mercado de trabalho, como o preconceito etário e a adaptação às novas tecnologias. Ao mesmo tempo, apresentou oportunidades, como o empreendedorismo e o trabalho freelancer, que podem ser alternativas viáveis para gerar renda nessa fase da vida.

O conteúdo ressalta a importância da atualização constante de competências e da participação em cursos e certificações, permitindo que trabalhadores mais velhos se mantenham competitivos no mercado. Esse aspecto é fundamental para que pessoas com 60 anos ou mais possam se adaptar às exigências do mercado de trabalho atual.

Portanto, focou-se neste encontro a geração de renda para pessoas acima de 60 anos, explorando opções como empreendedorismo, trabalho consultivo e novas formas de trabalho flexível. A ênfase foi dada ao empreendedorismo como uma forma viável de complemento de renda, com

exemplos práticos de pequenos negócios que podem ser iniciados com baixo investimento. Além disso, foram discutidas oportunidades de trabalho em meio período e consultoria, destacando a importância da atualização constante das habilidades para se manter competitivo no mercado.

Consumo Consciente e Pegada Ecológica (Aula 10).

Essa aula foi realizada apenas com a turma da tarde. Foi abordado o conceito de pegada ecológica, incentivando uma avaliação crítica do impacto ambiental das atividades cotidianas. A dinâmica foi realizada usando uma plataforma da WWF (World Wide Fund for Nature) (https://www.wwf.org.br/nosso_trabalho/pegada_ecologica/) para calcular a pegada ecológica dos estudantes. A aula trouxe uma reflexão sobre como o consumo de produtos e serviços pode gerar uma pegada ambiental significativa, especialmente em relação ao uso de água e energia.

Ao apresentar alternativas para reduzir o impacto ambiental, o conteúdo incentivou a discussão sobre adoção de práticas de consumo mais sustentáveis, como a preferência por produtos locais e o uso consciente dos recursos naturais, além de compreender como o consumo de serviços e bens individuais e coletivos impactam cotidianamente sobre cenários que antes pareciam distantes, como aquecimento global, escassez de água, poluição, por exemplo. Essas práticas visam minimizar o desperdício e promover uma relação mais equilibrada com o meio ambiente.

O consumo consciente, por sua vez, foi abordado como uma prática que vai além das finanças pessoais, conectando-se às questões ambientais e sociais. Através de discussões sobre pegada ecológica e responsabilidade ambiental, os participantes foram incentivados a refletir sobre como suas escolhas de consumo impactam o meio ambiente e a sociedade. O conceito de pegada ecológica, introduzido por Wackernagel e Rees (1996), foi utilizado para explicar como cada ação de consumo contribui para o uso dos recursos naturais. As práticas de reutilização, reciclagem e a preferência por produtos duráveis foram enfatizadas como formas de reduzir esse impacto.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

A educação financeira para e sobre idosos está diretamente relacionada a questões que envolvem não apenas o controle financeiro individual, mas também o reconhecimento dos direitos financeiros dos idosos e a forma como esses direitos são garantidos/protegidos ou negligenciados na sociedade.

O envelhecimento da população tem sido pauta tanto de políticas públicas quanto acadêmicas, pois impacta no consumo, renda, trabalho, relações sociais e meio ambiente. Logo, compreender o processo de envelhecimento de uma perspectiva que inclua esses fatores é imprescindível para o planejamento e ações como sociedade (China et al., 2021; Dias et al., 2022). Neste contexto, a educação financeira para idosos se tornou uma ferramenta fundamental. Ela garante que eles possam continuar tanto como partes ativas e participativas na sociedade, como estimuladoras da economia e desenvolvimento social. Pois estes não devem ser isolados dos processos produtivos e decisões políticas.

A análise dos conteúdos discutidos nas aulas refletiu uma crescente preocupação com o impacto ambiental do consumo, assim como as vulnerabilidades que o envelhecimento apresenta para eles nos aspectos de economia e consumo. A economia circular e práticas de consumo consciente chamaram atenção durante vários encontros, pois a redução do desperdício e o apoio aos produtores locais, por exemplos, são exemplos perceptíveis e práticos para os estudantes, e uma forma essencial para minimizar o impacto negativo sobre o meio ambiente (Sarti, 2004). Além disso, a educação financeira e o planejamento cuidadoso das finanças pessoais emergem como ferramentas-chave para a geração de renda e a segurança financeira a longo prazo (Freire, 1999).

A revisão de literatura sobre educação financeira no Brasil destaca a relevância de iniciativas que capacitam idosos a gerenciar melhor seus recursos, como demonstrado na experiência relatada neste curso. A lacuna de conhecimento financeiro, tanto em termos de planejamento orçamentário quanto de consumo consciente, é amplamente discutida

pelos pesquisadores brasileiros, e suas reflexões contribuem para validar e aprofundar os objetivos deste projeto.

Segundo Luz, Ayres e Melo (2019), no estudo sobre orçamento familiar, muitos brasileiros, inclusive idosos, têm dificuldades em equilibrar receitas e despesas, principalmente devido à falta de formação financeira adequada. Durante o curso, foi possível observar que muitos participantes nunca haviam feito um controle orçamentário formal antes. Por isso, a introdução à metodologia DSOP (Diagnosticar, Sonhar, Orçar, Poupar) foi essencial para ajudá-los a ter uma visão mais clara de suas finanças pessoais e a estabelecer metas de poupança, conforme sugerido pelos autores. O desenvolvimento do curso se alinhou a essa literatura ao demonstrar que o planejamento orçamentário é a base para a estabilidade financeira, especialmente na terceira idade.

A questão do endividamento é outro ponto crítico abordado por Campara et al. (2016) no estudo sobre o dilema dos inadimplentes. Os autores apontam que a inadimplência ocorre, muitas vezes, devido à falta de entendimento sobre as condições de crédito e às práticas predatórias de instituições financeiras, especialmente no caso do crédito consignado, amplamente utilizado por aposentados no Brasil. Durante o curso, a discussão sobre o uso adequado de crédito foi recebida com interesse (tanto pela preocupação quanto aos riscos e problemas ocorridos, quanto pela possibilidade de entender e usar melhor as oportunidades). Muitos idosos enfrentam problemas com dívidas associadas ao crédito consignado e outros tipos de crédito ou falta de controle dos gastos, ou até por ser “arrimo” de familiares. Logo, esse curso enfatizou a importância de entender questões financeiras simples e os riscos associados ao endividamento.

No que se refere ao consumo consciente, Aquino e Martins (2007) discutem como o tempo livre, especialmente após a aposentadoria, pode levar ao consumo excessivo como uma forma de preencher o ócio. Durante o curso, foi possível observar que muitos participantes haviam desenvolvido hábitos de consumo impulsivo ou acumulativo, o que estava relacionado a questões emocionais ou à falta de planejamento adequado. O conceito de minimalismo e desapego foi explorado como uma solução

para reduzir o consumo desnecessário e promover uma vida mais equilibrada, focada no que realmente é importante, alinhando-se à literatura que destaca os impactos do consumo desenfreado na sociedade moderna.

Além disso, Cenci, Pereira e Barrichello (2019) destacam a necessidade de uma educação financeira que integre planejamento familiar e orçamento doméstico, fornecendo ferramentas para que os indivíduos façam escolhas informadas e seguras ao longo da vida. Embora a maioria dos participantes já estivesse aposentada, o curso demonstrou que nunca é tarde para aprender e aplicar estratégias de planejamento financeiro que possam garantir maior tranquilidade no futuro. As práticas sugeridas pelos autores foram aplicadas no curso, com ênfase no controle de despesas e na importância de poupar, mesmo em um contexto de orçamento limitado.

Outro aspecto importante é a discussão sobre os direitos financeiros dos idosos, tema amplamente abordado no Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003 e Lei 14.423/2023), que garante uma série de proteções financeiras para este público. Esses direitos incluem a proteção contra abusos financeiros, como o desvio de proventos e a retenção indevida de cartões bancários (Art. 102 e Art. 104), práticas que foram amplamente discutidas no curso. A revisão da literatura corrobora a necessidade de fortalecer o conhecimento dos idosos sobre esses direitos, já que a vulnerabilidade financeira na terceira idade pode ser exacerbada pela falta de informações sobre as formas de se proteger de fraudes e abusos.

Nesse aspecto, o Caderno de Cidadania Financeira, publicado pelo Banco Central do Brasil (BCB, 2013), oferece também um panorama sobre a importância da inclusão financeira e do desenvolvimento de habilidades que permitam que os cidadãos tomem decisões financeiras responsáveis. O curso seguiu esse princípio ao trazer uma abordagem prática e acessível, com uma linguagem adaptada ao público idoso, o que facilitou o entendimento dos temas abordados. A abordagem prática e focada em exemplos do cotidiano dos participantes foi uma estratégia a fim de garantir que os conteúdos fossem compreendidos e aplicados, especialmente em relação à compreensão do que é o controle orçamentário, investimentos seguros e proteção contra fraudes e golpes financeiros.

Portanto, a literatura brasileira corrobora a necessidade de projetos como este, que têm como objetivo capacitar idosos para que se tornem mais autônomos e informados em suas decisões financeiras e de consumo. O curso se destacou por fornecer um conteúdo acessível, prático e relevante, alinhando-se às teorias discutidas por esses autores. Além disso, a troca de experiências entre os participantes mostrou-se uma ferramenta poderosa para reforçar os aprendizados e adaptar os conceitos às realidades vividas por cada um.

CONSIDERAÇÕES

A conscientização sobre práticas de consumo e planejamento financeiro é fundamental para promover uma economia sustentável e inclusiva. Através da educação e do engajamento com a comunidade, é possível reduzir o impacto ambiental, apoiar a economia local e garantir maior qualidade de vida para as gerações atuais e futuras. O curso proporcionou aos participantes um conjunto valioso de ferramentas para adotar uma postura mais crítica e consciente frente ao consumo.

A experiência relatada neste artigo demonstra o potencial transformador da educação financeira e do consumo consciente. Ao longo dos módulos, foi possível observar um aumento na conscientização dos participantes em relação às suas escolhas de consumo e sua capacidade de gerenciar melhor suas finanças. O público idoso, que muitas vezes é negligenciado em discussões sobre economia e tecnologia, mostrou grande interesse e habilidade em se adaptar às novas realidades econômicas.

As discussões sobre sustentabilidade e o impacto das escolhas de consumo no meio ambiente também foram fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência mais ampla sobre o papel de cada um na promoção de uma economia mais justa e equilibrada. A inclusão de temas como a economia circular e a geração de renda sustentável reforçou a importância de considerar o impacto social e ambiental de nossas ações econômicas.

Espera-se que iniciativas como esta continuem a se expandir, promovendo não só uma maior educação financeira, mas também incentivando

práticas de consumo consciente e sustentabilidade, capazes de transformar comunidades e fortalecer economias locais.

O curso desenvolvido com o público idoso cumpriu seu propósito de oferecer uma base teórica e prática para a gestão das finanças pessoais e a adoção de hábitos de consumo mais conscientes. A estruturação das aulas em torno de temas como economia básica, planejamento financeiro, minimalismo, consumo consciente, investimentos e direitos do consumidor permitiu que os participantes adquirissem conhecimentos importantes e que pudessem ser aplicados de forma prática em suas vidas cotidianas.

A abordagem metodológica do curso, que incluiu atividades participativas e reflexivas, mostrou-se adequada ao proporcionar um ambiente no qual os idosos puderam aprender com exemplos do seu cotidiano e compartilhar suas experiências. O uso da metodologia DSOP, aplicado ao planejamento financeiro, ofereceu uma estrutura clara para que os participantes organizassem suas finanças, identificando seus gastos, receitas e metas de poupança de forma mais consciente. A inclusão do tema do endividamento, em especial sobre o uso do crédito consignado, foi relevante para o público, dada a alta incidência de problemas financeiros relacionados a esse tipo de crédito na população idosa.

O consumo consciente, discutido no curso a partir de uma perspectiva que integra minimalismo e sustentabilidade, foi outra área que gerou reflexões importantes entre os participantes. A partir da revisão literária, foi possível evidenciar que muitos idosos ainda mantêm hábitos de consumo que podem ser influenciados pelo ambiente social e econômico em que estão inseridos. Ao relacionar esses hábitos com questões de bem-estar e sustentabilidade, o curso promoveu uma discussão sobre a responsabilidade individual e coletiva em relação ao consumo de recursos e à proteção ambiental.

No campo dos investimentos, a apresentação de opções acessíveis, como poupança e títulos públicos, ajudou a desmistificar o tema, que para muitos participantes parecia distante e complexo. A aplicação prática do conceito de diversificação de investimentos, adaptado ao perfil de cada participante, contribuiu para uma visão mais ampla e estratégica da gestão dos recursos.

As discussões sobre os direitos dos consumidores idosos, principalmente no que tange à proteção contra fraudes e abusos financeiros, destacaram a importância da inclusão de conteúdos de proteção financeira em qualquer programa de educação voltado a esse público. A vulnerabilidade desse grupo diante de práticas fraudulentas foi um dos temas mais debatidos, e o curso ofereceu informações úteis sobre como identificar e evitar tais fraudes.

Em conclusão, o curso alcançou seu objetivo ao proporcionar uma base de conhecimento e reflexão sobre finanças pessoais e consumo consciente, com uma abordagem prática e acessível. O aprendizado adquirido pelos participantes tem potencial para ser aplicado diretamente em suas vidas, e a continuidade desse tipo de programa pode contribuir para a construção de uma sociedade mais financeiramente educada e consciente, especialmente entre as gerações mais velhas.

Recomenda-se a continuidade e a expansão deste tipo de projeto, com a inclusão de mais módulos que reforcem e ampliem os assuntos discutidos já neste curso, como também integre ações mais práticas, fora da sala de aula, que não se refere aqui a visitas técnicas, mas sim que eles se integrem com outros cursos da UFRPE, incentivando diálogo intergeracional sobre para criar uma rede de apoio mútua entre gerações, permitindo que os conhecimentos sejam compartilhados e aplicados de forma ainda mais ampla. Até mesmo que estes sejam integrados não só em aulas, mas projetos científicos, extensão e inovação. Por fim, uma sugestão é trazer para eles desafios que eles possam ajudar a resolver e estimular a transversalidade e aproximação entre os módulos e cursos ofertados no projeto.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. R., & MARTINS, C. B. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v.7 n.2 Fortaleza. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200013>.

BANCO CENTRAL DO BRASIL BCB. (2013). **Caderno Cidadania Financeira – Gestão de Finanças Pessoais**. Banco Central do Brasil. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_se_u_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf>.

CAMPARA, J. P., Vieira, K. M., COSTA, V. M. F., & FRAGA, L. dos S. (2016). O Dilema dos Inadimplentes: Antecedentes e Consequentes do “nome sujo”. ReMark – **Revista Brasileira De Marketing**, 15(1), 71–85. <https://doi.org/10.5585/remark.v15i1.2941>

CENCI, Jaci José; PEREIRA, Iselda; BARICHELLO, Rodrigo. (2015). Educação financeira, planejamento familiar e orçamento doméstico: um estudo de caso. **Revista Tecnológica**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 89-104. Disponível em: <<https://uceff.edu.br/revista/index.php/revista/article/view/61> >.

CHINA, J. et al. (2021). Envelhecimento populacional e políticas públicas: desafios e perspectivas. **Revista de Saúde Pública**, 55, 1-10.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS/ SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO CDL.CNDL/SPC Offer Wise Pesquisas (2021). **Vida profissional na Terceira Idade**. Disponível em: <<https://materiais.cndl.org.br/pesquisa-terceira-idade-vida-profissional-2021-bloco-2> >.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO. CNC.. (2024). **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor** (Peic) – agosto de 2024. Disponível em: <https://portaldocomercio.org.br/publicacoes_posts/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-agosto-de-2024/>.

DIAS, R. et al. (2022). O impacto do envelhecimento populacional no Brasil: uma análise da literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, 38(1), e00248621. SciELO Brasil.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) (2024). **Projeção da População – grupo etários específicos** (revisado 2024). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=& t=downloads>>;

LUZ, V. M., AYRES, J. A., & MELO, P. F. (2019). Orçamento familiar: Uma análise acerca da educação financeira. **Humanidades e Inovação**, v. 6 n. 12. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1071>>.

SARTI, Cynthia Anderson. **A família como ordem simbólica** (2004). Psicologia. USP, 15(3). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/N8jxmySj8PqRZp6ZnJz7Cwd/ World Health>>.

WACKERNAGEL, M. and Rees, W. (1996) **Our Ecological Footprint: Reducing Human Impact on the Earth**. New Society Publishers, Philadelphia. Disponível em: <<https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=1223505>>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). (2024). **World report on ageing and health**. Geneva: World Health Organization. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>>.

AGROECOLOGIA, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE – FORMAÇÃO PARA UMA VELHICE CORRESPONSÁVEL

JOANNA LESSA FONTES SILVA

Docente da disciplina: Agroecologia, meio ambiente e sustentabilidade

INTRODUÇÃO

Agroecologia, Meio Ambiente e Sustentabilidade foi o nome de uma das disciplinas do Curso de Formação em Educação, Saúde e Envelhecimento promovido pela Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa da UFRPE. O objetivo geral da disciplina foi compreender a Agroecologia, o Meio Ambiente e a Sustentabilidade no contexto da construção dos sistemas agroalimentares, seus limites e possibilidades para a justiça social e um envelhecimento humano saudável. Para isso, vivenciamos ao longo de dois meses e meio (20h) encontros que pautaram a reflexão sobre diversos conceitos, tais como: Agroecologia, Meio Ambiente e Sustentabilidade; Princípios Educação em Agroecologia: Vida, Complexidade, Diversidade e Transformação; Sistema agroalimentar; Direito Humano à Alimentação Saudável; Alimentos in natura, processados e ultraprocessados; Segurança e soberania alimentar; Desertos, pântanos e

oásis alimentares; Políticas Públicas; Questão Agrária; Sujeitos do Campo e sua relação com a natureza; Agricultura de base ecológica; Agrotóxicos; Lixo e resíduos; Compostagem.

Cada tema foi abordado de forma abrangente. Buscava se conectar com a diversidade de realidades que compunham cada uma das turmas: idosas e idosos de diversos bairros da cidade, de outros municípios, com diferentes condições de renda, raça e etnia. Além disso, havia vivências diversificadas sobre cada uma das temáticas e histórias de vida distintas. Para potencializar essa diferença, constituinte do processo educativo e em conexão com o próprio princípio da Diversidade que compõe o arcabouço prático da Educação em Agroecologia (Aguiar et al., 2016), utilizamo-nos de diferentes estratégias: aulas em círculo que permitissem uma visão ampla do grupo com valorização das experiências e saberes dos/as próprios/as estudantes; atividades de pesquisa (as chamadas “tarefas de casa”) para serem realizadas nos próprios locais de moradia e depois socializadas em sala, fazendo emergir as vivências de cada um/a sobre as diferentes temáticas; utilização de tarjetas para visualização coletiva do processo de construção do conhecimento em curso; atividades práticas para melhor compreensão dos conceitos, entre outras estratégias que foram surgindo durante o próprio processo, a partir da conexão entre estudantes e docente.

A partir desta metodologia, buscamos atingir os objetivos específicos delineados para o módulo: compreender a Agroecologia como Ciência, Movimento e Prática na relação com o meio ambiente e a sustentabilidade; entender o funcionamento dos sistemas agroalimentares, da produção aos resíduos, seus principais conflitos e limites sociais, culturais e econômicos; conhecer os princípios da Educação em Agroecologia: Vida, Diversidade, Complexidade e Transformação no contexto de atuação de cada idosa/o e suas possibilidades de corresponsabilizar-se pela construção (em ação) de uma sociedade melhor. Ao longo deste relato, apresentaremos detalhadamente como a disciplina se desenvolveu, possibilitando atingir e superar os objetivos propostos. O envolvimento da turma, a alegria da chegada e os diálogos posteriores indicaram que

o processo em curso é enriquecedor para ambas as partes envolvidas: docência e discência.

Sentemos em círculos que lá vem a história...



*Figura 1 - Momento de apresentação na Turma da Tarde.
(Foto Milena Vidal - monitora).*

Começamos o módulo com a realização da apresentação do programa da disciplina, dos participantes e da turma. A primeira ação pedagógica foi a reorganização da sala para fazermos um círculo onde todos/as os/as participantes pudessem ver uns/as aos outros/as. A atitude foi explicada a todo o grupo: a importância de todos/as poderem se ver, de se reconhecer durante o processo pedagógico que começava naquele momento. Com alguma dúvida se esse seria o melhor formato, as/os estudantes começaram a reorganizar as cadeiras. Em seguida, colocamos uma cartolina no centro e pedimos que cada um/a se apresentasse dizendo nome, o território de onde vinha e como compreendia os conceitos que davam nome à disciplina (Agroecologia, Meio Ambiente e Sustentabilidade – que foram escritos no quadro), relacionando-os com seus territórios.

Com o início da apresentação, cada um/a foi se inscrevendo para falar. O território de onde vinha se desmembrou em dois: o território de nascimento e o território de moradia atual. Essa diferença trouxe a força do pertencimento ao território de nascimento por uma parte do grupo,

especialmente aqueles que vinham de regiões rurais. Para eles/as, a relação com a natureza se dava a partir do modo de vida vivido na infância e as lembranças traziam um contato com o meio ambiente/natureza em contraponto às condições atuais de moradia na cidade.

Das três palavras que compunham o título do módulo, o tema meio ambiente foi o mais explorado durante as apresentações. Entre os temas abordados, tivemos:

1. **O lixo** – tema mais abordado, indo desde o cuidado com o lixo cotidiano (como ação e preocupação) até o lixo global e todo o sistema de produção de lixo que afeta rios e oceanos.
2. **Preservação** – necessidade de preservar a natureza, relação com as matas, repensar a tecnologia, plantio de árvores;
3. **A realidade da cidade e suas relações com a natureza:** rios que se transformaram em esgotos, excesso de prédios, ausência de animais, construções em locais inadequados. Pontualmente, tivemos o tema da sustentabilidade citado a partir da necessidade de reconhecermos-nos como meio ambiente e pensar nas gerações futuras. A agroecologia não apareceu nesse primeiro momento.

Ao final, apresentei o tema da Agroecologia, buscando abranger os outros dois temas. De forma didática, iniciamos separando os termos: AGRO-ECO-LOGIA. Lembrando então da LOGIA como estudo, do ECO meio ambiente onde vivemos, que é vivido e transformado a partir do AGRO – relação dos homens e mulheres com a terra para a produção da vida. Essa Agroecologia emerge como Ciência, Movimento e Prática para lidar com as crises que estamos enfrentando no planeta: social, cultural, ambiental, econômica, entre outras. Um ponto de partida importante da Agroecologia é o reconhecimento de como a Agricultura (Cultura da Terra) vem contribuindo para o fortalecimento dessas crises a partir da ideia de que acabaríamos com a fome a partir de uma agricultura que produzisse muita comida, argumento sustentado pela Revolução

Verde. Como afirmam Hadich & Andrade (2021), a Revolução Verde foi um processo gradativo de mudança técnica, econômica e cultural que:

impulsionou transformações na agricultura, associadas a um pacote tecnológico (fertilizantes, sementes, agrotóxicos e máquinas, (fármacos, rações, instalações, matrizes e reprodutores animais), que induziu a especialização produtiva (monocultivos e confinamentos e criação extensiva de animais) em grandes extensões de terra, com objetivo de exportação de matéria-prima.” (p.651).

Longe de combater a fome, a Revolução Verde subordinou a agricultura à lógica industrial e fomentou o lucro de grandes empreendimentos agrícolas. Gliessman, em sua obra *Agroecologia – Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável*, diz que *“todas as práticas de agricultura convencional tendem a comprometer a produtividade futura em favor da alta produtividade no presente”* (GLIESSMAN, 2009, p. 42) e aponta que vários estudos demonstram essa relação de queda da produtividade ao longo do tempo, devido à alta exploração dos recursos agrícolas, à alteração dos ciclos ecológicos e ao desmantelamento das condições sociais necessárias à manutenção da vida.

A partir disso, explicamos a escolha dos conteúdos a serem abordados no módulo, partindo da alimentação como experiência comum que vem tendo impacto direto a partir dessas crises. Apresentamos que a alimentação seria compreendida em uma abordagem sistêmica para apreender os fatores diversos que interagem na construção do ato de alimentar-se: PLANTAR – COLHER – COMER – DAR/TROCAR/COMERCIALIZAR – CELEBRAR/SONHAR. E a partir daí, poderíamos avançar no conhecimento da dimensão técnica produtiva com uma visita ao Sistema Agroflorestal da UFRPE. Por fim, incluímos uma oficina sobre a questão do lixo/resíduo, já que esteve tão presente nas apresentações.

Ao final da aula, foi explicado o exercício que deveria ser realizado

como preparação para a próxima aula (“tarefa de casa”). A atividade consistiu em:

4. Escolher uma refeição e fazer o registro da imagem (foto, desenho, etc.).
5. Escolher um alimento dessa refeição e pesquisar: de onde veio o alimento, quem fez, quem comprou, de onde comprou.
6. Caso tenha feito a comida, escreva a receita do alimento escolhido.
7. Pesquisar a história desse alimento. 5. Trazer essa tarefa para a próxima aula.

Em nossa segunda aula, iniciamos com a exposição do tema: SISTEMA AGROALIMENTAR. Por meio de tarjetas, fomos explicando este conceito orientador do módulo, partindo do que está mais próximo de nós: a alimentação. A partir disso, explicamos que a alimentação faz parte de um complexo sistema, o Sistema Agroalimentar, que vai desde o Plantar, de onde vem a comida? Quem a produz? Sob que condições? De onde vêm as sementes plantadas? Colher (quem colhe?). Como essa colheita se dá? Como o que é colhido chega até nós? Comer (o que estamos comendo é comida ou alimento? Quem define o que é “de comer”?). O dar/trocar/comercializar – como acessamos esse alimento? Quem vende? Como e onde vende? Neste último, ressaltamos que não iríamos aprofundar já que no mesmo módulo eles estavam vendo a temática “Economia Solidária” que envolve esses temas da comercialização e trocas.

Refletimos que este sistema não funcionava de forma satisfatória, na medida em que um terço do que é produzido no mundo não chega a ser acessado e é colocado no lixo. O porquê envolve várias questões que estão em cada parte do sistema e todos compõem a explicação: a falta de reforma agrária com uma grande quantidade de terra concentrada na mão de poucas pessoas; a falta de políticas públicas para a agricultura familiar, mesmo sendo o setor responsável por colocar a comida em nossa mesa; o

mercado de sementes que por meio de tecnologia vem criando mecanismos de dependência cada vez mais refinados (transgenia, por exemplo), fazendo com que os agricultores percam até mesmo seus saberes acumulados durante gerações sobre o armazenamento e conservação das sementes; a perda da agrobiodiversidade, precarizando nossa cultura alimentar e promovendo o consumo desenfreado dos ultraprocessados que são comestíveis, mas não são alimento, causando sérios problemas de saúde à população; entre outras questões. A partir daí, apontamos a importância de conhecer os conceitos de direito humano à alimentação, insegurança alimentar, segurança alimentar e nutricional e soberania alimentar.

O direito humano à alimentação foi iniciado a partir do debate sobre a fome. Trouxemos os estudos de Josué de Castro (especialmente em *Geografia da Fome*) quando demonstra que a fome é um problema social e não biológico, como se imaginava em sua época. A grande questão era parar de responsabilizar o indivíduo e perceber como a estrutura social tem um impacto direto na disponibilidade dos alimentos. A partir dos estudos de Josué de Castro e outros autores, pesquisadores aprofundaram a compreensão da fome a partir de três eixos principais: o acesso, a permanência e a qualidade dos alimentos. Esses três eixos já eram anunciados nos estudos de Josué quando falava da fome oculta, por exemplo, que era o fato de ter acesso a alimentos, mas não na quantidade ou qualidade nutritiva necessária, gerando desnutrição.

O tema foi abordado com a turma a partir do diálogo com perguntas: é suficiente apenas ter acesso ao alimento? E se eu tiver o alimento hoje e não souber se terei amanhã? E se esse alimento não tiver qualidade? As turmas rapidamente se engajaram no debate, trazendo exemplos de suas experiências de vida. Um dos estudantes chegou a afirmar: “Professora, às vezes a fome é tanta que, quando você vai comer o alimento, a barriga dói”.

A partir das respostas a essas perguntas, fomos construindo a compreensão de segurança alimentar, onde a garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) perpassa por: acessar alimentos de qualidade com regularidade, sem se privar de outros direitos essenciais. Esse direito só foi incluído em 2010 na Constituição Brasileira, a partir da mobilização da

sociedade civil por meio do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), das Conferências Nacionais de Segurança Alimentar e Nutricional (CNSAN) e da instituição da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) (Silva, 2020). Seguindo essa lógica de reflexão, chegamos ao entendimento de insegurança alimentar. Esse conceito esclarece que se uma pessoa acessa o alimento com regularidade, mas sem qualidade, ela está em estado de insegurança alimentar; se uma pessoa acessa o alimento de qualidade, mas sem regularidade, ela está em estado de insegurança alimentar; e se ela tem dificuldade de acessar o alimento, ela está em estado de insegurança alimentar. A combinação desses três fatores leva à indicação se a insegurança alimentar é leve, moderada ou grave. Todas as três referem-se ao fenômeno da fome, com mais ênfase à insegurança alimentar grave. Mas como buscar a segurança alimentar? Trouxemos então o conceito de soberania alimentar, como vem sendo tratado nos debates a partir das reivindicações da Via Campesina, como demonstrado por Silva (2020). A autora traz o conceito de soberania alimentar a partir do Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, realizado em 2001, como:

o direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental [...]. A soberania alimentar é a via para erradicar a fome e a desnutrição e garantir a segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos (Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, 2001). (Silva, 2020).

Concluimos a aula afirmando que todos/as temos direito a uma alimentação de qualidade com regularidade.

Na nossa terceira aula, trouxemos o debate do alimento propriamente dito. O que estamos comendo é alimento ou comida? O que é comida de verdade e comida de mentira? Segundo o Guia alimentar para a população brasileira (BRASIL, 2014, p. 08):

A alimentação adequada e saudável é um direito humano básico que envolve a garantia ao acesso permanente e regular, de forma socialmente justa, a uma prática alimentar adequada aos aspectos biológicos e sociais do indivíduo e que deve estar em acordo com as necessidades alimentares especiais; ser referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia; acessível do ponto de vista físico e financeiro; harmônica em quantidade e qualidade, atendendo aos princípios da variedade, equilíbrio, moderação e prazer; e baseada em práticas produtivas adequadas e sustentáveis.

Esse conceito amplia a compreensão do olhar sobre a alimentação para relacioná-la com todo o sistema no qual está inclusa. Isso aproximamos do princípio da Educação em Agroecologia que muito enfatizamos ao longo do módulo: o princípio da Complexidade. Reconhecer a complexidade que nos constitui e está enraizada nas nossas relações socioecológicas é fundamental para avançarmos como sociedade. Criamos ao longo do módulo um mantra para refletir: “*problemas complexos requerem soluções complexas*”. A partir disso, provocamos a turma a se questionar: produzir comida em larga escala resolverá o problema da fome? E a resposta deles foi não. Vários elementos estão colocados no problema da fome e só uma resposta intersetorial e bem articulada pode lidar com esse problema.

A partir disso, um dos estudantes perguntou: “Professora, mas outro professor disse ser necessário o uso de defensivos agrícolas para garantir alimentação para todo mundo. O que a senhora acha?”. Iniciei afirmando que eles estavam numa universidade e que, por isso, era natural que acesassem diferentes olhares sobre uma mesma questão. Feito esse esclarecimento, passei a questão.

Como os defensivos agrícolas foram criados? Como eles operam na natureza? Os defensivos agrícolas foram criados num contexto de guerra, onde a produção em larga escala era uma questão de sobrevivência e não havia tempo disponível para se pensar nas questões ambientais. Essa abordagem foi apropriada pelas empresas que viram nisso uma fonte de lucro e geraram a chamada Revolução Verde com pacotes tecnológicos para implementação dos defensivos e adubação química. A justificativa estava na necessidade de ampliação da quantidade de alimentos para atender a população mundial crescente. No entanto, vários pesquisadores começaram a demonstrar que essa estratégia, longe de atingir seus objetivos, tinha, na verdade, piorado a situação. A produção em larga escala aprofundou a desigualdade social no meio rural. Transformou o campo num lugar de produção agrícola como mercadoria, invisibilizando todo um modo de vida em relação equilibrada com a natureza e afastando a população do campo do acesso a direitos. Com isso, houve o aumento na concentração de terras com elevação da violência no campo. E mais ainda, as consequências culturais e ambientais que tem nos levado a um quadro de adoecimento individual e coletivo.

No âmbito cultural, passamos da fome à obesidade, com diminuição da nossa diversidade e saber alimentar, enfocando alimentos ultraprocessados pela praticidade. Aqui, utilizamos a classificação trazida pelo Guia alimentar para a população brasileira (BRASIL, 2014) para solicitar a segunda tarefa de casa: a partir da refeição escolhida na tarefa anterior ou do diário da alimentação, analisar cada alimento classificando-o segundo a classificação que conversamos em sala de aula, em alimentos *in natura*, minimamente processados, processados e ultraprocessados.

- **Alimentos in natura** são obtidos diretamente de plantas ou de animais e não sofrem qualquer alteração após deixar a natureza.
- **Alimentos minimamente processados** correspondem a alimentos in natura que foram submetidos a processos de limpeza, remoção de partes não comestíveis ou indesejáveis, fracionamento, moagem,

secagem, fermentação, pasteurização, refrigeração, congelamento e processos similares que não envolvam agregação de sal, açúcar, óleos, gorduras ou outras substâncias ao alimento original.

- **Alimentos processados** são produtos relativamente simples e antigos fabricados essencialmente com a adição de sal ou açúcar (ou outra substância de uso culinário, como óleo ou vinagre) a um alimento in natura ou minimamente processado. As técnicas de processamento desses produtos se assemelham a técnicas culinárias, podendo incluir cozimento, secagem, fermentação, acondicionamento dos alimentos em latas ou vidros e uso de métodos de preservação como salga, salmoura, cura e defumação. Alimentos processados, em geral, são facilmente reconhecidos como versões modificadas do alimento original.

Alimentos processados são fabricados pela indústria com a adição de sal ou açúcar, ou outra substância de uso culinário, a alimentos in natura para torná-los duráveis e mais agradáveis ao paladar. São produtos derivados diretamente de alimentos e são reconhecidos como versões dos alimentos originais. São usualmente consumidos como parte ou acompanhamento de preparações culinárias feitas com base em alimentos minimamente processados.

- **Alimentos ultraprocessados** são formulações industriais feitas inteiramente ou majoritariamente de substâncias extraídas de alimentos (óleos, gorduras, açúcar, amido, proteínas), derivadas de constituintes de alimentos (gorduras hidrogenadas, amido modificado) ou sintetizadas em laboratório com base em matérias orgânicas como petróleo e carvão (corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e vários tipos de aditivos usados para dotar os produtos de propriedades sensoriais atraentes).

Os retornos das tarefas de casa chegaram com um pequeno atraso devido a problemas iniciais de comunicação que logo foram superados. As pesquisas foram apresentadas antes das aulas e fomentaram o debate e o envolvimento com cada tema. Da primeira tarefa, recebemos como de-

volutivas as receitas de: cuscuz de massa, cuscuz de milho, baião de dois, queijo coalho, pão de queijo e polenta. Também foram trazidas as receitas de bolo de milho, papa de aveia e grão-de-bico com bacalhau, ovos, azeitona e legumes, onde após as receitas os/as estudantes apresentaram as histórias do milho, da aveia e do grão-de-bico respectivamente.

Alguns dos estudantes buscaram os trajetos dos alimentos, como indicado na tarefa, e sistematizamos no quadro que segue:

Alimento	Local de onde veio (plantação)	Local onde foi comprado
Abacaxi	Gravatá-PE	Hortifruti da Ceasa
Brócolis	Congonhal – MG	Hortifruti da Ceasa
Flocão de Milho não transgênico	Goianira – GO	Empório no bairro da Encruzilhada
Aveia	Região Sul (SC e PR)	Supermercado Floresta

Esses históricos, apresentando as origens diversas relacionadas a determinados povos, ajudaram a aprofundar a reflexão sobre a dimensão cultural da alimentação. Alguns históricos eram complementados pela informação nutricional, reforçando a importância desses alimentos. A percepção da complexidade do sistema alimentar também foi realçada pelas distâncias que os alimentos percorreram para chegar à mesa. Questões sobre o transporte, circulação, atravessadores foram levantadas ao longo dos debates. Outra dimensão também acessada foi a da ancestralidade, onde receitas de família foram trazidas e referências a descendências de outros povos. A leitura das tarefas e seus relatos promoveram a ampliação do conhecimento de todos/as os/as envolvidos/as e fortaleceram a participação das turmas nos debates. Promoveram também inspiração e afetividade, como no exemplo de versos feitos pelo estudante José Araújo:

Jacqueline 's food

*A nossa cidade tem muitos restaurantes sofisticados,
Que poderia bem destacar e indicar,
Com suas cozinhas ofegantes,
Cativando os clientes para retornar,
Mas a comida da minha esposa não fica a desejar,
Porque é feita com amor e carinho
Para aguçar o meu paladar!*

Na tarefa dois, apresentamos as classificações de alimentos realizadas a partir dos alimentos escolhidos na tarefa anterior:

Alimento	Classificação dada pelo/a estudante
Arroz	Processado
Repolho	In natura
Feijão, arroz, suco de manga*, doce de banana*	Minimamente processados

**Caso haja adição de açúcar ou sal, esses alimentos se tornam processados.*



*Figura 2 - Círculo no centro da sala com representação dos tipos de alimentos.
(Foto Milena Vida – monitora).*

Após a leitura das tarefas, para refletir mais sobre esses conceitos que já havíamos apresentado rapidamente em aula anterior, levamos alguns alimentos para o centro do nosso círculo da sala e fomos perguntando um a um em que classificação eles estavam. Logo, começaram as perguntas sobre geleias, frutas partidas e outras formas de preparo para tentar entender melhor. De forma geral, os/as idosos/as se mostraram muito atentos à alimentação e aos riscos dos alimentos ultraprocessados. Foi importante ressaltar que ultraprocessamento e industrialização são coisas diferentes. O feijão, o arroz e outros cereais, por exemplo, são industrializados, mas não são ultraprocessados porque eles são os alimentos em si e não formulações.

Como dinâmica para a reflexão, trouxemos a mostra fotográfica “Pão diário”, do fotógrafo Gregg Segal (<https://www.greggsegal.com/P-Projects/Daily-Bread/1/caption>). As fotos foram impressas na Editora Universitária e expostas no corredor da sala de aula juntamente com o texto explicativo sobre cada uma delas. Explicamos o objetivo do autor de evidenciar as condições da alimentação a partir de um estudo da Universidade de Cambridge que demonstrou que as dietas mais saudáveis do mundo estão na África, onde alimentos básicos e refeições caseiras

fazem parte da rotina. Ele então pediu à família de algumas crianças ao redor do mundo para registrar sua alimentação ao longo de uma semana e, depois, reuniu esses alimentos e fez as fotos deles.



*Figuras 3 e 4 - Criação do varal de fotos pelos/as estudantes.
(Fotos Milena Vidal – monitora).*

Cada estudante recebeu um texto descritivo e foi buscar a foto correspondente. Observou as crianças e os alimentos, se surpreendeu com os países e a variação delas. As fotos foram colocadas num varal no corredor, onde todos puderam observar a variedade de contextos. Ao contrário da expectativa comum, percebemos juntos que as populações dos países chamados “menos desenvolvidos”, onde as pessoas se alimentam em suas casas a partir da cultura local – às vezes mais por necessidade do que opção – são aquelas que se alimentam de forma mais saudável. Um dos fatores é que nos chamados “países desenvolvidos”, há uma maior oferta e disponibilidade de alimentos ultraprocessados. Nesses países há um barateamento desses “alimentos” em contraponto aos países menos desenvolvidos, onde eles são muito caros.

Em continuidade ao debate, na aula seguinte dialogamos sobre três conceitos mais atuais nos debates sobre alimentação: os desertos alimentares, os oásis alimentares e os pântanos alimentares. Esses conceitos cunhados em diferentes contextos buscaram situar ambientalmente as condições

de acesso aos alimentos, demonstrando como as configurações das cidades estabelecem relação direta com o acesso a uma alimentação saudável.

O primeiro conceito, criado a partir da década de 1990, foi o de desertos alimentares, definindo aqueles territórios em que o acesso aos alimentos saudáveis seria “desértico”, ou seja, pouco provável. “De maneira geral, os desertos alimentares são definidos como vizinhanças socialmente vulneráveis com pouco ou nenhum acesso aos alimentos saudáveis” (Honório et al., 2022, p.37). Nesses locais, as pessoas precisam se deslocar em veículos privados para acessar alimentos saudáveis (alimentos in natura ou minimamente processados). Diversos países começaram a discutir o conceito e criar suas metodologias de estudo para identificar a existência ou não desses lugares. Segundo Honório et. al (2022), no Brasil, a Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (CAISAN) percebeu que as metodologias internacionais não eram aplicáveis ao contexto nacional e fizeram uma proposição em que classificavam os estabelecimentos em três classes:

1. Estabelecimentos de aquisição de alimentos in natura;
2. Estabelecimentos de aquisição de alimentos ultraprocessados;
3. Estabelecimentos mistos.

A maioria dos estudos se concentra em São Paulo e demonstrou haver uma relação forte entre o acesso ao alimento saudável e a disponibilidade dos estabelecimentos na região.

Em sentido complementar, mais tarde foi desenvolvido o conceito de pântanos alimentares para destacar a existência de territórios onde o acesso aos ultraprocessados é tão facilitado que chega a inibir uma alimentação saudável. “Vizinhanças que possuem predominância de estabelecimentos que comercializam alimentos não saudáveis em relação àqueles que comercializam alimentos saudáveis”. A comparação entre estabelecimentos que fornecem um tipo de alimentação ou outro é muito desigual, com uma quantidade muito maior de locais que comercializam ultraprocessados.

Honório et al. (2022) trazem exemplos de estudos sobre pântanos alimentares nos Estados Unidos que demonstraram a relação entre os pântanos alimentares e maiores índices de obesidade.

Para arrematar os sentidos ligados a essas questões, o conceito de oásis alimentares vem para evidenciar aqueles lugares em que os alimentos saudáveis estão mais disponíveis, se configurando como verdadeiros oásis dentro das cidades.

A aprendizagem desse conceito foi mediada por um exercício em sala de aula. Após a explicação sobre os três conceitos, pedimos que cada um/a pudesse pensar no seu bairro e contar quantos estabelecimentos até um quilômetro de distância existiam para comercialização de alimentos in natura, processados e ultraprocessados. E fomos identificando as diversas situações. No bairro da Várzea, por exemplo, identificamo-lo como um oásis, já que possui feiras livres permanentes e também feiras agroecológicas semanais. Os bairros que possuem grandes mercados (atacarejos e atacadões, cada vez mais presentes em nossa cidade) demonstraram facilitar esse acesso. Ainda que, sob outros pontos de vida (econômico, cultural, social) eles não possam ser considerados uma expressão de acesso à alimentação saudável, a exemplo dos dados do relatório “Hora de Mudar – Desigualdade e sofrimento humano nas cadeias de fornecimento dos supermercados”*, da Oxfam, que aponta, entre outras coisas, a concentração de renda nos supermercados enquanto os produtores sofrem para sobreviver com a renda obtida.

Ainda no tema da alimentação, fizemos uma dinâmica sobre o valor nutricional dos alimentos a partir das fichas pedagógicas construídas pelo Centro Nordestino de Medicina Popular. Os/as estudantes buscaram pares complementares que gerassem uma refeição balanceada e, a partir disso, fizemos um debate sobre a cultura alimentar. Compreender as dinâmicas culturais que também operam sobre a alimentação também é um recurso importante. A reflexão fez com que se parasse para pensar: “por que eu como o que eu como?”. Uma diversidade de influências: familia-

* <https://www.oxfam.org.br/noticias/desigualdade-na-comida-quem-realmente-lucra-com-a-nossa-laranja/>

res, profissionais da saúde, mídia (tv, internet). Refletimos que essas várias influências precisam operar a partir das nossas escolhas e não nos levar a caminhos que muitas vezes desvalorizam os saberes e sabores locais.

Para a Agroecologia, essa complexa inter-relação é elemento fundamental para nos conectarmos com uma alimentação que nos fortaleça individualmente e coletivamente.

Para finalizar o tema da reflexão sobre a alimentação, voltamos ao sistema agroalimentar e buscamos provocar o papel do Estado. O tema foi introduzido pela tarefa de casa que consistiu em: 1. Escolher uma escola próxima à sua casa e ir à escola dialogar sobre a alimentação escolar com algumas perguntas orientadoras: quais refeições são realizadas? Que alimentos são oferecidos? Quem prepara a comida? Como é planejada a alimentação? Há preocupação em relação à origem dos alimentos? Começamos a aula trazendo a apresentação das tarefas. O resultado foi muito interessante porque as quatro pessoas que se dispuseram a apresentar eram de estabelecimentos educacionais diferentes: uma creche municipal, uma escola de Ensino Médio, uma escola de ensino fundamental I e uma escola de ensino fundamental II. Cada estudante trouxe as características da alimentação na escola: na creche todas as refeições garantidas (café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde), com abundância de alimentos in natura e a comida preparada no próprio local; nas demais escolas as refeições eram disponibilizadas em até duas por turno (exemplo: almoço e lanche), com maior presença de alimentos processados e ultraprocessados (exemplo da salsicha).

A preparação nem sempre era da própria escola, tendo empresas que entregavam prontas. No debate, tivemos idosas com experiências de gestão em escolas que qualificaram ainda mais a reflexão. Fomos refletindo então sobre esses aspectos dos tipos de alimentos, da forma de organização dessa estrutura e chegando ao entendimento de que são parte do Sistema Agroalimentar também as políticas públicas que visam garantir o acesso ao Direito Humano à Alimentação Saudável, e no caso específico do tema em discussão destacamos a Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Citamos algumas outras que também são voltadas (ou se relacionam) para/com a garantia desse direito: PAA (Política de Aquisição de Alimentos), Pla-

no Safra, PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar), PNATER (Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural), entre outros.

No diálogo sobre essas políticas, trouxemos a articulação com outras políticas: reforma agrária, habitação, saneamento básico, saúde, renda básica e outras que estão entrelaçadas.

Com isso, iniciamos o debate sobre os sujeitos do campo e as necessidades desses sujeitos. Refletindo sobre as pessoas que levam a comida para a nossa mesa, suas condições sociais e modos de vida. A reflexão mobilizou muitas histórias de vida, pois várias pessoas presentes possuíam lembranças de infância e juventude no meio rural. Abordamos a diversidade cultural, com a existência de povos do campo, das florestas e das águas. E os saberes acumulados por eles na relação com a natureza. A partir disso, indicamos nossa quarta tarefa do módulo:

1. Observar o entorno da casa / comunidade/o bairro.
2. Fazer a pergunta: como são as relações com a natureza?
3. Registrar a resposta a partir de duas questões: Como a natureza é explorada no meu bairro? Como a natureza é preservada no meu bairro?

A tarefa levou os/as estudantes a observar seu entorno e refletir sobre a relação com a natureza. Poucos sistematizaram no papel, mas muitos tinham experiências para contar sobre as explorações e preservações de seus bairros. A natureza nos lugares estava pouco ligada à produção de alimentos, com exceção de frutíferas e hortas comunitárias. Seguimos então para conhecer o Sistema Agroflorestal (SAF) da UFRPE para refletir sobre a dimensão técnico-produtiva a partir da Agroecologia. As técnicas que imitam a floresta e cuidam da saúde do solo e de todos os seres.

Como afirma Gliessman (2009), os sistemas agroflorestais “combinam elementos de culturas e animais com elementos florestais, simultaneamente ou em sequência, desenvolvendo-se a partir da qualidade especial das árvores – de produção e proteção” (p.492). O SAF da UFRPE foi construído por estudantes de engenharia florestal ávidos por colocar em

prática seus conhecimentos e demonstrar a possibilidade de colheita de alimentos a partir de um pequeno espaço dentro da universidade.

Em nossa visita, iniciamos observando a floresta e sua diversidade. Percebendo os elementos que a compõem: espécies vegetais, insetos, animais de diferentes portes (em uma das visitas vimos uma preguiça). Afirmamos então que o princípio orientador da Agrofloresta é “imitar a natureza” gerando matéria orgânica e as condições para o desenvolvimento de todas as espécies, o que inclui a humana. No SAF, os/as estudantes que mantinham o lugar foram apresentando as diversas espécies existentes e contando sua história. Falaram da compostagem em parceria com os funcionários da universidade; da pobreza do solo no início por ser uma área de aterro; das aprendizagens sobre o manejo e dos desafios para manter aquele sistema produtivo. Por fim, levaram os/as estudantes à horta recém implementada dentro da área do SAF. Depois, os/as estudantes colheram alimentos e receberam de presente para sua casa. Os principais alimentos foram couve, rúcula, cebolinha e inhame.

Daí apresentamos o conceito de “praga” muito utilizado pelos produtores e que a Agroecologia ressignifica. Qualquer espécie pode ser uma praga, inclusive a humana. O termo praga refere-se ao descontrole de uma determinada população e que este está diretamente ligado ao modo de produção. Para a agroecologia, o que existem são insetos que possuem seus predadores naturais e que, quando o sistema está em equilíbrio, eles coabitam e realizam sua autorregulação. Por isso, ao invés de “exterminar uma praga” a Agroecologia propõe o controle biológico de insetos com superpopulação concomitantemente a ações que devolvam o equilíbrio ao agroecossistema.

Para concluir nosso módulo, tendo em vista a presença marcante do lixo nas experiências dos/as estudantes, convidamos duas organizações sociais para apresentar aos estudantes suas experiências e fazer uma oficina de compostagem com o balde, dando a devida destinação e aproveitamento dos resíduos orgânicos. As organizações sociais que ministraram a oficina foram: Kapiwara, Várzea composta e Chié do Entra.

A aula começou com a apresentação das experiências dessas orga-

nizações que realizam a compostagem individual, mas a partir de uma organização comunitária e que, a partir desse tratamento dos resíduos, vêm ampliando suas ações e atuações, ministrando cursos em escolas, bairros e oferecendo serviços. Em seguida, fizemos uma oficina de construção de composteiras de balde onde foi explicado o funcionamento e, em seguida, cada grupo de estudantes construiu uma composteira.



Figura 5 e 6 – Oficina de compostagem de balde – Turma Manhã e Tarde respectivamente. (Foto de Sarah Bezerra – monitora).

CONSIDERAÇÕES

Ao final da oficina, fizemos um apanhado do módulo a partir dos quatro princípios da Educação em Agroecologia.

Do princípio da Vida relembramos a importância dos alimentos para nosso bem-viver e de como as relações entre quem planta e quem consome são importantes, para mantermo-nos vivos como seres e como sociedade. Vários estudos vêm demonstrando que os “alimentos sem vida” (ultraprocessados) estão na base dos principais problemas de saúde da população. E se este é o princípio não devemos propor nenhuma intervenção que procure “exterminar o outro ser”, mas mantermos em equilíbrio como tivemos oportunidade de ver na disciplina no vídeo “Lobos que mudam rios”, que conta a experiência de um parque nos Estados Unidos onde os lobos fizeram o controle da superpopulação de veados e devolveram a biodiversidade e o equilíbrio dinâmico ao local.

Do princípio da diversidade, recordamos a própria importância das diferentes experiências em sala para a riqueza do processo pedagógico e que isso espelha o que conhecemos na Agrofloresta: a diversidade fortalece e nutre o solo, possibilitando toda a vida que emerge dele. Percebemos que este princípio também precisa estar em nossos pratos para podermos garantir a nutrição adequada de nossos corpos.

Do princípio da Complexidade, percebemos que os problemas ambientais e as crises que vivemos não podem ser resolvidas de forma rápida e imediata. Que vários fatores precisam ser considerados para podermos avançar socialmente. Assim, não adianta apenas compostar o lixo orgânico ou comer de forma mais saudável. Precisamos fazer ambos e ainda atuar politicamente para todos e todas terem acesso aos direitos, inclusive os/as idosos/as.

Do princípio da Transformação, aprendemos que tudo está em movimento e que nesse ciclo de mudança precisamos contribuir para possibilitar a vida de outras gerações. Que nascemos, crescemos e envelhecemos. E que o envelhecimento, como parte desse ciclo permanente de transformação, nos fala de vida, diversidade e complexidade de seres e processos.

Ao final da disciplina, os/as próprios/as estudantes organizavam as cadeiras em círculo para iniciar as aulas.

A realização deste módulo de Agroecologia, Meio Ambiente e Sustentabilidade para as turmas de idosos/as reforça-os como corresponsáveis pela vida em sociedade, que eles/as são imprescindíveis em qualquer proposta de transformação social.

Agradecimentos

À coordenação do Projeto pelo convite e apoio na realização do módulo. Às quatro bolsistas que acompanharam todo o módulo: Gleice Kelly Ferreira da Silva, Milena Vidal de Freitas, Carla Gabrieli Maria do Nascimento e Sarah Bezerra Siqueira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Virginia Almeida et al. Princípios e diretrizes da educação em agroecologia. **Cadernos de Agroecologia** [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)], v. 11, n. 1, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira** 2a ed. Brasília: MS; 2014.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4ed. Porto Alegre, UFRGS, 2009.

HADICH, Ceres; ANDRADE, Gilmar. Verbete REVOLUÇÃO VERDE. *In: DICIONÁRIO DE AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO*, São Paulo, Expressão Popular, 2021, p. 650-658.

HONORIO et. al. Desertos e Pântanos Alimentares. *In: MENDES, LL; PESSOA, MC; COSTA; BVL. Ambiente alimentar: saúde e nutrição/ organização*. 1ª Ed – Rio de Janeiro: Rubio, 2022, p.37-52.

SILVA, Maria Zênia Tavares da. A segurança e a soberania alimentares: conceitos e possibilidades de combate à fome no Brasil. Configurações. **Revista Ciências Sociais**, n. 25, p. 97-111, 2020.

SIMONATO, Danitielle Cineli et al. Velhice e Agroecologia? O conhecimento agroecológico de idosos e idosas de Assentamentos Rurais do Pontal do Paranapanema-SP. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

DIÁLOGOS SOBRE A ENVELHESCÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA: contribuições da Psicologia para pensar o processo de envelhecimento com qualidade de vida

EMMANUELLE C.CHAVES

Docente da disciplina "Psicologia do envelhecimento"

INTRODUÇÃO

O envelhecimento consiste em uma das etapas do ciclo de vida e tem sido foco de estudos e pesquisas de diversas áreas do conhecimento, como a Medicina, Sociologia e, também, a Psicologia. Neste sentido, o presente relato de experiência busca compartilhar as vivências ao longo dos encontros da disciplina de Psicologia do Envelhecimento, no curso de extensão “Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa” na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que ocorreu no período entre junho e agosto de 2024. Neste sentido, a referida disciplina teve como objetivos refletir sobre alguns fenômenos que ocorrem ao longo da velhice e compreender alguns impactos que os mesmos têm sobre a dimensão psicológica (com a aposentadoria, perdas e lutos). Além disso, a disciplina se propôs também a favorecer o conhecimento e a reflexão sobre estratégias (projetos de vida) que podem contribuir para um envelhecimento mais saudável do ponto de vista emocional e psicológico. Para tanto, foi dedicada uma carga horária total de 20h, distribuídas ao longo de dez encontros com os cursistas. O público-alvo que participou da disciplina foi, aproximadamente, 83 idosos, com idades entre 61 e 81 anos.

ENVELHESCÊNCIA E PROJETOS DE VIDA

Diálogos sobre a ENVELHESCÊNCIA.

Um dos temas da disciplina de Psicologia do Envelhecimento foi a “Envelhescência”. Esse é um conceito formulado pelo sociólogo Manoel Berlinck (2000) que procura delimitar um período do ciclo de vida vivenciado entre os 45 e os 65 anos e que, segundo o autor, representa uma geração sanduíche entre a idade adulta e a velhice. Para a discussão do referido tema com as turmas, foi escolhida a resenha “Educando para a envelhescência” de Lúcio Alves de Barros, escrita para a Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Nela, Barros (2015) apresenta suas impressões sobre o livro “A bela velhice”, onde a socióloga Miriam Goldberg analisa aspectos positivos e negativos da velhice, utilizando para isso, por exemplo, o conceito de envelhescência.

Para Goldberg (2013), o caminho para uma bela velhice pode ser construído a partir da busca de homens e mulheres, já maduros, em atribuir um significado à vida quando vivenciam o período da velhice. Além disso, a referida autora destaca que uma bela velhice também está relacionada ao sentimento de liberdade de ser o que é em plena velhice, o que implica enfrentar a sociedade e sua constante dinâmica de desarticular e invalidar as subjetividades. Para tanto, é necessário que cada indivíduo possa se reconhecer como protagonista e responsável pela construção de sua vida ou do restante dela.

Além da leitura do texto sobre a “bela velhice”, o tema da envelhescência também foi discutido, tendo como pano de fundo o documentário “Envelhescência; um novo olhar sobre o envelhecimento”, de 2018 e dirigido por Gabriel Martinez. Nele, foi possível acompanhar a história de seis pessoas que vivem de maneira plena e nos mostram, por meio de suas próprias experiências, que a rotina após os 60 anos pode ser repleta de atividades e bom humor. Após o documentário, houve um diálogo muito rico com as turmas, onde cada um e cada uma puderam compartilhar um

pouco sobre o que compreenderam do filme e as relações que puderam estabelecer entre as histórias apresentadas e suas próprias histórias de vida.

Nesta oportunidade, foi possível perceber a identificação de alguns cursistas com as histórias que foram apresentadas ou a admiração que expressaram em relação a alguns personagens do documentário. Uma das histórias que mais pareceu chamar a atenção dos cursistas foi a história de Edson, que ingressou na faculdade de medicina aos 76 anos. A partir das narrativas, foi possível perceber que o que mais impactou nesta história foi a iniciativa do médico em iniciar uma formação numa idade já avançada, quando muitos já pensam que o momento não é mais de aprender e sim de se recolher. Muitos (as) comentaram, durante as discussões relacionadas ao documentário, que também procuram exercitar essa mesma iniciativa de buscar construir novos conhecimentos e formações. Em vários momentos, inclusive, emergiu na fala dos cursistas (tanto homens como mulheres) que estar vivenciando a universidade de formação aberta à pessoa idosa seria um exercício nessa busca por novos conhecimentos. Vale a pena destacar que, muitos dos relatos, pontuaram também que a possibilidade de construir novos conhecimentos foi relatada como uma experiência que é benéfica não somente do ponto de vista intelectual, mas, principalmente, em relação à dimensão socioemocional da vida.

A partir de toda a discussão que o tema da envelhecimento promoveu, foi proposto, como atividade da disciplina, que os cursistas pudessem elaborar um trabalho relacionado ao seu “Projeto de vida” para o período da envelhecimento e velhice. Toda a proposta desta atividade e também os seus desdobramentos serão abordados no tópico a seguir.

A experiência dos “PROJETOS DE VIDA” e a importância de projetar o futuro na velhice.

A atividade relacionada ao “Projeto de vida” emergiu a partir da discussão sobre o tema da envelhecimento e a possibilidade de discutir sobre o que seria uma “bela velhice”. Sobre isto, ao longo da disciplina de Psicologia do Envelhecimento, tivemos a oportunidade de construir diálogos com

os cursistas sobre quais as possibilidades que temos, em nosso tempo, para vivenciar uma velhice com qualidade de vida.

Neste sentido, trouxemos como referência para a reflexão as ideias de Miriam Goldberg sobre a importância dos projetos de vida para se ter qualidade de vida na velhice. Com base em uma pesquisa com pessoas com idade acima dos 60 anos, a autora reuniu depoimentos que mostram que os caminhos para viver uma “bela velhice” são muitos. O comportamento de cada indivíduo ao construir seus projetos de vida irá variar de acordo com vários fatores que vão desde a classe social e condições de saúde até aqueles relativos à carreira e família (Goldberg, 2013). Em comum, os entrevistados apontaram que, na velhice, é importante que eles possam fazer o que desejam e não apenas o que é preciso para atender às exigências da família ou da sociedade.

A partir desta reflexão, foi proposto aos cursistas da disciplina de Psicologia do Envelhecimento que eles e elas pudessem pensar sobre os seus projetos de vida, procurando refletir sobre os seguintes aspectos:

- Qual o seu projeto de vida, procurando indicar se ele já está sendo posto em prática ou não?
- Apontar de que maneira esse projeto contribui para que seja possível vivenciar uma maior qualidade de vida na velhice.
- Que dimensões da sua vida o seu projeto de vida alcança? (Social, afetiva, financeira, familiar, profissional, etc.). Que emoções, sentimentos, novos comportamentos, tal projeto de vida te permite experimentar?

Além disso, após organizar o seu projeto de vida com base nos aspectos acima mencionados, os cursistas foram convidados a apresentar o seu projeto para os colegas de turma e para isso poderiam utilizar a criatividade, procurando utilizar diferentes recursos para a apresentação (apresentação em power point, leitura de um poema, apresentação de imagens em conjunto com a narrativa sobre as mesmas, etc.). A seguir, apresentaremos

algumas percepções sobre os projetos de vida apresentados pelos cursistas da Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa da UFRPE.

Projetos de vida: resgate do passado e projeção do futuro.

A apresentação dos projetos de vida se revelou um momento extremamente rico de compartilhamento de sonhos e também de resgate do passado como forma de auxiliar na projeção do futuro. Além disso, foi uma oportunidade para que os cursistas da universidade de formação aberta à pessoa idosa exercitem duas posições: ouvir e serem ouvidos(as).

Ao acompanhar este exercício, uma primeira percepção que saltou aos olhos foi que a grande maioria dos cursistas, ao apresentar os seus projetos de vida, realizou, inicialmente, um movimento de resgate de suas histórias. Nesta direção, as experiências vivenciadas foram compartilhadas com os colegas de turma e comigo e pareciam ter como objetivo nos ajudar a compreender como as contingências guiaram cada um e cada uma até aquele momento da vida. Assim, a partir do passado, foram surgindo nas narrativas dos cursistas as suas histórias, realizações e conquistas, mas também foram emergindo os sonhos e as experiências que ainda cabem ser vividas no atual momento da vida e no futuro.

Dentre essas experiências, destacou-se o desejo de vários cursistas de continuar uma jornada, que já iniciaram, em busca de construir conhecimentos, como mostram alguns fragmentos das narrativas de alguns cursistas:

“Me atualizar constantemente é a minha meta!”

(Cursista de 71 anos).

“Eu nunca vou parar de estudar. O projeto de vida envolve me dedicar ao universo da pessoa idosa... especialização em Gerontologia...”

(Cursista de 64 anos).

“(...) quero estudar até os últimos dias da minha vida!”

(Cursista de 81).

Considerando os fragmentos acima mencionados, que contemplam a dimensão da educação nos projetos de vida apresentados por alguns cursistas, é importante destacar que alguns estudos têm mostrado a importância de atividades desse tipo para o desenvolvimento de habilidades na velhice e para a manutenção do envelhecimento saudável. Scoralick-lempe e Barbosa (2012) chamam a atenção para um estudo realizado com 184 idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

Nesta pesquisa, Batistoni et al. (2011) verificaram uma associação entre o tempo de participação nas atividades e o menor índice de sintomas depressivos. Assim, a participação em atividades educacionais, sociais e físicas serviu como um possível fator protetor para a depressão entre os idosos que estiveram incluídos no programa por mais de um semestre.

Além disso, Duay e Bryan (2006) já pontuaram que, além de ser uma forma de exercitar a mente, a aquisição de aprendizagens na velhice permite novas experiências sociais, funcionando como uma estratégia de enfrentamento frente às perdas que ocorrem nessa fase da vida e como uma forma de lazer e obtenção de prazer. Esse benefício, que envolve aspectos mais socioemocionais das experiências relacionadas à realização de cursos e do envolvimento com atividades relacionadas à Educação, foi reportado várias vezes pelos cursistas, não só em relação aos seus projetos de vida, mas principalmente quando expressavam a sua satisfação em estar participando da Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa.

Outro aspecto que emergiu nas apresentações dos projetos de vida dos cursistas foi o desejo de cuidar da saúde, estar em contato com a família e fazer novas amizades.

“Eu não gosto de fazer exercício. O meu projeto de vida será o Tai Chi Chuan.”

(Cursista de 70 anos).

“(…) Cuidando da minha saúde, passear sempre que puder, fazer novas amizades”

(Cursista de 75 anos).

Analisando essa disponibilidade para as relações como um projeto de vida, é possível articular essa percepção com a Teoria da Seletividade Emocional proposta por Carstensen (1991). Para a referida autora, a dinâmica das relações na velhice parece sofrer uma transformação e isto implica numa seleção e consequente redução na quantidade de contato social. Apesar disso, mesmo que o ciclo das amizades e das relações diminua, segundo Scheibe e Carstensen (2010), os idosos procuram manter aquelas amizades que são emocionalmente próximas e que oferecem um maior conforto emocional. Além disso, como pontuam Rabelo e Neri (2011), os indivíduos idosos passam a escolher os parceiros com quem irão se relacionar pela qualidade afetiva da relação, dando preferência para aqueles que oferecem experiências emocionais positivas.

Todas essas elaborações sobre as relações na velhice puderam ser percebidas nas narrativas dos cursistas e também observadas no entusiasmo com que eles e elas procuravam se engajar nas trocas sociais com seus colegas de turma (nos momentos de lanche, nas festas, etc.). Vemos, portanto, que o espaço da Universidade parece ter produzido efeitos positivos nos projetos de vida desses indivíduos, não apenas na dimensão intelectual, mas também na dimensão socioafetiva.

CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista as percepções que emergiram a partir do acompanhamento da elaboração e compartilhamento dos projetos de vida das turmas da Universidade de Formação Aberta à Pessoa idosa, foi possível concluir que a experiência de refletir sobre um projeto de vida para a velhice parece ter se configurado como uma oportunidade valiosa para os cursistas. A partir desta experiência, os idosos puderam realizar um resgate de sua história e também reconhecer quais são os seus desejos e vontades, projetando, assim, atividades e sonhos que ainda pretendem realizar. Além disso, o momento de compartilhar esses projetos com os colegas de turma, de vivenciar a escuta de outros projetos de vida, de se identificar também com tais projetos e ainda de validar aquilo que os co-

legas decidiram viver em sua velhice também parece ter sido vivenciado como algo significativo pelos cursistas.

Apesar disso, foi possível perceber também que alguns idosos, ao apresentar os seus projetos de vida, pareciam não os reconhecer como algo que merecesse ser valorizado, que o seu projeto de vida era dar continuidade à vida que já estavam levando. Isto foi revisitado, mesmo que tenha sido reforçado, várias vezes, que um projeto de vida pode ser grande ou pequeno, pode durar anos e pode durar dias, não importa. Na verdade, a importância de um projeto de vida na velhice está na possibilidade que os idosos vivenciam de se engajarem em papéis e ocupações diárias que levam à satisfação com a própria vida.

Pensando nisso, fica aqui a sugestão de que possamos, sempre que for possível, fortalecer com os nossos idosos (de perto e de longe) que projetar está inteiramente relacionado ao bem-estar e à qualidade de vida e que isto permite estruturar a vida diária sem perder de vista a satisfação pessoal por meio da realização de tarefas consideradas significativas para cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lúcio Alves de. Educando para a envelhescência: uma resenha. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 14, n. 42, p. 163-168, dez de 2015.

BATISTONI, Samila. S. T., ORDONEZ, Tiago Nas., SILVA, Thaís Bento L., NASCIMENTO, Priscila Pascareli, KISSAKI, Priscila Tiemi.; CACHIONI, Meire. Depressive symptoms in elderly participants of an open university for elderly. **Dementia & Neuropsychologia**, 5 (2), 85-92, 2011.

BERLINCK, Manoel Tosta. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.

CARSTENSEN, Laura. Social and emotional patterns in adulthood: Support for socioemotional selectivity theory. **Psychology and Aging**, 7(3), 331–338, 1991. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.7.3.331>

DUAY, Deborah L.; BRYAN, Valerie. C. Senior adult's perceptions of successful aging. **Educational Gerontology**, 32 (6), 423-445, 2006.

GOLDENBERG, Miriam. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record; 2013.

MARTINEZ, Gabriel. **Envelhescência**. [Documentário]. Brasil, 2015.

RABELO, Doris Firmino. F.; NERI, Anita Liberalesso. Funcionamento psicológico positivo e mecanismos de autoregulação do self em adultos e idosos afetados por acidente vascular encefálico. *In*: Falcão, D. V. D; Araújo, L. F. **Psicologia do Envelhecimento**: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados. 2ª ed. Campinas – SP: Editora Alínea. Coleção velhice e sociedade, 138-154, 2011.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José. (2012), Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia** (Campinas), n. 29 (supl.), p. 647-655, 2012.

SCHEIBE, Susanne.; CARSTENSEN, Laura L. Emotional aging: recent findings and future trends. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, 65 (2), 135-144, 2010. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbp132>

CULTIVO E MANEJO DE HORTA PARA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS

ROBERTO DE ALBUQUERQUE MELO

Docente da disciplina "Cultivo e manejo de hortas"

ERICK VINÍCIUS FELIX DE LIMA SOUSA

Monitor Discente do Curso de Graduação em Agronomia na UFRPE / SEDE

GIOVANNA MACIEL DOS SANTOS

Monitora

INTRODUÇÃO

A olericultura é o ramo da horticultura que estuda o cultivo de hortaliças, que são plantas herbáceas, de ciclo curto, muito utilizadas na alimentação humana, recebendo tratamentos culturais intensivos, e apresentando alta produtividade e boa rentabilidade. (Segovia, 2001).

A adoção de alguns hábitos saudáveis, como a prática regular de exercícios físicos, uma dieta balanceada e o engajamento em atividades ocupacionais, pode ajudar a mitigar os efeitos das doenças crônicas em idosos. Essas práticas estão em um conjunto de medidas estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde – OMS para o gerenciamento das doenças (Silva, 2022, p. 34).

A horticultura vem sendo implementada como atividade terapêutica para idosos, pois ela possibilita ações interativas e multifuncionais. A horta é um espaço cuja manutenção demanda atividade física moderada. Os elementos que compõem as hortas podem servir como estímulo sensorial, através da diversidade de cores, fragrâncias, texturas e sabores, estimulando o olfato, tato e todo o campo visual, permitindo o funcionamento cognitivo equilibrado (Silva, 2022, p. 39).

As hortaliças apresentam características de consistência tenra, não lenhosa, ciclo biológico curto, exigência de tratos culturais intensivos, cultivo em áreas menores, em relação às grandes culturas, e utilização na alimentação humana sem exigir prévio preparo industrial (Filgueira, 2012).

A experiência aqui contextualizada relata o conhecimento construído através do cultivo e manejo na Horta Educativa do Departamento de Agronomia – DEPA com as turmas da Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. A disciplina ocorreu no período do mês de junho a agosto de 2024, no Curso Especial de Ensino e Extensão em Educação, Saúde e Cidadania na Velhice, com duas turmas, uma pela manhã e outra à tarde, com um total superior a oitenta participantes.

O desenvolvimento de atividades manuais relacionadas ao cultivo de hortaliças e plantas medicinais tem sido utilizado como ação complementar no tratamento e melhoria na qualidade de vida de idosos (Teixeira, 2019). Portanto, o objetivo da disciplina foi apresentar o universo das hortaliças e suas formas de cultivo em diferentes espaços com os idosos.

A disciplina foi construída e desenvolvida com aulas teóricas e práticas. Vale ressaltar que, em ambos os momentos, eram apresentadas pelos presentes suas experiências com as hortaliças, desde o cultivo até as mais diversas formas de preparo e consumo. O nosso público-alvo foram os idosos, moradores da região metropolitana do Recife e Olinda, em Pernambuco, que foram classificados no edital aberto à comunidade e amplamente divulgados pelas redes oficiais da universidade. Pudemos verificar a

diversidade na formação, às vezes presença de alguma comorbidade, distância da moradia em relação à instituição, mas que não foram empecilhos para a presença durante o curso.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No nosso primeiro encontro, foi solicitado aos discentes espontaneamente que relatassem suas experiências com o cultivo de hortaliças e se, no momento, estavam cultivando em casa. E ainda, se tinha o hábito de consumi-las diariamente e em quantidade recomendada pela OMS, que indica 400g por dia (OMS, 2023). Perguntamos à preferência do grupo se era mais por aulas teóricas em sala ou práticas e foram unânimes em encontros na horta. Com isso, a disciplina foi conduzida de uma maneira bem prática e participativa.

No decorrer, quarenta por cento da disciplina foi de aulas teóricas e sessenta por cento de aulas práticas. Pudemos constatar uma grande participação dos discentes ao longo do curso e poucas ausências durante as aulas.

Com as aulas teóricas e práticas nas semanas subseqüentes, houve um acompanhamento e comparação do que foi apresentado e discutido na teoria com a vivência nas práticas de campo. Desde a preparação dos canteiros, produção de mudas em bandejas de plástico, transplante para o canteiro, adubação de fundação e cobertura, irrigação, com as culturas em diferentes ciclos, e colheita propriamente dita.

As sementes foram adquiridas em uma casa comercial do Centro de Abastecimento e Logística de Pernambuco – CEASA/PE. As espécies escolhidas foram alface lisa, crespa e americana, rúcula, acelga, agrião, manjerição, coentro, salsa, cebolinha, couve-folha, repolho, brócolis, couve-flor, melancia, melão, maxixe, berinjela, pimenta, pimentão, pepino, tomate, jiló, abóbora, abobrinha, milho-doce, feijão-verde, quiabo, beterraba, rabanete, cebola e cenoura.

Para se ter uma colheita semanal, é importante realizar o escalonamento do cultivo na horta. Para isso, é realizada a produção de mudas de hortaliças semanalmente, assim como o transplante, a exemplo das hor-

taliças folhosas como coentro, alface e cebolinha. Na produção de mudas, foram utilizados substratos provenientes de casca de pinus, que é um dos recomendados comercialmente. Em virtude da casca de pinus não ter nutrientes, aplicava-se solução nutritiva de duas a três vezes por semana nas bandejas. (Figura 1).

Na preparação dos canteiros, a prática da capina é a primeira etapa, seguida do afofamento do solo com enxada a trinta centímetros de profundidade, adubação de fundação com fertilizante e composto orgânico. Tem-se a preocupação de realizar o nivelamento do canteiro para diminuir a evaporação da água. Geralmente, também foi colocado esterco de curral curtido em cobertura, e a cada quinze dias, adubação nitrogenada.



Figura 1. Produção das mudas de hortaliças com substrato em bandeja de plástico.

As mudas foram transplantadas quando estavam no ponto de transplante, através da contagem do número de folhas definitivas. A cova deve ser aberta manualmente a uma profundidade proporcional ao torrão da muda quando é retirada da bandeja no ato do transplante. Após acondicionar o torrão da muda na cova, deve-se fazer uma aproximação do solo ao mesmo. Em seguida, após a realização do transplante, deve-se irrigar. A irrigação, além de fornecer água para a muda, proporciona uma melhor

finalização da aproximação de solo em volta do torrão, favorecendo o seu pegamento.(Figura 2).

As irrigações na casa de vegetação para produção de mudas e na horta para o cultivo de hortaliças foram por microaspersão. Para a produção de mudas, dependendo da época do ano, são realizadas sete irrigações ao longo do dia e na horta de duas a três vezes. (Figura 3).



*Figura 2. Marcação do espaçamento 30x30cm e transplante de mudas de pimentei-
ras, transplantadas no espaçamento 60x60cm, em fileira dupla.*



Figura 3. Casa de vegetação para produção de mudas de hortaliças.

A colheita é realizada em diferentes períodos de cultivo. Ela ocorre dependendo da cultura e do seu ciclo de desenvolvimento. Para a alface e coentro, atingem esse ponto no seu máximo crescimento vegetativo e antes do início do pendoamento. Já as hortaliças de fruto são realizadas várias colheitas em uma mesma planta, a exemplo do tomate, pimentão e berinjela.

A última aula do curso foi realizada em sala e solicitamos a formação de vários grupos para a construção de relatos de experiências de cada turma. Esses relatos foram realizados através da escrita e desenhos referentes às atividades práticas e teóricas nos períodos dos encontros. (Figura 4).



Figura 4. Momento da construção dos relatos de experiência em grupo.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Uma horta é o local onde são concentrados todos os cultivos das hortaliças. No início, nós achamos difícil preparar a área, aos poucos fomos entendendo a rotina dos cuidados que consistem basicamente em colocar o adubo orgânico na terra e que as hortaliças gostam de sol. E logo após, colocamos as sementes para germinar e regamos um pouco. Então passa-

mos a admirar a beleza das hortaliças e a criar expectativas para colhermos. (Grupo AM).(Figura 5).



Figura 5. Marcação de espaçamento, canteiro à esquerda, e transplante de cebolinha no espaçamento 25x25cm, canteiro à direita.

A hortaterapia vem beneficiar a saúde mental e física dos seus utilizadores, sendo aplicada na ação complementar ao tratamento medicamentoso, promovendo melhorias, já que esse local é um espaço de criação, expressão, produção, transformação, humanização, experimentação, socialização e convivência, operando-se mudanças subjetivas na representação social da pessoa, na diminuição do índice de uso de medicamentos. (Ferreira, 2022).

Caso seja negligenciada, a falta de uma alimentação adequada pode gerar problemas de crescimento e diversos tipos de patologias. Nesse sentido, a construção de uma horta busca estimular a produção de alimentos mais nutritivos, além de propiciar um ambiente favorável para a manifestação da sensibilidade e autonomia dos indivíduos no que tange à Educação Ambiental. (Faria, 2021).

“A minha experiência com o solo foi inusitada, não pensei que fosse tão trabalhoso, criterioso e, ao mesmo tempo, tão prazeroso!” (Grupo BM).

A nossa mãe Terra é muito generosa! Nos alimenta, nos permite andar, transforma lixo em adubo, nos recebe quando morremos... Do começo ao fim das nossas vidas, ela está presente e receptiva. A experiência de semear e colher é fantástica. Ver uma minúscula sementinha germinar e se transformar em um vegetal que nos alimenta é fantástico! A experiência ainda nos ensina que há tempo para tudo, entre o plantar e o colher, existe o regar, o adubar, a luz do sol, o transplantar a muda e esperar o tempo de cada semente. Nem antes, nem depois. Conhecer os meses favoráveis para cada cultura, a distância entre mudas, o tipo de solo, intervalo de regas. Tudo requer conhecimento, pesquisa e trabalho. O trabalho no campo foi realmente enriquecedor! Não se esquece fácil o que se aprende na prática! (Grupo GT).

A disciplina, manejo e cultivo de horta nos despertou para uma mudança de hábitos e a ter mais clareza sobre o futuro, nos identificando como sementes. Se estávamos em estado latente, desabrochamos. Nos aliamos aos defensores que fazem o uso correto do solo e o plantio de vegetais. Sem uso de produtos que prejudicam a vida dos vegetais e, conseqüentemente, a vida humana. Agradecemos a oportunidade do contato com a natureza através das aulas teóricas e práticas, conhecendo os diversos tipos de hortaliças e manejo de sua plantação. Quem planta, colhe! Um cheiro do grupo! “Sempre te amaremos!” (Grupo FT).

A disciplina de olericultura trouxe-nos conhecimento sobre as hortaliças e suas especificidades, pois para nós era tudo igual (coentro, cebolinha, etc.), chamávamos de verduras. Importante saber que cada uma dessas espécies de hortaliças tem seu tempo de plantar e colher. Também a distância de uma muda para outra, o que pode ou não ser plantado junto, isto é, diversidade de cultivo em um mesmo leir o. Elas podem ser constituídas de: folhas, inflorescência, raízes, caules e frutos. E aprendemos que precisávamos de: boa vontade, buscar conhecimentos e ser organizados. Participar das aulas práticas foi uma experiência enriquecedora. Não imaginávamos que era tão fácil plantar. A participação direta que tivemos com a terra, a semente, o ar livre foi um ambiente propício

a tais plantios. O resultado desse trabalho comunitário gerou um benefício maravilhoso quando tivemos a oportunidade de colher os frutos que plantamos (colheita). A natureza sabe o que é bom e deixa à nossa disposição todos os recursos para uma vida cheia de saúde e bem-estar. Foi muito gratificante! (Grupo ET).

A experiência de campo da disciplina cultivo e manejo de horta foi uma prática maravilhosa que possibilitou a consolidação de diversos ensinamentos teóricos. O grupo pôde trazer desde a preparação do solo, das mudas até a plantação das hortaliças. Além de todo o processo de irrigação. Acompanhar, depois de algumas semanas, a colheita foi bastante satisfatória. As semanas se passaram e foi só esperar o tempo ideal da colheita. Enquanto isso, foram incontáveis informações, trocas e uma vivência que levaremos para nossas vidas, varandas e jardins. Fica o registro curioso: os alunos foram autorizados a colher hortaliças para consumo próprio ao final de cada aula. Um aprendizado, teoria e prática, e uma experiência inesquecível. (Grupo DT). (Figura 6).



Figura 6. Momentos de aula prática na Horta Educativa do Departamento de Agronomia da UFRPE, em Recife-PE.

Aprendemos, de forma simples, as técnicas de manejo e produção de hortaliças. Precisamos preparar o solo com terra rica em nutrientes, fazer o planejamento da área a ser plantada, cercar a horta com tela de proteção

para não acontecer problemas com animais e pessoas, e destruir pisando sobre elas. Na preparação, temos que passar o riscador com as distâncias necessárias, que são 25x25cm ou 30x30cm, dependendo do que plantar de acordo com seu desenvolvimento. Deve-se também avaliar o local onde fará o plantio. O terreno deve ser plano e com boas iluminações solares, não receber vento forte e estar próximo à torneira ou fonte de água para serem aguadas. As aulas da disciplina nos deram conhecimentos importantes e nos estimularam a fazer em nossa casa uma horta particular. E nunca deixar de cultivar e estar sempre plantando, cultivando e divulgando o aprendizado para todos. (Grupo BT).

Aprendemos que existem vários tipos de hortas, como mandá-las, canteiros, no chão, suspensa, etc. Tivemos aulas práticas na horta da Rural, onde aprendemos a plantar as diversas hortaliças, como coentro, tomates, pepinos e outros, e suas particularidades. As aulas práticas foram muito proveitosas e integrativas, pois proporcionaram momentos de descontração entre todos nós. As hortaliças são muito importantes para nossa alimentação e tivemos na prática como plantar e quando colher no tempo certo. Aprendemos que plantar é muito fácil, basta querer. (Grupo CM).

A minha experiência com o solo foi inusitada, não imaginei que seria tão trabalhoso, criterioso e, ao mesmo tempo, tão prazeroso! Inicialmente, foram formados pequenos grupos para produzir mudas nas bandejas. Com substrato, transplantamos os torrões em leirões com vários tipos de hortaliças. Para produzir mudas na bandeja, não se coloca barro/terra, coloca-se substrato, composto orgânico com elementos naturais que contribuem para o crescimento saudável e contínuo das plantas, podendo ainda regular a disponibilidade de nutrientes e pelo sistema de drenagem e absorção de água. (Grupo BM).

Aprendemos que o transplante da sementeira para o local definitivo é feito quando as mudas tiverem de quatro a seis folhas, o que ocorre em média de vinte a trinta dias após a semeadura. Em síntese, nós destacamos a importância das atividades, pois aprendemos de tudo um pouco: plantar as mudas, colocar as sementes, esperar germinar, aguardar o tempo para poder transplantá-las, preparar os canteiros definitivos,

levando em conta altura, largura, espaçamentos conforme a hortaliça. Diante de todas as informações, algumas alunas foram motivadas a colocar em prática tudo que aprenderam. Segundo uma aluna, eu gostei de tudo, deveria ter mais disciplinas práticas assim. Inclusive, me incentivou a alugar uma casa e ter um quintal para plantar muitas hortaliças. Podemos dizer que essa disciplina, principalmente as aulas práticas foram maravilhosas. Gratidão, professor, pela sua paciência e dedicação por nos trazer tantas informações relevantes para nossa vida, nossa saúde física e mental, gratidão. (Grupo FM). (Figura 7)..



Figura 7. Momentos de descontração depois da aula teórica no Departamento de Educação Física – DEFIS da UFRPE, em Recife-PE.

CONSIDERAÇÕES

O cultivo de hortaliças na horta do DEPA da UFRPE com os idosos foi um momento de muita interação. Registramos que ambas as turmas foram muito participativas, aprendemos bastante com elas e tivemos que nos reinventar várias vezes para convivermos e conduzirmos esse grupo com tantos conhecimentos, questionamentos e energia.

Desejamos vida longa a todos, que continuem praticando o cultivo de

hortaliças em seus lares ou ambiente de trabalho. E, não se esqueçam de que para termos mais saúde precisamos consumir mais hortaliças diariamente, praticar atividade física e crer na vida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania – PROExC, à Coordenação de Gestão de Projetos e Eventos – CGPPE, ao Instituto Menino Miguel – IMM, ao Núcleo de Envelhecimento, Velhice e Idosos – NEVI, à Fundação Apolônio Sales – FADURPE, à Prefeitura da Cidade do Recife por acreditarem e apoiarem esse grande projeto, possibilitando sua realização.

REFERÊNCIAS

FARIA, Anna; SANTOS, Gean. **Construção de horta em um espaço não escolar como atividade promotora de saúde: um relato de experiência.** Teixeira de Freitas. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26461/20977>. Acesso em: 03 dez. 2024.

FERREIRA, Vinícius et al. **Hortoterapia: Estratégia para promoção da saúde.** Petrolina. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifsertao-pe.edu.br/ojs2/index.php/jince/article/view/1807/1139> . Acesso em 03 dez. 2024.

FILGUEIRA, Fernando. **Novo Manual de Olericultura.** 3. ed. Viçosa: Editora UFV, 2012. 421 p. ISBN: 9788572693134.

SEGOVIA, Jorge; ALVES, Rogério. **Olericultura Tropical no Amapá.** Macapá: Embrapa, 2001. E-book. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/347541/1/CPAFAP2001Olericulturatropical.pdf> . Acesso em 03 dez. 2024.

SILVA, Maria et al. **Meio Ambiente**: os desafios do novo cenário. João Pessoa. 2022. E – book (519 p.). ISBN: 978-65-89069-23-2. Disponível em: <https://cinasama.com.br/wp-content/uploads/2022/03/Livro-meio-ambiente-2022.pdf#page=34> . Acesso em 03 dez 2024.

TEIXEIRA, Patrícia. **Hortoterapia**: saúde mental e física. São Paulo. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Saúde da Família) – Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/bitstream/ARES/25997/1/patricia_santiago_teixeira.pdf . Acesso em: 03 dez. 2024.

FORMAÇÃO CONTINUADA À PESSOA IDOSA EM PRIMEIROS SOCORROS E NA PREVENÇÃO, CUIDADO E FATORES DE RISCO DE QUEDA NA VELHICE

ZILMA GOMES LUZ DOS SANTOS

Docente das disciplinas: Primeiros Socorros / Funcionalidade, independência e prevenção de fatores de risco na velhice.

INTRODUÇÃO

O atendimento de primeiros socorros que antecede a chegada do SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência refere-se às intervenções iniciais prestadas a uma pessoa que sofreu um mal súbito ou acidente, até a chegada de assistência médica especializada. O desrespeito ao ser humano em não agir no atendimento inicial é colocar em risco o bem-estar da vítima e levar à piora do quadro clínico (Reis, Cohén e Cantão, 2024). O cenário pode estar em diversas situações que exigem uma ação imediata; a forma com que as pessoas reagem a esses contextos pode influenciar a recuperação e, muitas vezes, definir se a vítima sobrevive.

A assistência de primeiros socorros inclui procedimentos que podem ser realizados por qualquer pessoa treinada e capacitada, não sendo exclusivo de um profissional de saúde. Entretanto, essa ausência de conhecimento

adequado sobre como agir em tais situações pode agravar a situação da vítima, como também o chamamento desnecessário do serviço de emergência.

Essas ações imediatas são fundamentais para garantir a segurança de todos e a saúde das pessoas em situações de risco, até que o atendimento médico especializado possa ser providenciado, cada um voltado para atender à necessidade específica da vítima, que requer atenção imediata. Os primeiros socorros se dividem em categorias das mais complexas às mais leves, como atendimento a paradas cardiorrespiratórias, engasgos, acidentes vasculares cerebrais, choques elétricos, desmaios, ferimentos, queimaduras, entre outros.

Diante da situação, existe a necessidade de orientações educacionais ao leigo, um conhecimento básico essencial para a manutenção e qualidade de vida, uma vez que a falta de preparo adequado e a carência de capacitação em primeiros socorros podem limitar a eficácia das respostas de emergência. A capacitação em primeiros socorros a pessoa idosa, não só melhora a capacidade de lidar com situações críticas de saúde consigo ou com outrem, mas também promove uma cultura de prevenção e segurança de acidentes em seu domicílio, essencial para minimizar os impactos negativos que as complicações de uma enfermidade trazem para a sua vida.

Segundo Reis, Cohén e Cantão, (2024), o estudo revela que entre 10,7 e 65,0% a frequência com que as pessoas não oriundas da saúde prestam primeiros socorros, dos quais cerca de 83,7% são realizados de maneira incorreta. Pesquisas têm demonstrado ser escasso o número de leigos com conhecimentos sobre Parada Cardiorrespiratória (PCR), revelando que 39,0% deles estariam dispostos e preparados para realizar uma Reanimação Cardiopulmonar (RCP). O medo de tomar iniciativas e executar uma ação errada constitui a maior barreira impeditiva para que leigos iniciem os primeiros socorros a uma vítima, com pessoas treinadas sendo mais propensas à tomada de atitude (Reis, Cohén e Cantão, 2024).

Conforme o Ministério da Saúde (BRASIL, 2022), o processo de educação em saúde envolve o desenvolvimento de conhecimentos que não só aumentam a autonomia das pessoas em relação ao seu próprio cuidado de saúde, mas também fomentam a interação construtiva com profissionais

e gestores. Esta abordagem visa adaptar os cuidados de saúde às necessidades específicas da população, promovendo um maior engajamento dos indivíduos em relação à sua saúde e bem-estar.

Outro ponto a se enfatizar é que a inversão da pirâmide etária se configura como grande desafio às políticas públicas, devendo atentar para as fragilidades e vulnerabilidades fisiológicas decorrentes do processo de envelhecimento desses indivíduos, que os tornam vítimas na maioria das vezes, das causas externas, como quedas, mal súbitos e eventos indesejáveis à saúde, o que constitui um fenômeno que assume proporções exorbitantes na sociedade moderna e representa, deste modo, um grande problema de saúde pública.

Segundo Art. 15 da Lei Nº 10.741 do Estatuto do Idoso, de 01 de Outubro de 2003. É assegurada a atenção integral à saúde da pessoa idosa, por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente às pessoas idosas.

É essencial levar em consideração os direitos e as necessidades específicas de atenção à saúde desse grupo populacional, que está suscetível a doenças e eventos relacionados com a própria idade, como as quedas, por exemplo. Apesar da importância dessa temática de primeiros socorros, ainda é pouco divulgada entre a população em geral, especificamente a pessoa idosa, sendo o aprendizado geralmente limitado aos profissionais de saúde.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O presente artigo é um relato de experiência da atuação no curso de “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice” como docente das disciplinas funcionalidade, independência e prevenção de fatores de risco na velhice e primeiros socorros, promovido pelo Núcleo de Envelhecimento, Velhice e Idosos da UFRPE em parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife.

O Projeto de Capacitação foi organizado para ser desenvolvido no contexto de Metodologias Ativas. Isto quer dizer que o processo de ensino-aprendizagem se orienta por pressupostos construtivistas, da aprendiza-

gem significativa e da aprendizagem de adultos. No modelo construtivista, a aprendizagem se dá no contexto das relações interpessoais, mediante um processo individual de construção/reconstrução dos conhecimentos, experiências, competências e da percepção de si e do mundo. A aprendizagem é vista como um processo interativo entre aquele que aprende e a nova informação.

Neste processo, a pessoa se transforma e produz transformações, tornando-se evidente a relevância da dimensão pedagógica do trabalho do formador. A arquitetura metodológica deste projeto compreende a modalidade de encontro presencial do processo de capacitação com atividades teóricas e treinamentos práticos com a utilização de manequins e discussão de casos, objetivando a aprendizagem e/ou aprofundamento de conteúdos necessários para a prevenção de quedas, e na emergência que vivenciar.

A aprendizagem significativa ocorre quando o conhecimento novo encontra pontos de ancoragem na estrutura de conhecimentos e valores já existentes no indivíduo, possibilitando a atribuição de significado a novas informações e experiências que serão integradas, gerando uma nova estrutura. O conhecimento é (re)criado, não simplesmente adquirido, e a procura pelo sentido é o que move o processo de aprendizado. Por outro lado, quando o novo conhecimento não se liga a nada que o indivíduo já sabe, não tem nenhum significado para ele, ocorre uma aprendizagem mecânica de baixa retenção e rápido esquecimento.

Na disciplina de Funcionalidade, Independência e Prevenção de fatores de risco na velhice, trabalhamos conceitos da disciplina para uma melhor compreensão, contexto histórico, estatísticas e impactos demográficos, para situar os alunos, assim como as principais características do envelhecimento e suas fases. Quando contextualizamos a prevenção, descrevemos os fatores de risco para quedas na velhice, sejam eles intrínsecos, extrínsecos, assim como os comportamentais que colocam vulnerável a sua autonomia, descrevendo as complicações que esse fator contribui para seu declínio funcional.

É de grande relevância que a população idosa tome uma mudança de cultura, favorecendo sua qualidade de vida, autoestima, independência, como cita a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, cuja meta é garan-

tir o atendimento integral à saúde dos idosos, relevando a funcionalidade como um importante aspecto valioso do bem-estar nessa idade. Essa política busca principalmente garantir, fortalecer e restaurar a autonomia e independência dos idosos, guiando ações de saúde tanto coletivas quanto individuais, consoante os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (Duarte, Maciel e Melo, 2024).

O desafio hoje é realizar treinamentos, capacitações e debates sobre o cuidado desta população ao longo do tempo, adaptada às necessidades individuais e respeitando as preferências e possibilidades dos idosos, é essencial para promover sua saúde e autonomia. Este cuidado deve envolver não apenas profissionais de saúde, mas também familiares e membros da comunidade, que podem desempenhar um papel crucial no cuidado ao idoso. É importante aceitar que o envelhecimento traz consigo mudanças específicas, incluindo uma perda gradual da capacidade do organismo de se defender das agressões dos meios interno e externo, que requer uma abordagem diversificada e vulnerável (Duarte, Maciel e Melo, 2024).

Outra investigação dada na literatura está relacionada ao aumento dos custos sociais com os idosos, que tem aumentado, levando a pessoa idosa ao entendimento de que os idosos são como um “peso”, quer para as famílias, quer para a sociedade, que não planejou no tempo certo este fenômeno, advertindo assim as respostas sociais necessárias para este aumento de população idosa. Somos e seremos, efetivamente, cada vez mais velhos, pois os descréditos sobre o envelhecimento têm que mudar.

Neste contexto de transformação social, a ética tem um papel importante, pois a questão ética, que se encontra na base desta problemática, é uma questão sociocultural, pois, por um lado, não existe lugar para o idoso na sociedade atual como acontecia em contextos sociais pré-modernos e, por outro, a própria cultura não fornece mais, como antes, referenciais simbólicos para enfrentar essa nova etapa da sua vida (Lopes, 2024).

No entanto, o idoso não deverá ser limitado da sua autonomia nem da sua vontade, de modo que não fique dependente dos seus familiares como do próprio Estado, contribuindo para uma diminuição da sua qualidade de vida e simultaneamente à privação da sua liberdade de decisão. O

Estado e a sociedade em geral deverão pugnar por direitos basilares, como saúde, lazer, educação, e parâmetros mínimos de existência, para que os idosos possam ter garantias plenas de direitos fundamentais e de dignidade humana (Fermentão e Thomazini, 2021, p. 129).

Na disciplina de Primeiros Socorros começamos explicando o que é o serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), como surgiu, suas portarias, metas, sua importância assim como seu papel no contexto na rede de urgências, o fluxo das solicitações feitas para o número 192, como atua a central de regulação médica, conheceram pessoalmente na visita à frota, entenderam como é o planejamento estratégico do serviço para atender a população do Recife e região metropolitana.

Foram trabalhadas algumas definições de primeiros socorros, suporte básico de vida, princípios de segurança, como também foram contextualizadas situações que coloquem em risco a saúde da pessoa idosa, com os assuntos abordados em sala de primeiros socorros em situações de desmaios ou síncope, crise convulsiva, hemorragia, queimadura, acidente vascular cerebral, afogamento não fatal, OVACE e parada cardíaca, os sinais e sintomas e como agir no suporte básico de vida nessas situações, tomando os princípios de segurança, antes do serviço SAMU chegar.

Na disciplina de Funcionalidade, Interdependência e Fatores de Risco na Velhice, trabalhamos as definições buscando a compreensão para uma melhor consciência de sua autonomia e dos riscos que a queda pode causar e as consequências como a hospitalização, levando até a morte, uma causa evitável.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Cabe pontuar que as quedas podem ser definidas como eventos inesperados nos quais as pessoas vão ao encontro do chão, assoalho ou a um nível inferior. Corroborando esse conceito, (Nunes, 2022) afirmam que as quedas são caracterizadas pela falta de capacidade em corrigir o deslocamento do corpo durante seu movimento no espaço.

Os eventos de quedas são comuns na população idosa, tend o

como causa diversos fatores que podem ser intrínsecos, comuns, de deficiências sensório-motoras e sarcopenia, que aumentam com o aumento da idade. Contudo, também estão relacionados aos fatores extrínsecos (riscos ambientais) como pouca iluminação, piso irregular ou com líquidos, elementos como tapetes soltos ou com dobras, via pública mal conservada com buracos ou irregularidades, o uso de várias medicações, dentre outros (Stefanacci, 2023).

Importante destacar que quedas acidentais podem acometer qualquer pessoa, independentemente de idade, sexo e condição socioeconômica, porém a maior prevalência de morte por essa causa ocorre na população acima de sessenta anos. Sendo assim, abordar temas sobre essa situação torna-se ainda mais relevante, tendo em vista o aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, a maior proporção de indivíduos com idade igual ou superior a sessenta anos está aumentando, devido à inversão da pirâmide populacional.

Conforme o estudo de Lima, Silva e Tavares (2022), no período de 2000 a 2019, houve um aumento de 162,2% no número de hospitalizações por quedas em idosos, logo seguido de um decréscimo de 12,6% entre 2019 e 2020, conforme dados e linhas de tendência apresentados na figura 01:

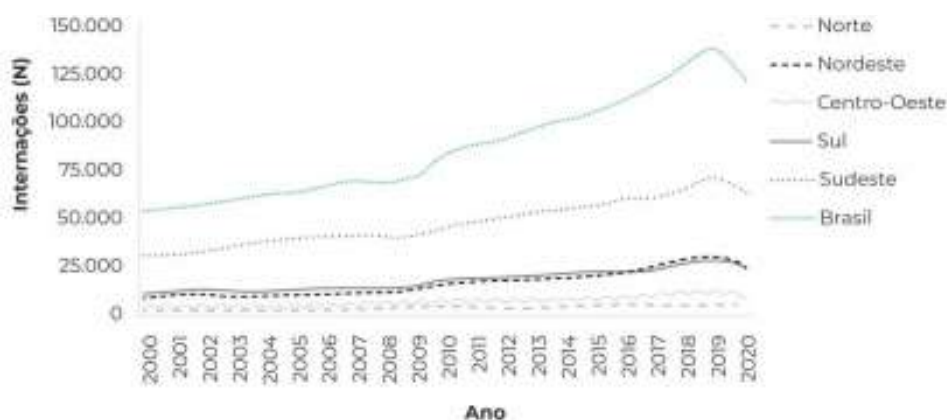


Figura 1: Número de autorizações de internação hospitalar por quedas entre a população idosa, por regiões, Brasil, (2000-2020). (Lima, Silva e Tavares, 2022).

O que motivou a desenvolver essa temática foi capacitar a população idosa sobre os riscos e complicações que as quedas podem trazer para a sua vida diária, impossibilitando a manutenção e conservação de sua autonomia, uma vez que os alunos que participaram destas disciplinas têm sua independência, autonomia preservada, mesmo que alguns morem só ou com seus familiares. Muitos passaram por sua trajetória de vida e não tiveram o conhecimento de primeiros socorros, dificultando sua compreensão e assimilação quanto à importância e os sinais que podem anteceder um mal-estar, onde eles mesmos podem tomar atitudes que vão melhorar e ou normalizar seu estado de saúde, assim como saber como pedir por ajuda ao ligarem o número 192 (serviço de emergência).

Explicar para eles cada temática abordada foi uma experiência maravilhosa, uma vez que eles já têm uma vivência com seus costumes pré-definidos quanto ao que fazer em situações de queimaduras, lesões, em colocar pomada de assadura, em dar leite se caso ingeriu uma substância química porque vai cortar o efeito, como também queda que é comum a qualquer pessoa, principalmente o velho, que é só se levantar para cair novamente.

A conscientização de que, com o passar dos anos, meus hábitos diários precisam mudar, que alguns sentidos vão diminuindo, o equilíbrio não está sendo o mesmo, que a velocidade está mais lenta, precisa ser acrescida da importância do autocuidado, preservando seu bem-estar e mantendo sua qualidade de vida.

O minuto de ouro no atendimento pré-hospitalar representa a oportunidade crucial de fazer a diferença na vida das pessoas em momentos de emergência. Investir em treinamento, capacitação e uma abordagem humanizada é essencial para garantir que cada minuto a vítima receba o melhor cuidado possível, independentemente das circunstâncias.

CONSIDERAÇÕES

Treinar idosos em primeiros socorros é uma prática altamente benéfica e importante por várias razões. À medida que a população mundial envelhece, garantir que os idosos estejam bem preparados para lidar com

emergências pode salvar vidas e promover maior independência e segurança. Vários foram os motivos ressaltados em aula que nos afirmam a necessidade de treinar idosos em primeiros socorros. Dentre eles está a maior vulnerabilidade à saúde, com o envelhecimento, o sistema imunológico e as funções corporais podem se tornar mais vulneráveis. Idosos têm mais chances de sofrer de doenças crônicas, como hipertensão, diabetes e problemas cardíacos, além de estarem mais suscetíveis a quedas e outros acidentes.

O treinamento em primeiros socorros permite que eles reconheçam sinais de emergência e saibam como agir rapidamente em situações críticas. A autonomia e confiança, com o conhecimento em primeiros socorros, os idosos ganham mais confiança em sua capacidade de lidar com emergências. Isso lhes dá uma sensação de independência e segurança, sabendo que podem cuidar de si e até ajudar outros em momentos de necessidade, sem depender completamente de terceiros. Nos ajuda na redução do tempo de resposta, muitas emergências exigem uma resposta rápida.

Quando os idosos sabem o que fazer, mesmo antes da chegada de profissionais de saúde, podem proporcionar os cuidados iniciais necessários, o que pode fazer uma grande diferença no prognóstico de uma emergência. Por exemplo, saber como administrar RCP ou lidar com uma queda pode ser crucial até que o atendimento médico chegue. Quando reconhecemos nossa capacidade de ajudar aos outros, ampliamos nossa autoconfiança. Idosos geralmente têm interações frequentes com outros membros da família, como netos, ou podem ser parte de uma comunidade de idosos.

Estar capacitado em primeiros socorros permite que eles ajudem outras pessoas em situações de risco, contribuindo para um ambiente mais seguro para todos. Outro motivo importante é a diminuição da ansiedade, emergências podem gerar grande estresse e medo.

Quando os idosos são treinados em primeiros socorros, eles se sentem mais preparados para enfrentar essas situações e, portanto, menos propensos a entrar em pânico. O treinamento reduz a ansiedade associada à incerteza, o que pode ser vital para manter a calma e agir corretamente, promovendo

uma cultura de cuidados. Em resumo, treinar idosos em primeiros socorros proporciona segurança, autonomia e a capacidade de agir de maneira eficaz em emergências. Além disso, pode ser crucial para prevenir complicações graves, salvar vidas e oferecer apoio a outras pessoas, garantindo uma vida mais segura e saudável.

Podemos concluir que as temáticas abordadas fizeram grande impacto, melhorando a conscientização quanto à vulnerabilidade encontrada, identificando em seus domicílios fatores de riscos estudados e assim realizando modificações, as patologias estudadas como síncope muito comum dentre os alunos, foram identificadas as causas e mudança de comportamento foi feita, perceberam a importância da manutenção do exercício físico em sua rotina e a alimentação saudável, já estudada por eles anteriormente. Até mesmo o conhecimento novo de uma temática trouxe para eles uma curiosidade de saber os sinais e sintomas e a multiplicação do conhecimento disseminado em sua comunidade e família.

Podemos relatar também que as experiências vivenciadas por eles, seja na necessidade de precisar chamar o socorro ou fazer uso do serviço 192, foram de grande relevância em sala de aula para que os colegas pudessem sentir como é o sofrimento e as complicações que estas enfermidades podem trazer à pessoa idosa. Concluímos que a necessidade da capacitação deve ser inserida na grade curricular das formações, gerando um impacto positivo para nossa sociedade, será de grande ganho para a nossa política de saúde do nosso estado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS 2048** de 5 de novembro de 2002. Disponível em: [http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2002/Gm/GM 2048.htm](http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2002/Gm/GM%2048.htm).

_____. Ministério da saúde. **Portaria 2048**, de 05 de novembro de 2002. Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência. MS, Brasília: 2002.

_____. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Estatuto do Idoso. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso, estabelece direitos para pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 15 de agosto de 2025.

DIAS, Danilo Erivelton Medeiros; COSTA, Alycia Ágata da Silva; MARTINS, Kaio Dênnys de Lucena; ALEXANDRINO, Arthur; NOGUEIRA, Matheus Figueiredo; MARINHO, Cristiane da Silva Ramos. Análise da tendência da mortalidade por causas externas em pessoas idosas no Brasil, 2000 a 2022. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 204-230, nov. 2024. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562024027.230204.pt>.

DUARTE, Adriana Pereira; MACIEL, Paula Veronica Martini; MELO, Juciane Lima do Nascimento; SILVA, Luciano Cicero da; SANTOS, Priscila Rocha. FRAGILIDADE DO IDOSO: atuação da atenção primária de saúde. **Zenodo**, [S.L.], v. 28, p. 327-345, 20 abr. 2024. Zenodo. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5281/ZENODO.11002534>.

LIMA, Juliana da Silva; QUADROS, SILVA. Deise Vacario de;, TAVARES. Sabrina Letícia Couto da;, Juliana Petri; PAI, Daiane dal. Custos das autorizações de internação hospitalar por quedas de idosos no Sistema Único de Saúde, Brasil, 2000-2020: um estudo descritivo. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 327-345, 27 abr. 2022. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742022000100012>.

LOPES, Ana e BRANCA Rosa Tracana. Envelhecer (Con)Dignidade: Um Direito Ético e Moral. **Revista Ibero-Americana da Gerontologia**; Número 5; junho de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.61415/riage.234>

NUNES, Leonardo Vieira; VIEIRA, Marina Gonçalves; CARVALHO, Marina Fernandes; SOUZA, Henrique Caetano Siqueira de; SOUZA, Vinícius Nérís de; DERESZ, Luís Fernando. Ensino de primeiros socorros em escolas: um relato de experiência. **Revista Ciência em Extensão**, [S.L.], v. 17, p. 390-401, 19 dez. 2022. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.23901/1679-4605.2021v17p390-401>.

REIS P. V. R.; Cohén J. de J. C.; Cantão B. do C. G. Educação em saúde sobre primeiros socorros para leigos. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 24, p. e 17983, 24 ago. 2024. Disponível em:<https://doi.org/10.25248/REAEnf.e17983.2024>.

Santos ACPO, Silva CA, Carvalho LS, Menezes MR. A construção da violência contra idosos. **Rev Bras Geriatr Gerontol**. 2007;10(1):115–27. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10019> .

STEFANACCI, Richard G, WILKINSON, Jayne R. **Manual MSD, Versão para profissionais de Saúde**. EUA: Merck & Co, nov. 2023,17pág. Disponível em: Quedas em idosos – Geriatria – Manuais MSD edição para profissionais

THOMAZINI, Maria Clara; FERMENTÃO. Cleide Aparecida Gomes Rodrigues. “A relevância dos direitos dos idosos no século xxi: sob o panorama do expressivo crescimento populacional”. **Revista Da Faculdade de Direito da UERJ – RFD**, nº 40, janeiro de 2022, p. 127-42, doi:10.12957/rfd.2021.54423.

RELIGIÃO, RAZÃO E EMOÇÃO: “COMO É QUE UMA MÃE SE VESTE DAQUELA MANEIRA E LEVA SUA FILHINHA PARA UM TERREIRO?”

ROSA MARIA DE AQUINO

Docente da disciplina: História das Religiões e Espiritualidade.

INTRODUÇÃO

A pergunta contida no subtítulo deste artigo foi-me dirigida por um discente em uma das turmas que ministrei aulas, entre outubro e dezembro de 2023, na disciplina História das Religiões e Espiritualidades, do Curso Especial de Ensino e Extensão em Educação, Saúde e Cidadania na Velhice – 1º semestre (Núcleo Obrigatório I). Módulo II, da Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa, da UFRPE. Ela expressa o preconceito pela não aceitação da diversidade religiosa e o quanto o desconhecido pode se tornar uma ameaça às pessoas. Daí a reação. Essa atitude se repetiu quando uma discente se referiu à religião muçulmana com a exclamação: – Misericórdia! A disciplina propôs-se a desvendar esse desconhecido ou pouco conhecido.

Estudar a questão religiosa é penetrar no âmago da sociedade, mesmo que lá pelo final do século XIX os estudiosos já anunciassem o fim da in-

fluência da religião nas pessoas e nos grupos, em virtude de uma racionalidade que se impunha. Desse modo, em 1878, Max Muller (apud Evans-Pritchard, 1978) afirmava que “...todos os dias, todas as semanas, todos os meses, as revistas mais amplamente lidas parecem agora conjugadas para nos dizer que o tempo da religião passou, que a fé é uma alucinação ou uma doença infantil e que os deuses foram finalmente encontrados e destruídos”.

Ora, não é o que se vê no primeiro quartel do século XXI. Mesmo que para uns o que disse Muller possa parecer verdade, a religião continua, não somente forjando ethos e cosmovisões e, portanto, definindo relações sociais, mas também se constitui como foco de estudos, de pesquisas, de encontros científicos, de grandes debates. E no Brasil estende cada vez mais sua influência na política.

A bem da verdade, o Censo 2022 identifica uma presença significativa, não de religião, mas de religiões em todo o território nacional, ainda com a tradicional hegemonia católica, porém com evidente crescimento evangélico e, em menor proporção, com a presença de outras religiões. De maneira não menos importante, constata-se o aumento dos que se identificam como “sem religião”.

Dito isso, aceitei o desafio de, a partir de uma perspectiva antropológica, em 15 horas/aula, levar as duas turmas a compreenderem as diferentes manifestações de religiões, de religiosidades e de espiritualidades, e como elas modelam as relações entre os seres humanos, objetivo principal da disciplina ministrada sob minha responsabilidade.

Trilhei, então, por caminhos que levaram as turmas a circular pelas características das religiões com suas diversidades, elementos que as compõem (o sagrado, mitos, ritos, crenças, símbolos, linguagem), a diferenciação entre religião e espiritualidade, entre religião e magia, sem tomar distância da sua importância na vida das pessoas, no caso, idosas. Insisti na discussão da intolerância religiosa, tão presente nos nossos dias, cujo alvo principal, afirmam as estatísticas, são as religiões de matriz afro. De fato, têm sido recorrentes as agressividades de que são alvos, não somente suas adeptas e adeptos, como os espaços sagrados desse viés religioso. Os maiores perseguidores, ainda de acordo com estudos, são pessoas da crença evangélica, que passou de

perseguida a perseguidora, uma vez que num passado não muito distante foi vítima de várias agressões oriundas da vertente hegemônica, a católica.

Importante assinalar que o ensino/aprendizagem aconteceu num permanente processo dialógico, com participações intensas, experiências relatadas que, pouquíssimas vezes, no início, extrapolaram o respeito à religião do outro, tanto com proselitismo quanto com rompantes musicais para demarcar o seu pertencimento religioso. Não seria diferente, pois as turmas fazem parte de uma sociedade com dificuldade de compreender o outro como um igual e diferente ao mesmo tempo. Esse foi um grande desafio para esta disciplina.

Ainda nesta introdução, no encontro da razão com a emoção, permito-me um relato de ordem pessoal. Ao aceitar participar, como docente, desse curso, senti uma imediata sensação de pertencimento, sem magia, mas como algo extraordinário. Minha memória afetiva resgatou a experiência de duas das minhas irmãs mais velhas em um projeto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o qual as fez alcançar algo de somenos importância para muitos, mas não para elas. O que lhes parecia inatingível àquela altura de suas vidas, já aposentadas, com filhos e netos, uma delas viúva há muitos anos, foi alcançado: sentarem-se, como estudantes, nos bancos de uma Universidade e serem estimuladas à leitura e discussão de textos sobre assuntos pretéritos e contemporâneos. A mais nova das duas faleceu há quase 4 anos e a mais velha, hoje com quase 84 anos, está acometida de Alzheimer. Como, então, não participar de um projeto desse porte se já conhecia bem de perto os efeitos de experiências semelhantes? E posso assegurar que não foi em vão. Reputo como uma das experiências mais gratificantes para mim no ano de 2023, na UFRPE, nas perspectivas profissional e pessoal.

Do ponto de vista metodológico, para facilitar a aprendizagem, compartilhei links, textos e vídeos para estudo, reflexão, debate e/ou apresentação em sala de aula. Estimule-as/os, a observar e a refletir sobre a realidade em que viviam, individualmente ou em grupo. As aulas foram dialógicas, com participação intensa delas/es, sendo que muitas vezes precisei intervir porque algumas/ns se apropriavam da palavra e não paravam mais, cons-

trangendo assim, os mais tímidos a também se expressarem. Para enriquecer o debate, convidei uma formanda do Bacharelado de Ciências Sociais, da UFRPE, para apresentar seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, recém-aprovado, resultante da pesquisa realizada durante o ano de 2023, cuja apresentação suscitou interesse e muita participação da parte discente.

Estimule-as/os a participar da 17ª Caminhada dos Terreiros no dia 1º de novembro de 2023, no centro da cidade do Recife, como lócus de observação do diferente e da diversificação religiosa. Cinco discentes atenderam ao desafio e deram depoimentos significativos de suas experiências, resultantes de suas presenças naquele evento.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

“...cantar e cantar e cantar a beleza
de ser um eterno aprendiz...”*

A citação do fragmento de uma música do cantor e compositor Gonzaguinha expressa minhas impressões do que vivenciei no curso já citado.

De modo diacrônico, resumo e comento as atividades desenvolvidas e dou ênfase ao momento do acolhimento e da apresentação recíproca docente/discente que estimulou respostas livres à pergunta “Quem sou eu?” E, ao mesmo tempo, permitiu que cada participante pudesse, com apenas uma palavra, sintetizar o que a/o outra/o falou. Necessário se fazia prestar atenção para ouvir e compreender o outro. Um valioso exercício antropológico (olhar, ouvir, escrever) são três atitudes incondicionais para quem se dedica a esta ciência. O resultado, como não poderia deixar de ser, foi diverso, com os nomes dos pais sendo uma constante para se identificarem como pessoas, mas também falaram sobre suas famílias, suas experiências profissionais, seus gostos pessoais, suas religiões e suas diversões. Evidenciou-se claramente a saliência de umas/uns e a timidez de outras/os, algo comum em grandes grupos, independentemente da faixa etária. Difícil

* Trecho da letra da música “O que é o que é?” do cantor e compositor Gonzaguinha (1945-1991).

mesmo foi pararem de falar, pois a disposição de mostrar sua própria identidade era maior. Incluí a mim mesma e as monitoras na atividade.

Do que foi dito por cada um/a, as turmas destacaram, literalmente, como importantes:

Marido ímpar; intensa; ouvinte; construção; tranquilidade; guerreira; viajar; cumprir missão de vida; retorno à casa do Senhor; comer; dançar; estudiosa; felicidade; amigo; cantora; eclética; ajuda; comunicativo; determinada; paciente; interação; verdadeiro; trabalhos voluntários; viver e ler; tomar café; estudar; presença de Deus; católico; bebida; tranquilidade financeira; amante da natureza; artesã; dinamismo; leitora; natureza; timidez; ajudar; experiência.

E já se pode chamar atenção para alguns aspectos de ordem religiosa ou mesmo de postura de solidariedade no seu cotidiano: cumprir missão de vida, retorno à casa do Senhor, trabalhos voluntários, presença de Deus, católico, ajudar. Por outro lado, chamam a atenção para viver a vida com intensidade quando se referem a viagens, danças ou quando alguém jocosamente (e provoca risos) destaca a bebida como forma de viver bem. Ao final, pode-se visualizar, de modo sintético, o que caracterizava os indivíduos dos grupos e o que lhes chamou a atenção como boa qualidade nas pessoas.

Ainda nos meus primeiros contatos, na turma da manhã, eu não contava que tantas emoções aflorariam, sobretudo em mim, e com tanta intensidade. Na saída, um discente, enquanto passava por mim, dizia: – Eu conheci uma pessoa que se chamava Fulana de Aquino. A gente chamava Fulaninha. Pensei, será que é parente dela? Ela morava no Conjunto Residencial X. Ela já morreu. Pense numa pessoa maravilhosa! A melhor pessoa que conheci. Ele falava, olhava para mim e para outras pessoas e ia saindo. Eu, atônita, mas sem o tempo necessário para falar minimamente com ele, uma vez que outras/os discentes já vinham de certo modo forçando a saída para se dirigirem ao Restaurante Universitário, consegui ainda

dizer: – Era minha irmã, sim, e ela era maravilhosa mesmo. E, sem dúvida, a emoção tomou conta de mim.

Conversando com uma sobrinha, logo em seguida, ela me informou que o conhecia e que ele era encanador, de profissão. Este fato, além de me emocionar muito por razões óbvias, fez-me ver com mais clareza o ecletismo das turmas, uma vez que, do ponto de vista da educação formal, havia pessoas de nível fundamental, de nível médio, de nível superior, com especialização. Em uma das turmas havia um professor, ex-colega meu em uma faculdade privada, tal era a diversidade de pessoas. A Foto 1, abaixo, registra um momento do primeiro dia de aula em uma das turmas.



Foto 1 – Primeiro dia de aula em uma das turmas – Módulo II.

(fonte: arquivo pessoal)

Nesse primeiro momento, busquei ainda conhecer as turmas a partir das suas preferências religiosas, pois conhecê-las melhor por esse viés me daria maiores chances de estimulá-las a se defrontarem com o diferente sob uma perspectiva enriquecedora e não como uma ameaça. Os resultados estão expressos na Tabela 1 e Tabela 2, a seguir, com as seguintes configurações religiosas:

Tabela 1 – Religiões das/os docentes da Turma, turno manhã (Módulo II), 2023.

RELIGIÃO	%
CATÓLICA	37,2
ESPÍRITA	11,6
ESPIRITUALISTA	2,3
EVANGÉLICA	23,2
TESTEMUNHA DE JEOVÁ	2,3
UMBANDISTA	16,3
SEM RELIGIÃO	2,3
NÃO RESPONDEU	4,8

Fonte: Consulta direta à Turma (2023).

Tabela 2 – Religiões das/os docentes da Turma, turno tarde (Módulo II), 2023.

RELIGIÃO	%
ATEU	2,2
CANDOMBLECISTA	2,2
CATÓLICA	62,2
ESPÍRITA	11,2
EVANGÉLICA	13,3
TESTEMUNHA DE JEOVÁ	2,3
SEM RELIGIÃO	6,6

Fonte: Consulta direta à Turma (2023).

Os resultados obtidos na turma da manhã se aproximam bastante da tendência nacional, enquanto os da turma da tarde indicam maioria absoluta católica (62,2%), com os adeptos do espiritismo chegando muito próximos à quantidade de adeptos da crença evangélica, o que destoa da média brasileira, como destaque no próximo parágrafo. Esta foi uma forma prática e direta que encontrei de fazer as turmas se auto-reconhecerem nos dados apresentados.

As análises do Datafolha do Censo de 2022 (IBGE, 2022) mostram, ao

nível nacional, as religiões com mais adeptos no Brasil. Dentre os entrevistados, em percentual, 49% são católicas/os, 26% evangélicas/os e 14% se identificam como “sem religião” (acima dos 8% identificados no último Censo).

As turmas reproduziram quase integralmente a situação religiosa do país, no que tange a percentuais de pertencimento. Basta comparar os dados do Censo 2022, no parágrafo anterior, com a Tabela 1 e a Tabela 2. Conhecer a melhor permitiu-me olhar o diferente numa perspectiva enriquecedora e não como uma ameaça.

Chamei a atenção para a quantidade ínfima nas duas turmas da presença de adeptos (um/a apenas em cada turma) das religiões de matriz afro, as mais perseguidas no Brasil, como atesta o RIVIR (2016) e ilustra a Tabela 3, abaixo:

Tabela 3 – Religiões mais perseguidas no Brasil (2011-2015).

RELIGIÃO	%
DE ORIGEM AFRICANA (UMBANDA, CANDOMBLÉ ETC.)	27
EVANGÉLICA	16
CATÓLICA	8

Fonte: RIVIR,(2016).

Note-se que os vinculados à crença evangélica são identificados como os maiores agressores aos da crença de matriz afro, de acordo com o relato da imprensa escrita.

Tabela 4 – Religião dos agressores relatada pela imprensa escrita (2011-2015).

RELIGIÃO	%
EVANGÉLICA	27
CATÓLICA	5
OUTRAS	2
ATEU	1
SEM INFORMAÇÃO	65

Fonte: RIVIR,(2016).

De fato, tanto as religiões de matriz afro quanto os seus adeptos são os mais perseguidos, conforme as Tabelas 3 e 5.

Tabela 5 – Religião das vítimas relatada pela imprensa escrita (2011-2015).

RELIGIÃO	%
MATRIZ AFRICANA	53
CATÓLICA	9
EVANGÉLICA	8
ISLÂMICA	4
ESPÍRITA	2
OUTRAS	15
SEM INFORMAÇÃO	9

Fonte: RIVIR,(2016).

Desafiei-as/os a participarem da 17ª Caminhada dos Terreiros, evento que se realiza anualmente no centro do Recife e reúne os grupos pertencentes aos diversos Terreiros. A concentração foi no Recife Antigo, com término no Pátio de São Pedro (antes era na Praça do Carmo). Dificuldades de deslocamento, horário e local foram justificativas dadas como impedimentos para o comparecimento. Contudo, cinco discentes do turno da tarde, todas do sexo feminino, me acompanharam, sendo que uma delas nunca tinha ouvido falar da existência de evento desse porte. Antes, dei algumas orientações para o que poderia ser observado e, em aula posterior, elas fizeram um relato de suas experiências. Antecipadamente, compartilhei o texto de AQUINO, Rosa Maria de. “Liberdade, caminhada, festa: sinais de tolerância”, como leitura optativa, mas, sobretudo, para os que se interessaram pelo tema. Registro que apenas uma delas disse publicamente que iria à Caminhada, o que sugere constrangimento de participar de um evento de uma das religiões mais afetadas pela perseguição.

Os trabalhos práticos em sala de aula ou fora foram recorrentes. Além da caminhada, as turmas foram orientadas a participar e responderam, à

altura, a um trabalho de campo, de pequeno porte, com aplicação de um questionário por mim elaborado, no campus sede da UFRPE. A finalidade foi identificar a religião dos que por ali circulavam, fossem docentes, discentes, técnicos, visitantes, após as devidas orientações quanto à abordagem, comportamento, compreensão. Mas principalmente fazê-las ter a experiência de um contato com o outro, desconhecido, com a aplicação de um questionário que pode contribuir para uma aproximação. Na aula seguinte, foram apresentados os resultados pelas monitoras e as/os discentes deram depoimentos de sua experiência.

A presença da recém-graduada em Ciências Sociais pela UFRPE/DECISO, Cira Cristine Pena de Oliveira, para apresentar os resultados de sua pesquisa “Religião e Religiosidade da Juventude Universitária da UFRPE, Campus Dois Irmãos, Recife-PE, em tempos pandêmicos”, produziu efeitos positivos. Seja pelo contato direto com uma pesquisadora com resultados científicos recentes sobre religião, na perspectiva antropológica, seja pela oportunidade de estarem próximos de um resultado científico vivo. Sua exposição provocou discussões bastante cativantes, com participação efetiva das duas turmas.

Na dinâmica da disciplina, pontuei alguns esforços de caráter nacional e/ou internacional, cujas tentativas de neutralizar a exclusão, seja de que tipo fosse e sob diferentes pretextos, inclusive religiosos, nem sempre obtiveram êxito total. É preciso reconhecer, no entanto, que é um começo. São leis e/ou dias comemorativos: Lei que criminaliza intolerâncias, inclusive a religiosa (Lei n.º 9.459/1997); 16/11 – Dia Internacional da Tolerância (Instituído pela UNESCO em 1997); 21/01 – Dia Nacional contra a Intolerância Religiosa (Lei n.º 11.635/2007); 20/11 – Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra (Lei 12.519/2011); Lei que institui como feriado nacional, 10/11, o Dia da Consciência Negra (Lei 14.759/2023).

Para o Dia da Consciência Negra, houve mobilização das duas turmas para refletirem, a seu modo, sobre esse dia. Uma levou um aparelho para tocar samba, fez um círculo e convidou todas/os para dançar. Um evidente mal-estar se formou, alguns se retiraram. A outra turma trilhou

por outro caminho e fez uma encenação sobre a trajetória das/os negros no Brasil (Foto 2). Nas duas turmas, incluí os conceitos de racismo, de intolerância, de tolerância, de ações afirmativas, inclusive sobre as existentes na UFRPE.



Foto 2 – Dia da Consciência Negra. Fonte: arquivo pessoal.

O trabalho final, escrito e oral, trouxe a importância da religião e da religiosidade contextualizadas atualmente, tendo como leitura básica o capítulo “Religiões Modernas” (O LIVRO DAS RELIGIÕES, 2016). Cada pequeno grupo fez a escolha de uma religião, entre as incomuns e, de preferência, desconhecidas para as turmas, a fim de sedimentar a ideia da existência da diversidade religiosa, inclusive na contemporaneidade. As seguintes religiões foram apresentadas: Tenrikyo e a vida plena; O culto à carga das Ilhas do Pacífico; Ras Tafari é o nosso salvador; Cao Dai; Cientologia; Igreja da Unificação; Wicca e o “outro mundo”; Meditação Transcendental; Igreja Universalista; Hare Krishna; Qigong. Algumas pessoas tiveram muita dificuldade de falar, mas não se abstiveram. Os textos escritos e as apresentações variaram de qualidade, mas todos os grupos elaboraram seu texto e fizeram a apresentação oral.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O diálogo com as turmas e o embasamento teórico andaram sempre de mãos dadas. Não bastava apenas participar ou dar a opinião, mas era preciso compreender o que os autores disseram sobre os temas abordados em sala de aula. É quando se faz necessária a objetividade da ciência. Daí, alguns autores contribuíram para a compreensão da disciplina do ponto de vista das ciências sociais, em especial da antropologia.

O conceito de religião foi discutido a partir de Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920), Alfred Radcliffe-Brown (1881-1955), Karl Marx (1818-1883), Clifford Geertz (1926-2006), E. E. Evans-Pritchard (1902-1973), Rubem Alves (1933 – 2014). São antropólogos, sociólogos e educadores.

Com Durkheim (1996), vimos que toda religião é instrutiva, verdadeira, exprime o próprio ser humano e tem características de um Fato Social, uma vez que está presente em todas as sociedades (repetitivo), é de fora para dentro do indivíduo (externo ao indivíduo) e impõe regras (coercitivo). Afirmar que toda religião é verdadeira causa no mínimo estranhamento. As pessoas veem a sua religião desse modo, mas não a do outro. Isso ficou claro quando o discente ignorou a mãe que levava sua filhinha para o terreiro, sem se dar conta de que ele, quando criança, também era levado pela sua mãe à Igreja Católica; a discente que, aparentemente do nada, levantou e cantou a Ave Maria, sem se importar com o outro que não professava a sua religião; o discente que não perdia a oportunidade de fazer proselitismo de sua fé evangélica. Mas toda religião realmente exprime as necessidades do ser humano.

Do ponto de vista weberiano, (Pals, 2019) a religião é insumo para uma racionalização econômica, constitui-se, ao lado do carisma, uma possibilidade de mudar a sociedade e é capaz de contribuir para formar atitudes e disposições para aceitar ou rejeitar determinados estilos de vida, ou para criar outros.

Marx (Pals, 2019) tem outra leitura. Para ele, a religião estabelece ideias que são, na verdade, valores dos seres humanos projetados, por

equivoco, em seres divinos, em deuses. Afirma que os humanos não compreendem bem a sua própria história, pois colocam nos deuses a responsabilidade pelos valores e normas gerados pela sua sociedade, o que produz uma alienação. Essa alienação poderia contribuir para uma postura mais promissora se os humanos compreendessem que os valores que projetam na religião são seus próprios valores e que podem concretizá-los ainda em vida, e não somente após a morte. Nas turmas, havia a presença de vários cristãos, na sua perspectiva religiosa, à espera de uma vida melhor após a morte. O “voltar à casa do Pai”, lá no primeiro dia de aula, expressou muito bem esse desejo.

Para Radcliffe-Brown (Castro, 2016), sob uma perspectiva estrutural-funcionalista, a religião é um fator de solidariedade cuja diversidade se ajusta aos diferentes tipos de estruturas sociais. As qualidades de ‘ajudar’, de ter “solidariedade”, de fazer “trabalhos voluntários”, também manifestadas na primeira aula, mostram, do ponto de vista desse autor, como a sociedade se mobiliza em busca do seu próprio funcionamento.

Geertz (1989), a partir de uma antropologia interpretativa, compreende a religião como um sistema de símbolos. A religião, para ele, faz convergir duas dimensões (encontradas em quaisquer grupos): o *ethos*, que estabelece princípios, valores, estilos de vida, disposições morais e estéticas, e a visão de mundo direcionada para a metafísica, para a cosmologia e para a ontologia. Nos debates, essas duas dimensões foram compreendidas pelas turmas, enquanto construíram exemplos.

Outro autor, Evans-Pritchard (1978), trabalha com o conceito de eficácia objetiva que a religião tem, porque para ele a religião é o que a religião faz com cada indivíduo, nas suas mentes, nos seus corações, nas suas ações. Nas turmas, não foi difícil identificar essa “eficácia objetiva” em alguns que faziam questão de se mostrar mais religiosos e dar o seu “testemunho”.

Outro modo de pensar religião vem do educador, psicanalista, teólogo, escritor, pastor presbiteriano Rubem Alves. Ele vê a religião como uma “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza”. E sintetiza: “... Talvez seja esta a marca de todas as religiões, por

mais longínquas que estejam umas das outras: *o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido*” (Alves, 1999). Sim, o sentido da vida esteve sempre presente nas intervenções da turma. Mesmo os que se posicionaram como “sem religião” ou como ateus. De fato, a religião é uma das formas de busca de sentido para a vida.

Outras características precisam ser destacadas com relação à religião, como a dicotomia sagrado x profano. Uma é a negação da outra. E, segundo Durkheim, o que for considerado sagrado deve ser protegido, isolado e ficar distante do que for profano. Significa que cada religião estabelece aquilo que considera sagrado, como gestos, preces, altares, locais, objetos, árvores, etc., e interdita o que considera profano.

As religiões também são compostas de ritos que significam os modos de agir diante do que é sagrado. Têm caráter aglutinador e estruturador, fortalecem as crenças e colaboram na unidade do grupo, segundo Durkheim. Daí sua importância para cada religião. Os mitos, que antecedem os ritos, explicam questões fundamentais da existência humana, do mundo.

As crenças, como parte integrante da religião, formam um repertório de ideias que exprimem a natureza das coisas sagradas e integram o interior das pessoas (Durkheim, 1996).

Quando se trata dos significados de intolerância e tolerância religiosa, alguns conceitos foram discutidos para que fossem retirados dos seus significados habituais para significados científicos. Assim, a intolerância foi discutida a partir de padrões muito específicos. Existe a ideia de que ela tem uma lógica, não surge do acaso; que aflora tão logo interesses se sintam ameaçados (Barret-Ducrocq 2000); que é difícil de ser reconhecida, como afirma Umberto Eco (Barret-Ducrocq, 2000), uma vez que pode surgir de impulsos bem elementares, o que dificulta o seu reconhecimento, e, portanto, o combate a partir de elementos racionais; que ela conjuga poder e autoridade, e a partir desses vieses desaprova crenças e convicções do outro, além de impedir que esse outro leve sua vida como bem entenda (Barret-Ducrocq, 2000). Lembro sempre do discente que estranhou uma mãe levar sua filha ao espaço sagrado de sua crença, o terreiro. Sua reação também é uma for-

ma de negar a humanidade do outro, de acordo com Françoise Héritier (Barret-Ducrocq., 2000).

A tolerância, em contraposição à intolerância, também foi motivo de estudo nesta disciplina. Desse modo, pode-se afirmar que tolerar não se confunde com suportar, mas aceitar o outro como igual, como humano.

CONSIDERAÇÕES

De fato, neste artigo que está muito mais para um relato, reafirmo que esse projeto entrou em mim por todos os poros, não somente do ponto de vista científico, educacional, profissional, mas também emocional, pessoal, como uma espécie de dívida para com outras pessoas a fim de que pudessem ter a oportunidade de entrar na universidade e fazer um curso, mesmo na idade mais avançada. A experiência vivida nesses três meses na ministração da disciplina História das Religiões e Espiritualidades trouxe para mim um novo aporte educacional e pessoal, pela possibilidade de conviver naquelas poucas horas e poucos dias, de modo tão intenso, com pessoas que poderiam estar em casa, aposentadas, vendo o sucesso ou insucesso de sua prole, sofrendo perdas sem recuperação, inclusive de identidade, ou simplesmente “esperando a morte chegar”, como vaticinou Raul Seixas*. Não foi isso que se apresentou. Lá estavam pessoas com fome e sede de conhecimento, mas também de afirmação de suas próprias personalidades, umas mais exibidas, outras mais tímidas. Mas cada uma, ao seu modo, mostrou que existia. E que se sentia intensa. A solidariedade também se espalhava quando, um dia, uma discente estava numa tristeza profunda porque o filho estava hospitalizado. O filho já era um homem. E várias pessoas se aproximavam dela para exprimir: – *Estamos juntas!*

Tudo isso ficou muito evidente nas programações que as turmas elaboraram no último dia de aula. Conteúdos que não somente enfatizavam ou tornavam públicas as qualidades positivas de cada integrante do

* Fragmento da letra da música “Ouro de Tolo”, de Raul Seixas (1945-1989), cantor e compositor brasileiro.

grupo, mas com o cuidado para que todas/os participassem. Algumas, com muita criatividade, elaboraram peças, colares, por exemplo, para presentear umas às outras, inclusive as professoras. Os homens também se organizaram, principalmente para presentear. Foram programações bastante inclusivas.

Mas foi principalmente a capacidade da maioria de participar, de dar opinião, de trazer informações ou dúvidas com relação aos temas discutidos que mais me seduziu. Algumas, às vezes, tentavam se afirmar tentando se confrontar com a professora: – Hoje a aula é por nossa conta, disse-me uma no Dia da Consciência Negra. Tínhamos, de fato, combinado que parte da aula seria utilizada pela turma para comemorar a data. Docemente, não abri mão do meu tempo de aula e utilizei o que trouxeram para uma reflexão sobre racismo de todos os matizes que permeiam as relações na sociedade.

As monitoras, Ana Vytoria, Carla Gabrieli, Gleice Kelly, Micaelle e Sarah, foram fundamentais para um bom funcionamento das turmas, seja no cuidado com a frequência, na instalação de equipamentos, na colaboração das aulas, na distribuição e coleta de questionários. Na elaboração de gráficos, na distribuição das senhas para o acesso ao Restaurante Universitário, entre outras tarefas que desempenharam muito bem.

Sugiro que as disciplinas tenham um tempo maior para que se possa atuar com maior eficácia no aprofundamento dos temas; que não se programem atividades que concorram com as aulas presenciais; que tenha sempre a presença de monitoras/és.

Para concluir, chamo a atenção para o silêncio em sala de aula de uma pessoa adepta da umbanda. Timidez? Receio de como possa reagir à sociedade, ali representada pela sua turma? Um dia me disse: – *Gosto muito das suas aulas.*

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARRET-DUCROCQ, Françoise (direção). ACADEMIA UNIVERSAL DAS CULTURAS. **A intolerância**: Foro Internacional sobre Intolerância (1997: Paris, França). UNESCO, 27 de março de 1997. La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Direção Françoise Barret-Ducrocq. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CASTRO, Celso. **Textos Básicos de Antropologia**: cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. **Antropologia Social da Religião**. Rio de Janeiro: Camus, 1978.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. O LIVRO DAS RELIGIÕES. Editora Camila Werner. Trad Bruno Alexander. 2. Ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico 2022: **Resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- PALS, Daniel L. **Nove Teorias da Religião**. Trad Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Antropologia).

RIVIR – Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil
(2011-2015) – Resultados Preliminares in Ministério das Mulheres, da
Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; organização
Alexandre Brasil Fonseca, Clara Janse Costa Adad – Brasília: Secretaria
de Direitos Humanos, 2016. 146p.: il color; 30 cm. Disponível em:
<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioRIVIR.pdf>
Acesso em 03 jan.2017.

PROJETO UNIVERSIDADE DE FORMAÇÃO ABERTA À PESSOA IDOSA: DESAFIOS E LIÇÕES

ELISÂNGELA GONÇALVES GUSMÃO

Servidora Técnica-Administrativa em Educação – TAE/UFRPE

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência na gestão administrativa In Loco, para a execução do Curso Educação, Saúde e Cidadania na Velhice, ação que concretiza a existência do Projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa e celebra a parceria entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, e a Fundação Apolônio Salles de Desenvolvimento Educacional com o Fundo Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa da Prefeitura da Cidade do Recife.

O curso teve duração de três semestres acadêmicos, cada semestre composto por dois módulos com quatro disciplinas, totalizando 24 disciplinas por turma, ministradas em dois dias por semana, dentro do período de agosto de 2023 a fevereiro de 2025, resguardando os períodos de recessos institucionais das férias acadêmicas utilizados para planejamento de cada etapa subsequente.

A equipe envolvida ao longo do projeto se configura como competência estratégica da UFRPE na execução de projetos capazes de gerar im-

pactos importantes na sociedade, finalizando a 1ª edição da parceria UFRPE-Prefeitura da Cidade do Recife, parceria que cumpriu com êxito os preceitos integrais presentes no Art. 25 do Estatuto da Pessoa Idosa, bem como aponta caminhos para o fortalecimento contínuo da Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa apoiada pelo Poder Público, assim como preza a Lei nº. 14.423/2022.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A atuação administrativa na execução do Projeto Universidade Aberta à Pessoa Idosa, surge como desafio de participação na gestão acadêmica, de um projeto cuja implantação na Universidade Federal Rural de Pernambuco, foi sonhada, pensada e elaborada pela Professora Doutora Nayana Pinheiro Tavares, auxiliada por uma equipe de servidores docentes e técnicos administrativos em educação, que no campo das ideias e dos ideais traçaram a forma de concretização, por meio do curso de “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice”, que propõe unir o Ensino, a Pesquisa, a Extensão na integração de pessoas com mais de 60 anos, livre da exigência de qualquer nível de formação para que dentro do espaço universitário pudessem acessar conhecimentos técnicos-científicos, compartilhar conhecimentos populares e desenvolverem o sentimento de pertença ao espaço universitário.

Para tanto, em 2021 foi elaborado o plano de trabalho pela equipe de planejamento do projeto, a ser executado no prazo de três semestres. O primeiro plano de trabalho precisou modificar-se em 2023 e 2024 em novas versões condizentes com os cenários apresentados ao longo dos anos. É importante mencionar que o curso iniciou-se no cenário pós-pandêmico da Covid 19, onde boa parte das universidades públicas do país, assim como a Universidade Federal Rural de Pernambuco, buscavam alinhar o calendário acadêmico ao calendário civil.

Desta forma, o início da execução do Projeto Universidade Aberta a Pessoas Idosas, no contexto de divergências temporais entre os semestres acadêmicos e o calendário civil, foi, sem dúvida, o maior

desafio para a gestão administrativa do projeto. Pelo fato dos usos dos recursos humanos e infraestrutura advir da dependência do funcionamento dos cursos de graduação, principal atividade das instituições de ensino superior.

A autoridade do tempo acadêmico sobre a gestão administrativa do projeto, redobrou a responsabilidade dos servidores públicos envolvidos, a fim de criarem condições de convívio saudável entre as imposições temporais, respeitando os princípios da administração pública presentes na Constituição Federal que diz que: “A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)” BRASIL. [Constituição (1988)].

Assim, aliada aos princípios da administração pública brasileira, iniciei a participação para contribuir com a execução administrativa dos itens presentes no planejamento das metas estabelecidas.

Realizações das Metas 01, 02 e 03.

Inscrições de 157 idosos. Para inscrever os candidatos ao projeto, elaboramos um questionário via Google Forms, que foi preenchido por servidores públicos na presença do idoso solicitante. As inscrições ocorreram no período de 24 de julho a 4 de agosto de 2023, simultaneamente no Departamento de Educação Física da UFRPE, no horário das 7h30 às 16h, e na Gerência da Pessoa Idosa da Prefeitura do Recife, no horário das 9h às 16h. Com o preenchimento simultâneo do questionário, pelos dois locais de inscrição, foi necessário a elaboração de planilhas de acompanhamento em tempo real do registro de cada inscrição, uma vez que, ao organizar a distribuição das vagas em turma 01 (60 vagas) no turno da manhã e turmas 02 (60 vagas) no turno da tarde, surge a necessidade do acompanhamento dos registros e a responsabilidade, para que, ao atingir o número de vagas disponíveis de cada turno, fosse solicitada a suspensão das inscrições.

É importante registrar que o número de vagas disponíveis para o projeto foi de 120 vagas, no entanto, após preenchimento das vagas disponíveis

para cada turno, continuamos as inscrições para uma lista de cadastro de reserva por solicitação dos candidatos interessados. O início das aulas do primeiro semestre do curso tem como marco a aula inaugural ocorrida em 08 de agosto de 2023. A preparação administrativa da aula inaugural começa com a solicitação da confecção e montagem das pastas individuais dos alunos e das listas nominais de frequência. Os estudantes e convidados foram recepcionados pela equipe do projeto, auxiliada pelo Cerimonial da UFRPE. Cada estudante, ao ser recepcionado, recebeu uma pasta contendo uma brochura do estatuto do idoso, uma caneta e um bloco para anotações.

O início das aulas nas disciplinas apontou novos desafios administrativos e a necessidade da implantação do Ciclo PDCA – Planejar, Fazer, Verificar e Agir. Iniciando com a elaboração dos diários de classe sem a utilização de um sistema de gestão acadêmica automatizado. Assim, cada disciplina teve seu diário de classe elaborado, impresso e mantido em pastas, disponibilizados para cada professor, no dia e horário de suas disciplinas. Para a execução dos 6 módulos, foram elaborados e impressos 48 (quarenta e oito) diários de classes referentes às turmas 01 e 02.

Os esforços para a condução da gestão acadêmica do curso, no formato de elaboração manual, mantiveram a aplicabilidade para todas as demandas necessárias de um curso livre de longa duração. Como, por exemplo, a confecção das declarações individuais de matrícula e a organização logística para viabilizar o acesso ao restaurante universitário, tendo em vista que cada estudante poderia consumir uma refeição no dia de aula do curso, dentro do período de funcionamento do referido restaurante.

Para garantir o acesso às refeições, foram elaboradas, impressas e distribuídas 7.200 (sete mil e duzentas) fichas personalizadas contendo a logomarca do projeto, a numeração de controle e o local para preenchimento da data de entrega. O controle de distribuição das fichas se deu por meio de lista nominal com o espaço para registro do número entregue ao estudante na data vigente.

A criação de soluções administrativas para viabilizar o andamento acadêmico coexistia com a necessidade de tratamento dos documentos dos recursos humanos envolvidos no período. Recebimento, digitaliza-

ções e repasse de documentos pessoais para cadastro dos colaboradores do projeto, solicitação de atestados fiscais, elaboração de ofícios e termos de referências para emissão de pagamento dos bens de serviço e consumo e dos bolsistas ao final de cada etapa do plano de trabalho.

Também é importante mencionar que o atendimento ao público na gestão acadêmica de cursos é uma ação coexistente a todos os demais processos administrativos que viabilizem a atividade fim. A gestão administrativa nos cursos não trata apenas do atendimento da burocracia, mantém também o contato próximo aos estudantes, ouvindo suas inquietações, dúvidas, expectativas e insatisfações.

Para o atendimento ao público do projeto durante o percurso do curso, a compreensão sociológica de cada contexto precisou ser levada em conta, considerando que cada participante era naquele momento resultado de sua trajetória de vida, cujas ansiedades, medos e visão de mundo, para boa parte deles, influenciavam na projeção que possuíam sobre os espaços universitários e a comunidade acadêmica.

A cada acesso conquistado pelos estudantes, o sentimento de dúvidas sobre pertencer ao espaço acadêmico foi gradativamente substituído pelo sentimento da afirmação de pertença, ao despertarem para uma nova realidade com capacidade de transformar visões de mundo cristalizadas em novas perspectivas de vida para a pessoa idosa. As expectativas foram assumindo novos degraus que a gestão administrativa gerenciou para que coubessem dentro da formatação do projeto e atendessem às expectativas pessoais dos participantes, respeitando a programação formatada no Plano de Trabalho.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

A temporalidade e os recursos de custeio são características presentes na literatura, quando se define o termo projeto: sejam pequenos, grandes, de curta, média ou de longa duração, executados em qualquer tipo de ambiente: público, privado, acadêmico ou empresarial. Para o Project Management Institute – PMI (2017 P.02), “projeto é um esforço

temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado único.” A natureza temporária dos projetos indica que eles têm um início e um término definidos. Já as diretrizes para a qualidade no gerenciamento de projetos presentes na ISO 10.006 abordam que: “Projeto é um processo único, consistindo em um grupo de atividades coordenadas e controladas com datas para início e término, empreendido para alcance de um objetivo conforme requisitos específicos, incluindo limitações de tempo, custo e recursos”. Nesta perspectiva, a execução de projetos se desloca das atividades rotineiras da instituição, as operações ocorrem simultaneamente e necessitam de gerenciamento específico.

E sob essa ótica, é importante ressaltar que: A cultura, estilo, ambiente e estrutura organizacional influenciam a maneira como os projetos são executados. Os projetos também podem ser influenciados pelo grau de maturidade da organização em relação ao gerenciamento de projetos. O gerenciamento de projetos eficaz e eficiente deve ser considerado uma competência estratégica nas organizações. (ENAP 2014, p.11).

Na compreensão que a competência estratégica de uma instituição influencia diretamente na maneira de como cada projeto é executado, entendendo essa competência estratégica como: as habilidades, os conhecimentos e as ferramentas técnicas que a instituição dispõe, é que destacamos a experiência de 112 anos de atuação da Universidade Federal Rural de Pernambuco atuante em 55 cursos de graduação, 58 cursos *Stricto sensu* e diversos projetos de pesquisa e extensão, que a partir do Instituto de Inovação, Pesquisa, Empreendedorismo, Internacionalização e Relações Institucionais – Instituto IPÊ da UFRPE viabilizou a celebração dos acordos e contratos que garantiu a lisura e a institucionalização do curso de “Educação, Saúde e Cidadania na Velhice”, por meio do Núcleo de Relações Institucionais – NURI, que acompanhou e fiscalizou cada etapa executada na gestão dos recursos empregados, pelo Fundo Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa da Prefeitura da Cidade do Recife, sob a responsabilidade da Fundação Apolônio Salles de Desenvolvimento Educacional – FADURPE, destacamos que a influência dos aspectos cultural, ambiental e organizacional dos atores envolvidos na gestão deste projeto moldou o

andamento e determinou os percursos no campo de execução, cabendo à equipe In Loco gerenciar as expectativas e buscar as soluções que melhor se adequasse aos recursos disponíveis para cada cenário apresentado.

Deste modo, na busca de soluções para realizar os processos da rotina, o Ciclo PDCA – P (Plan/Planejamento), D (Do/Execução), C (Check/Verificação) e A (Action/Ação), metodologia usada para o gerenciamento de processos administrativos, fez-se presente diariamente. Vale ressaltar que: “O ciclo PDCA, ciclo de Shewhart ou ciclo de Deming, é um ciclo de gestão organizacional com foco na melhoria contínua” (ENAP 2016,p.05).

É importante ressaltar que a aplicação do Ciclo PDCA nas atividades de execução do projeto se dá de forma orgânica e automática, uma vez que a servidora empenhada na rotina administrativa do projeto atua diretamente em atividades de gestão de coordenação de curso de graduação. A experiência acumulada permitiu o desenvolvimento das atividades de forma eficiente, configurando-se uma competência estratégica da instituição para projetos de parcerias que ofereçam cursos de curta, média ou longa duração para públicos diversos e específicos.

Nesse sentido, a especificidade do público a que o projeto se destina surge como materialização das ações de repasse de recursos do Fundo Municipal da Pessoa Idosa, para desenvolvimento de atividades e prestação de serviço às pessoas com mais de 60 anos. Os recursos deste fundo advêm das multas aplicadas no âmbito municipal, das ações judiciais, de pessoas ou instituições que infringiram os direitos dos idosos. Os valores captados são gerenciados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos da Prefeitura da Cidade do Recife – PE, que financia ações propostas ao referido Fundo Municipal, que sejam de interesse da pessoa idosa (BRASIL, 2015).

A promoção de projetos com capacidade de gerar oportunidades imediatas, de acesso aos espaços acadêmicos, a um grupo etário que representava em 2010, (7,4%) da população do Brasil passando para (10%) da população em 2022, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2023), aponta a configuração de uma demanda que permanecerá à ascender nos próximos anos, fato que nos

faz mensurar a importância da valorização de políticas de investimentos para a criação de projetos voltados à pessoa idosa, que ampliem as oportunidades de ingressos à espaços historicamente e culturalmente inacessíveis a boa parte das pessoas que compõem o grupo etário deste projeto, apontando que, à aplicação dos recursos advindos de ações judiciais em favor do direito da pessoa idosa, tem capacidade de promover direitos e destravar visões de mundo ao apresentar novas perspectivas às pessoas participantes do Projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa da UFRPE.

CONSIDERAÇÕES

Ao final da 1ª. edição do Curso Educação, Saúde e Cidadania na Velhice, é possível mensurar o êxito na execução deste projeto, iniciando pela verificação de que cada um dos partícipes envolvidos cumpriu os compromissos presentes no Plano de Trabalho. E nesse sentido, a equipe da Universidade Aberta à Pessoa Idosa da UFRPE planejou, coordenou, monitorou e materializou as atividades propostas no projeto. Enfrentou os obstáculos apresentados, negociou demandas, manteve diálogos ativos com os partícipes e buscou soluções para garantir a qualidade e a eficiência dos serviços oferecidos pelo projeto.

Decerto que a alta qualificação de toda a equipe envolvida (administrativo, pedagógico, professores e monitores) é uma competência estratégica da instituição para o êxito da proposta, porém, para além da qualificação dos profissionais envolvidos, o compromisso de oferecer o que há de melhor na execução de suas atividades é de fato a razão pela qual podemos afirmar que o projeto finaliza com sucesso.

Sobre as impressões da satisfação do público participante, é possível verificar em suas falas o desejo de não se distanciar da Universidade, a busca de como manter novos vínculos institucionais, o desejo de que possam permanecer participando de outras propostas em novas

parcerias e a defesa firme e apaixonada para o desenvolvimento de novas edições do curso, para que novos participantes tenham a chance de experienciar as mesmas oportunidades vivenciadas.

Na visão administrativa sobre a execução do projeto, sua viabilidade no campo de execução se deu pelo esforço contínuo da equipe, registrando as ações positivas, as ações a serem corrigidas e as inovações necessárias na oportunidade da execução de uma 2ª edição do projeto. Entendendo esta ação futura, como ativo necessário à continuidade da preservação de direitos, assim como preza o Estatuto da Pessoa Idosa (BRASIL, 2022), ao afirmar que: “As instituições de educação superior ofertarão às pessoas idosas, [...] cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais.” [...] e o Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas”. Na certeza de que toda a sociedade continuará prezando pelo direito de envelhecer com dignidade, defendendo os direitos de todos nós que almejamos cumprir com o ciclo natural da vida.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – (ABNT, 2003). **Gestão da qualidade** – Diretrizes para a qualidade no gerenciamento de Projetos: Referências. Rio de Janeiro, p. 2. 2003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 2 nov 2024.

_____. [Lei no 10.741, de 1º de Outubro de 2003]. **Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências**. (Redação dada pela Lei no 14.423, de 2022) Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 31 dez 2024.

_____. Secretaria de Comunicação Social. Políticas Públicas. **Censo:** número de idosos no Brasil cresceu 57,4% em 12 anos. Disponível em: <<https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/censo-2022-numero-de-idosos-na-populacao-do-pais-cresceu-57-4-em-12-anos>> Acesso em: 31 dez 2024.

_____. Câmara Municipal do Recife. **Vereadores discutem o Fundo Municipal da Pessoa Idosa.** Recife-PE. 2015. Disponível em: <<https://www.recife.pe.leg.br/comunicacao/noticias/vereadores-discutem-fundo-municipal-da-pessoa-idosa#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20proposta%2C%20o%20Fundo%20tem,e%20a%20C3%A7%C3%B5es%20voltados%20%C3%A0%20pessoa%20idosa%20no%20Recife.>> Acesso em: 31 dez 2024.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA – ENAP. **Introdução à Gestão de Projetos.** Brasília, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/5320>>. Acesso em: 24 dez 2024.

_____. **Ferramentas para Gestão de Processos.** Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/jspui/bitstream/1/2900/1/M%c3%bdulo_4_-_Ferramentas_para_Gest%c3%a3o_de_Processos%201.pdf>. Acesso em: 24 dez 2024. ISO 10.006.

PMI. **Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos – Guia PMBOK 6ª Edição.**EUA: Project Management Institute, 2017.

EDUCAÇÃO E CONEXÃO: BENEFÍCIOS DO PROJETO UNIVERSIDADE DE FORMAÇÃO ABERTA NA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS 60+

CARLA GABRIELI MARIA DO NASCIMENTO

GLEICE KELLY FERREIRA DA SILVA

MILENA VIDAL DE FREITAS

SARAH BEZERRA SIQUEIRA

Monitoras do Projeto

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência feito a partir da imersão das autoras como monitoras do projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa, sediado no Departamento de Educação Física na Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE). O projeto foi promovido pelo Núcleo Envelhecimento, Velhice e Idosos (NEVI) em parceria com o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa do Recife (COMDIR) e a Prefeitura do Recife.

Dentro do projeto, foram ofertadas mais de vinte disciplinas, elas abordaram diversos conhecimentos relevantes à terceira idade, desde questões legais até o cultivo de hortas, passando por reflexões sobre famí-

lia, religiosidade, sexualidades, tecnologia e saúde. As disciplinas foram mediadas por docentes da UFRPE e por parceiros da prefeitura.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As aulas do programa aconteceram no Departamento de Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, localizado no bairro de Dois Irmãos, na cidade do Recife. Sempre ocorrendo às terças e quintas-feiras em dois turnos, manhã e tarde, durante o período de agosto de 2023 a dezembro de 2024. As aulas foram realizadas em uma sala de aula equipada com recursos pedagógicos, como um quadro branco e um projetor, muito utilizados pelos professores nas aulas teóricas para a demonstração de exemplos, exibição de vídeos, sugestão de atividades, e mais. Dentre as várias disciplinas oferecidas, enfatizamos nossas observações sobre seis delas, organizadas conforme a cronologia das vivências:

1. Noções básicas de farmacologia e manuseio de medicamentos;
2. Família, intencionalidade e atualidades;
3. Língua portuguesa, leitura e produção de texto;
4. Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento;
5. Exercício físico e envelhecimento;
6. Seminário de construção de memorial.

Todas as disciplinas ofertadas apresentaram conteúdos e didáticas que contribuíram significativamente em nossas formações como estudantes de licenciatura, no entanto, algumas tiveram o destaque das autoras por envolver aspectos inerentes ao campo de estudos das licenciandas e ao envelhecimento saudável e digno dos participantes do projeto.

Módulo II – Noções básicas de farmacologia e manuseio de medicamentos.

No decurso das aulas de Noções de Farmacologia e Manuseio de Medicamentos, foram ministradas aulas sobre administração de medicamentos, respeito a todas as dosagens de administração, como fazer o uso de fármacos com segurança e no horário pré-estabelecido pelo profissional de saúde. Saber para que o medicamento é indicado e as vias de administração: oral, ocular ou tópica.

Segundo Secoli, (2010) há uma vulnerabilidade dos idosos que são inerentes ao envelhecimento e aos eventos adversos a medicamentos que é bastante alta, devido à complexidade dos problemas clínicos. A necessidade do uso de múltiplos medicamentos no dia a dia foi bastante abordada em sala de aula e foram bastante discutidas algumas estratégias que podem ajudar a prevenir e minimizar os eventos adversos.

Durante a aula, a professora destacou a importância em relação a “partir” medicamentos, explicando que sua dosagem não pode ser mantida, pois essa prática pode alterar tanto a quantidade do fármaco quanto a estabilidade do composto. Só são permitidos em medicamentos que possuem uma linha reta e profunda no meio da unidade e nunca nos comprimidos não revestidos e gelatinosos.

Também abordou o uso de fitoterápicos, dialogando com a turma sobre quais eles mais utilizam para tratar e cuidar de algumas doenças. A vivência foi uma troca de saberes muito significativa na utilização e na indicação das plantas e suas formas de preparo. Dias de muitos aprendizados, saber noções básicas de farmacologia e manuseio de medicamentos, ajudar a minimizar reações adversas e internações desnecessárias, de modo a assegurar uma melhoria na nossa qualidade de vida. Saber cuidar, uso correto e forma correta muda e impactos na saúde sênil.

Módulo II – Família, intencionalidade e atualidades.

As aulas funcionaram como uma quebra de tabu para alguns alunos,

a maneira pela qual eles tinham a percepção de que a família vinha de um século passado, uma ideia de que a família era constituída unicamente por pai, mãe e filhos.

Comparando suas respectivas famílias com o que estavam aprendendo em sala de aula, muitos alunos perceberam que o tipo de família que formaram com seus pais era do tipo patriarcal, e que traziam memórias não muito boas. “A família da época era a família dominada pelo pai. A palavra do pai, realmente, era a mais importante da família. A mãe ficava mais dentro de casa, o papel da mãe era cuidar da casa e dos filhos.” (Depoimento de estudante do projeto).

Isso mudou quando construíram suas próprias famílias, aprendendo que o homem e a mulher têm direitos iguais, construindo uma família tradicional. Aprenderam sobre os novos arranjos familiares que existem, alguns com facilidade, outros com dificuldades, pois novas descobertas trazem alguns tipos de preconceitos que, felizmente, a professora conseguiu responder às dúvidas e melhorou as percepções de muitos alunos. As aulas foram gratificantes; os alunos aprenderam sobre os diferentes tipos de família que existem e souberam respeitar os diferentes tipos de família que existem.

Módulo II – Língua Portuguesa, leitura e produção de texto.

Além das aulas teóricas sobre a língua, a professora Valéria trouxe para o projeto uma atividade criativa que foi muito bem recebida entre os estudantes: um sarau no bosque da Universidade. A proposta da prática foi lançada, instigando os alunos a levar um texto, de sua autoria ou não, e recitar em frente aos colegas. A professora também permitiu liberdade criativa para outros tipos de arte serem apresentados no encontro. O produto disso foram diversas poesias recitadas, repentes, declarações amorosas em prosas, dramatizações de textos autorais, danças, músicas autorais e canções em roda com todos os estudantes.

A vivência foi repleta de alegria e apoio mútuo, onde todos ovacionaram e incentivaram as apresentações dos colegas, criando um ambiente acolhedor e de conexão entre os envolvidos, no qual até mesmo

os estudantes vistos como mais tímidos não deixaram de apresentar suas próprias obras. Além de dar espaço ao espírito criativo dos participantes, a experiência também promoveu um espaço de trocas e fortalecimento de laços de amizade, os quais, segundo Seeman (2000), estão intrinsecamente ligados à promoção da saúde.

Módulo III – Aspectos nutricionais aplicados ao envelhecimento.

As aulas foram repletas de cheiros e sabores, divididas em aulas teóricas e práticas no laboratório do Departamento de Gastronomia da UFRPE. Os idosos do projeto foram ensinados a escolher melhor os alimentos e comer de forma in natura, fazendo vários pratos para adaptarmos ao paladar.

Conforme (BRASIL, 2014), o Guia Alimentar para a População Brasileira do Ministério da Saúde é um instrumento para apoiar e incentivar práticas alimentares saudáveis no âmbito individual e coletivo, a segurança alimentar e nutricional da população e a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional que assegura o direito humano à alimentação adequada e saudável, ou seja, o direito de cada pessoa ter acesso físico e econômico, ininterruptamente, à alimentação adequada e saudável.

Em aula, foi ensinado a ter uma alimentação saudável e reutilizar alimentos de forma saudável, exercitamos a economizar. Na prática, foram respondidas muitas perguntas, como, por exemplo: E caso não haja como comprar um alimento? A resposta seria substituir por outro ou trocar por outro da época que sai mais em conta. Muitas bananas na fruteira?

Um doce saudável seria a solução. “Coma ao menos 5 frutas diferentes por dia”, “Faça um prato colorido nas refeições”, “Escolha tomar suco natural, sem açúcar”. Essas são algumas das frases utilizadas pela professora.

Em aulas práticas, foi mostrado que é possível sim combinar o que temos no dia a dia em pratos sofisticados e com grande valor nutricional, como, por exemplo: ceviche de banana-da-terra, massa de panqueca sem glúten e até sobremesa de panna Cotta de coco com mamão verde em Caldas. Verdadeiras delícias produzidas e degustadas durante a disciplina de nutrição. O que fica é: não é a quantidade de alimentos, é, sim, a

qualidade deles. Saber preparar uma alimentação de qualidade, saborosa e nutricionalmente saudável, não basta muito, poucos nutrientes saudáveis e uma boa imaginação!

Módulo III – Exercício físico e envelhecimento.

Tais aulas foram, para além de exercícios físicos, reflexões sobre as escolhas de hoje, que irão refletir na qualidade de vida do envelhecimento. Acreditamos que alguma vez estávamos incapacitados(as), damos desculpas para não começar, porém, aprendemos que a incapacidade está associada à capacidade que o indivíduo tem de desempenhar atividades normais da vida diária. Portanto, fomos capazes de praticar exercícios físicos, de maneira leve ou moderada, em sala de aula, caminhando e na hidroginástica, por exemplo.

Segundo Pierine, Nicola, Oliveira (2009), há uma diminuição da força muscular que se torna evidente a partir da sexta década de vida. Por isso, aprendemos também que, para além de um acompanhante médico, precisamos de um profissional de educação física para nos ajudar a fortalecer os músculos, isso impacta diretamente na qualidade de vida.

No decorrer do dia, fazemos atividades que parecem exercícios físicos. Sim, perdemos calorias, porém aprendemos que isto não basta! Em sala de aula, foi ensinado que é preciso ter intensidade, frequência e intencionalidade para que seja um exercício físico.

É nítido ver que o exercício físico e o envelhecimento podem andar juntos, isto proporciona autonomia, que influencia no seu bem-estar. Claro, respeitando sempre seus limites e o que é permitido pelo médico.

Módulo III e V – Seminário de construção do Memorial I e II.

A disciplina em questão aconteceu em momentos diferentes do curso, aparecendo pela primeira vez no módulo III e sendo ministrada por diferentes professores: Nayana, Everton e Rosângela. O principal objetivo da mesma foi preparar os estudantes para a escrita de seus memoriais

individuais, desafiando-os a fazer uma busca por suas memórias em diferentes momentos da vida, além de documentar as disciplinas vivenciadas no curso Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa, criando conexões entre os dois. Dentro da cadeira, as autoras também tiveram a oportunidade de ofertar oficinas sobre a escrita acadêmica do memorial: revisando o estilo literário e introduzindo estímulos para o início da escrita dos alunos; expondo o que seria o plágio e as formas corretas de citar uma obra; e, por fim, a escrita reflexiva, mostrando como colocar a opinião dentro do texto e não simplesmente narrá-lo impessoalmente. A linguagem é um processo que possibilita significar e ressignificar [...] gerando um reconhecimento pessoal, social e a valorização da própria história (Souza Filho; Massi, 2011; Massi, 2015).

Sendo assim, a disciplina não apenas permitiu a busca pela memória, mas também contribuiu para o aumento da autoestima dos estudantes em sua realização, onde dentro da escrita os idosos puderam expressar sua identidade e valorizar a própria história.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o último Censo Demográfico do ano de 2022 apontou o crescimento de 57,4% de pessoas com 65 anos ou mais, são cerca de 22,2 milhões de pessoas dessa faixa etária, que consiste em 10,9% da população brasileira. O envelhecimento da população, enquanto fenômeno social e político, tem alterado significativamente o papel da pessoa idosa dentro da sociedade.

A força política desta parcela da população vem conquistando espaço e se tornando visível como fenômeno social relevante no Brasil. O idoso pode, e deve, ser visto enquanto sujeito histórico que pode intervir, através de sua ação, no processo sócio-histórico-político do país. É célebre que a emergência de movimentos sociais de aposentados e pensionistas na metade da década de 80 demonstra a ocupação dos idosos no espaço político. (Figueirêdo, 2015, p. 13).

A participação política da pessoa idosa traz uma série de conquistas

ao longo dos anos, dentre elas o direito de ocupar instituições de ensino. Essa ocupação se dá de várias maneiras, como na Educação Para Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

É inegável a importância da inclusão da pessoa idosa, visto que o acesso à educação, para além da inserção no mercado de trabalho, está entrelaçado na aprendizagem, na autonomia, na garantia de direitos e dignidade.

Entendemos que a negação ou exclusão do idoso do ensino regular num determinado momento de sua trajetória de vida não pode justificar a sonegação do seu direito de ler o mundo, de conhecer outros de vista e estabelecer novas conexões, pois, a educação como processo contínuo é inerente ao ser humano e a modalidade escolarizada é direito efetivo de todo o cidadão. (Silva e Taam, 2009, p.11).

Entretanto, a inserção dessas pessoas no EJAI tem sido, na prática, complicada e desafiadora. São pessoas que estão ingressando tardiamente no ensino básico, carregando sua bagagem de vivências e, por vezes, limitações. Não se pode querer que indivíduos de 65 anos adquiram conhecimento e codifiquem letras do mesmo modo que um de 4 anos no ensino fundamental I, visto que estão em momentos sociais, políticos e intelectuais diferentes. É necessário, portanto, que a mediação didática docente seja pensada conforme as especificidades.

Por conseguinte, é importante ressaltar o papel da escola e o seu espaço de construção de conhecimento. Além disso, a escola também é de criação e manutenção de afetos, tanto para os estudantes quanto para os professores. A emoção é o que torna a inteligência dinâmica, dirigida, sempre em busca de um equilíbrio melhor; a emoção e a inteligência são os dois lados de uma só moeda. (Pulaski, 1986, p.139) Seguindo esse raciocínio da escola como um lugar de construção de vínculos e aprendizagem, é que a Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa se coloca. Não é um projeto que visa à formação de estudantes no currículo básico exigido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um curso de preparação para o bem viver na terceira idade, que busca além de resultados quantitativos.

Um dos principais objetivos é a estimulação cognitiva, estimulando a resolução de problemas e a memória. O que contribui significativamen-

te para a manutenção das funções cognitivas, visto que os problemas de memória, atenção, linguagem, cálculo, orientação espaço-temporal e coordenação motora estão frequentemente relacionados com o processo de envelhecimento normal do cérebro. (Jacob, 2012, p. 4).

A prática de exercícios cognitivos auxilia na neuroplasticidade, amenizando ou retardando os impactos causados pelo envelhecimento. Auxiliam também no retardamento de doenças neurodegenerativas, já que mantêm o cérebro ativo. Outro ponto de muita relevância no projeto é a socialização, uma vez que a solidão é um problema muito comum no processo de envelhecimento. A criação de um espaço de convivência em comunidade estimula o desenvolvimento de amizades e apoio psicológico.

A socialização é um dos fatores fundamentais para a promoção do bem-estar em idosos, uma vez que relações sociais positivas contribuem para a redução da solidão, a melhora da saúde mental e o fortalecimento da autoestima. (Neri, 2010, p. 85). O aumento da autoestima e confiança está ligado à aprendizagem de novas habilidades e superação de dificuldades, cada conquista leva ao sentimento de contribuição e participação ativa na vida. A aquisição de novas habilidades na velhice promove o sentimento de competência, autonomia e propósito, contribuindo para o bem-estar psicológico e social. (Cachioni e Neri, 2018, p. 45).

O aprendizado auxilia no crescimento pessoal e melhoria de vida, como na disciplina de História das Religiões com a Professora Doutora Rosa Maria de Aquino, que traz uma visão mais plural e diversificada sobre as relações espirituais no Brasil e no mundo. Ensinando, dessa forma, um olhar mais respeitoso acerca das diferenças de credo, ou falta dele.

Colocar essas novas habilidades em prática enriquece o cotidiano e facilita a adaptação em diversos aspectos, como no uso das tecnologias digitais, manuseio de hortas, conhecimentos de farmacologia e culinária. Todas essas áreas citadas foram abordadas ao longo do curso, com aulas práticas e teóricas. É sabido que a aposentadoria é uma conquista, entretanto, pode ser um pouco desmotivante e fazer com que alguns idosos se

sintam sem propósito. Aprender continuamente e fazer parte de uma comunidade oferece uma rotina enriquecedora, proporcionando um sentido de propósito, que contribui para o bem-estar emocional.

A educação de idosos tem possibilidade de avançar e dar efetivas contribuições, desenvolvendo práticas traçadas com finalidade de aguçar o funcionamento intelectual enquanto processo que se concretiza na integração entre os dois conjuntos de capacidades, assentadas na base fisiológica e na base educacional/experiencial (Colella e Rodrigues, 2024,p.1287).

Além da saúde emocional, o projeto também se preocupou com a promoção da saúde física, uma vez que ajuda na mobilidade corporal, na saúde cardiovascular e equilíbrio, o que reduz o risco de quedas – por vezes fatais quando se trata de pessoas idosas – e a movimentação do corpo. Houve muitas atividades relacionadas à saúde física, como jogos de futebol, danças e a disciplina ministrada pela Professora Doutora Nayana Pinheiro, que focava especialmente nesse tema. “A prática regular de atividades físicas promove benefícios significativos na qualidade de vida dos idosos, contribuindo para a manutenção da mobilidade, do equilíbrio e da saúde cardiovascular, além de prevenir quedas e melhorar a autoestima.” (Matsudo, 2001, p. 25).

CONSIDERAÇÕES

Pode-se concluir, a partir do presente trabalho, que o projeto Universidade Aberta à Pessoa Idosa pôde contribuir de maneira significativa para o enriquecimento e desenvolvimento de todos os sujeitos que participaram do projeto. Não apenas no que se refere ao aprendizado pedagógico, mas também na promoção da socialização e na construção de novos laços afetivos. A integração de diferentes áreas do saber, a combinação entre aulas teóricas e práticas e a seleção de conteúdos voltados para a cidadania específica do grupo de pessoas idosas foram elementos de suma importância para o sucesso do projeto.

A iniciativa mostrou-se essencial para assegurar o direito à educação gratuita e de qualidade para as pessoas idosas, além de proporcionar um

espaço seguro de troca de saberes, onde o conhecimento de cada sujeito foi valorizado ao longo de todo o processo. É importante salientar que projetos como o Universidade Aberta à Pessoa Idosa não somente devem ser mantidos, mas ampliados e aprofundados, visto todos os avanços sociopedagógicos alcançados ao longo do projeto. Um projeto que garante que a educação seja gratuita, de qualidade e para todos, em todas as fases da vida, deve, sem sombra de dúvidas, ser continuado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.
- CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. **Educação e desenvolvimento cognitivo na velhice**. Campinas: Papirus, 2018.
- COLELLA, Tânia Lúcia Amorim; RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Educação para pessoa idosa e suas especificidades: uma tessitura em construção**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-069. Disponível em: <link> .
- FIGUEIREDO, Iris Darc Araújo de. **Violência contra a pessoa idosa: revisão de literatura** [manuscrito]. 2015. 50 p. Monografia (Gestão Pública Municipal EAD) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, Campina Grande, 2015. Orientadora: Nilsonete Gonçalves Lucena Ferreira.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico 2022: **Resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 jan. 2025.

JACOB, Luis. **Estimulação cognitiva para idosos**. 1ª. ed. Almeirim: RUTIS, 2012. (Coleção RUTIS, n. 5).

MASSI, Giselle; BERBERIAN, Ana Paula; GUARINELLO, Ana Cristina. et al. Linguagem e envelhecimento: práticas de escrita autobiográfica junto a idosos. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 6, p. 2065-2071, nov. 2015.

MATSUDO, Sandra M. M. Atividade física na terceira idade: um investimento em saúde. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 7, n. 1, p. 25-31, 2001.

NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidimensional e multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2010.

PIERINE, Damiana Tortolero; NICOLA, Marina; OLIVEIRA, Érick Prado. Sarcopenia: Alterações metabólicas e consequências no envelhecimento. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 17, n. 3, p. 96-103, 2009.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget**: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SECOLI, Silvia Regina. Polifarmácia: interações e reações adversas no uso de medicamentos por idosos. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 63, p. 136-140, 2010.

SEEMAN, T. E. Health promoting effects of friends and family on health outcomes in older adults. **American Journal of Health Promotion**, v. 14, n. 6, p. 362-370, 2000.

SILVA, M. C. B.TAAM, R. O idoso e os desafios à sua educação escolar. In: Seminário de Pesquisa do PPE, 2009, Maringá-PR. **Anais...**, Maringá: UEM, 2009. Disponível. <https://www.researchgate.net/publication/352856512_Idosos_na_educacao_de_jovens_e_adultos_no_Municipio_de_Joao_Pessoa_uma_realidade_visivel 10/pdf/2009/51.pdf>. em: Acesso em: 07 Jan. 2025.

SOUZA, Isis Aline Lourenço de; MASSI, Giselle. A saúde fonoaudiológica a partir do discurso do idoso institucionalizado. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 1, p. 300-307, 2015.

SOUZA FILHO, Paulo Penha de; MASSI, Giselle Aparecida de Athayde. A influência da estrutura de um grupo na linguagem escrita de idosos: um estudo de caso. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 16, p. 350-355, 2011.

Formação acadêmica/profissional dos autores

CAPÍTULO 1

ROSANGELA CELY BRANCO LINDOSO – Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco com doutorado sanduíche pela Universidade do Minho em Portugal. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Formada em Educação Física e Técnico em Desportos pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco no curso de Licenciatura em Educação Física. Docente do Mestrado Profissional em Educação Física, PROEF. Coordenadora Pedagógica com atuação no projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa da UFRPE.

CAPÍTULO 2

RAQUEL DE ARAGÃO UCHÔA FERNANDES – Possui graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (2003), mestrado em Extensão Rural pela mesma Universidade (2007) e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012). É professora do Departamento de Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Coordenadora do Programa de Mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da UFRPE. Faz parte da coordenação do Observatório da Família. É pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, do Observatório da Família e do Núcleo de Estudos do Consumo e Economia Familiar – NECEF. Integra o corpo docente da Escola de Conselhos de Pernambuco.

CAPÍTULO 3

VALÉRIA SEVERINA GOMES – Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com pós-doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística de Texto, Linguística Aplicada, Linguística Sócio-histórica e Tradições Discursivas. Professora do Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Coordenadora do Curso de Letras no período de 2023 a 2025, professora do Instituto Menino Miguel (UFRPE) e líder do grupo de pesquisa HISTEL (Historicidade dos Textos e Ensino de Língua).

CAPÍTULO 4

AMANDA DE MORAIS OLIVEIRA SIQUEIRA – Nutricionista, Mestre e Doutora em Nutrição com ênfase em ciência dos alimentos pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Associada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com atuação no Curso de Bacharelado em Gastronomia. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas à área de ciência dos alimentos (desenvolvimento de produtos, biotecnologia com aplicação em alimentos e controle de qualidade) e estudos focados na alimentação e patrimônio cultural relacionados à confeitaria e alimentos pernambucanos.

CAPÍTULO 5

BRUNO SILVA LEITE – Professor de Química e de Tecnologias no Ensino de Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Licenciado em Química e mestre no Ensino de Ciências pela UFRPE e Doutor em Química Computacional pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É docente permanente no programa de pós-graduação em Ensino das Ciências (PPGEC), no Doutorado em Ensino da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) e no Programa de Mestrado Profissional em Química em Rede Nacional (PROFQUI), todos na UFRPE. Coordena os grupos de pesquisas LEUTEQ (Laboratório para Educação Ubíqua e Tec-

nológica no Ensino de Química) e InPraMEC (Investigação de Práticas Metodológicas no Ensino das Ciências) do diretório de grupos do CNPq e é pesquisador colaborador do Núcleo SEMENTE e da Rede Latino-Americana de Pesquisa em Educação Química (RELAPEQ). Em Ensino de Química, atua principalmente nas seguintes temáticas: (1) Tecnologias no Ensino de Química; (2) Metodologias Ativas, Aprendizagem Tecnológica Ativa, Gamificação e Ensino Híbrido; (3) processos e materiais educativos no Ensino de Ciências/Química; (4) Experimentação, divulgação científica e formação de professores.

CAPÍTULO 6

EVERTON WILLIAN DE OLIVEIRA CAVALCANTI – Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, na linha Formação de Professores e Prática Pedagógica. Graduado em Licenciatura em Educação Física (UFRPE). Pesquisador do grupo de pesquisa A EJA em Contexto de Privação de Liberdade (registrado no CNPq). Orientador pedagógico com atuação no projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa da UFRPE. Professor efetivo do Estado de Pernambuco, lotado na Escola Estadual Irmã Dulce, situada na Penitenciária Feminina de Abreu e Lima. Desenvolve pesquisas sobre Educação Gerontológica; Educação de Jovens e Adultos; Educação em ambientes de restrição e privação de liberdade; Crenças, Atitudes e Concepções sobre a Velhice; Formação de Professores; e Saúde da Pessoa Idosa.

CAPÍTULO 7

EDER LIRA DE SOUZA LEÃO – Professor do Departamento de Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco (DC-C-UFRPE); Doutor em Sociologia (PPGS-UFPE); Bacharel em Ciências Econômicas (UFPE); Mestre em Administração e Desenvolvimento Rural (PADR-UFRPE); Diretor do Núcleo de Empreendedorismo e Inovação do Instituto IPÊ da UFRPE (Ago/2023-Abr/2024); Coordenador da Incubatec | NEI – Instituto IPÊ | UFRPE (Fev/2021-Ago/2023); Coordenador do Hub Consumo.

FABIANE ALVES REGINO – Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Aggeu Magalhães – PE. Mestre em Ciências Sociais (UFBA), especialista em Psicologia das Vendas e do Consumo e graduada em Economia Doméstica (UFV). Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no Departamento de Ciências do Consumo, na Área de Produção, Consumo e Tecnologias. Ministra as disciplinas dos campos da saúde e do consumo, quais sejam: Higiene e Saúde Pública I e II; Puericultura; Saúde da Mulher e da Criança; Sociedade de Consumo e Políticas de Saúde; Saúde, Ambiente e Consumo; Trabalho e Produção do Cuidado em Saúde. Atualmente, criou a disciplina optativa Minimalismo, Hábitos de Consumo e Estilo de Vida para o curso de Ciências do Consumo da UFRPE. Faz parte do Comitê de Prevenção ao Coronavírus da UFRPE.

DAYSE AMÂNCIO DOS SANTOS VÉRAS FREITAS – Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (2002), graduação em Bacharelado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (2010), mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2005) e doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). Professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco, atuando principalmente nos seguintes temas: família, direito de família, judiciário, abandono afetivo e gênero.

LÍLIAN TAÍS DE ANDRADE MORAES – Possui graduação em Fisioterapia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Recife (2020). Graduada do curso de Ciências do Consumo da UFRPE.

CAPÍTULO 8

JOANNA LESSA FONTES SILVA – Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Pernambuco (2003), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2009) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2013). Atualmente é professora Associada da Universidade Federal Ru-

ral de Pernambuco na área de Educação Agrícola e Extensão Rural. Integrante do Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC-UFRPE). Tem interesse nos seguintes temas: Educação em Agroecologia, Extensão Rural Agroecológica, Território e Corpo.

CAPÍTULO 9

EMMANUELLE C. CHAVES – Mestrado e doutorado em Psicologia Cognitiva pela UFPE. Professora Adjunta da área de Psicologia do Departamento de Educação da UFRPE. Professora da Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ). Coordenadora adjunta e pesquisadora do NINAPI (Núcleo de Investigação em Neuropsicologia, Afetividade, Aprendizagem e Primeira Infância). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento, atuando, principalmente, nos seguintes temas: primeira infância, abordagens psicogenéticas e sistêmicas sobre o desenvolvimento infantil, desenvolvimento atípico, TEA, educação inclusiva e educação infantil. Possui experiência em Psicologia Escolar, atuando em diferentes níveis de ensino (Educação Infantil, 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio). Na interlocução com a Educação, vem atuando como consultora em Desenvolvimento e Educação na primeira infância, investindo, por exemplo, na formação de profissionais da Educação Infantil. Membro da Rede Pikler Brasil.

CAPÍTULO 10

ROBERTO DE ALBUQUERQUE MELO – Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2004), mestrado em Melhoramento Genético de Plantas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2007), doutorado em Fitotecnia pela Universidade de São Paulo/Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – USP/ESALQ (2010), pós-doutorado em Melhoramento Genético de Plantas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2013). Foi extensionista rural do Instituto Agrônomo de Pernambuco – IPA (2007 – 2008). Professor Adjunto I da UFRPE no Departamento de Agronomia

lecionando a Disciplina de Horticultura Geral a partir de 6 de junho de 2013, Membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE (2014 – 2016); Coordenador de Educação Continuada na Pró-Reitoria de Extensão – CEC/PRAE-UFRPE (2015 – 2020); Coordenador de Gestão de Programas, Projetos e Eventos na CGPPE da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania – CGPPE/PROExC-UFRPE (2020 –)Recebeu o Prêmio ABH 2011 na categoria ‘Medicinais e Aromáticas’ no 51 Congresso Brasileiro de Olericultura – 51°CBO, em Viçosa, MG; Recebeu Homenagem através do Círculo dos Amigos da Vitória, em 2011, Recife, PE; Recebeu Homenagem em reconhecimento pelo apoio e serviços técnicos prestados ao 52°CBO em 2012, Salvador, BA; Recebeu Homenagem especial pelos relevantes serviços prestados em prol do desenvolvimento e progresso da olericultura no 53° CBO em 2014, Palmas, TO; Presidiu o 54CBO, em Recife, PE (2016); Recebeu Homenagem pelos relevantes serviços prestados à Olericultura Brasileira, em 2016, Recife, PE; Professor Homenageado pelos formandos do Curso de Bacharelado em Agronomia, turmas 2014.2, 2015.1, 2015.2 e 2020.2; Professor Paraninfo do Curso de Bacharelado em Agronomia, turma 2015.2; Sócio da Associação Brasileira de Horticultura – ABH desde 2006. Presidente da ABH (Gestão 2018 – 2022).

ERICK VINÍCIUS FELIX DE LIMA SOUSA – Discente do curso de Agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com experiência em projetos de extensão nas áreas de fitotecnia, horticultura terapêutica e manejo de hortaliças. Atuou como estagiário pelo Programa de Atividades de Vivência Multidisciplinar (PAVI), sob orientação do Prof. Dr. Roberto de Albuquerque Melo, e como bolsista do projeto de extensão Horta Social Rural (outubro de 2023 a dezembro de 2024), coordenado pelo mesmo professor e reconhecido pelo Selo ODS. O projeto promove a inclusão social e a terapia ocupacional de pacientes psiquiátricos no Hospital Ulysses Pernambucano por meio do cultivo de hortaliças. Atualmente, é monitor da disciplina Controle de Plantas Invasoras, desenvolvendo atividades como preparo de material didático para aulas práticas e atendimento a alunos.

GIOVANNA MACIEL DOS SANTOS – Discente da graduação em Agronomia – Bacharelado, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Estagiária do programa de Vivência Multidisciplinar (PAVI) de extensão no Departamento de Agronomia (DEPA), no setor de Fitotecnia – horta e ornamentais.

CAPÍTULO 11

ZILMA GOMES LUZ DOS SANTOS – Enfermeira, gestora de Urgência e Emergência em Saúde Pública, Instrutora do Núcleo de Educação Permanente (NEP) do SAMU Metropolitano do Recife, Preceptora do curso de Suporte básico de vida do Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC), Enfermeira gestora da Emergência do Hospital do Servidor do Estado de PE (HSE-PE) e atuante da equipe do isolamento infantil do Hospital Universitário Oswaldo Cruz (HUOC).

CAPÍTULO 12

ROSA MARIA DE AQUINO – Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estágio pós-doutoral em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora Sênior do Departamento de Ciências Sociais (DECISO) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Substituta eventual da Coordenação do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais/UFRPE (2011-2013). Substituta Eventual da Direção do DECISO/UFRPE (2013-2015). Diretora do DECISO/UFRPE (2015-2017). Estágio Sanduíche no Centre de Sociologie des Religions et d'Ethique Sociale (CSRES) / Universidade de Strasbourg (França), durante o Doutorado. Coordena o Grupo de Estudos de Diversidade Religiosa e Intolerância (GEDRI/UFRPE). Representa o Brasil e a América do Sul no Conselho da Société Internationale de Sociologie des Religions/SIRS (2017-2020). Sócia efetiva da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Experiência na área de Antropologia, atuando

principalmente nos seguintes temas: religião, história, relações raciais, diversidade, intolerância religiosa, povos ciganos.

CAPÍTULO 13

ELISANGELA GONÇALVES GUSMÃO – Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Na linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação. Graduada em Bacharelado em Administração; Servidora Técnica-Administrativa em Educação, lotada na Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, em exercício em Coordenação de Curso de Graduação, com formação para atuação em Comissões de Heteroidentificação pela Secretaria de Inclusão, da Universidade Federal de Goiás, e com atuação em bancas de validação de autoidentificação em concursos públicos e Sistema de Seleção Unificada – SISU. Coordenadora Administrativa do Projeto Universidade de Formação Aberta à Pessoa Idosa da UFRPE.

CAPÍTULO 14

CARLA GABRIELI MARIA DO NASCIMENTO – Profissional de multimídia com formação em andamento em Pedagogia, faz parte do programa PET Comunidades Populares – Práticas de Letramento da UFRPE desde 2023.

GLEICE KELLY FERREIRA DA SILVA – Graduanda do curso de Química da UFRPE. Faz parte do programa PET Comunidades Populares – Práticas de Letramento da UFRPE desde 2023.

MILENA VIDAL DE FREITAS – Graduanda do curso de Letras da UFRPE. Faz parte do programa PET Comunidades Populares – Práticas de Letramento da UFRPE desde 2023.

SARAH BEZERRA SIQUEIRA – Estudante do curso de licenciatura plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Membro da Cátedra Manuel Correia de Andrade (CMCA),

também membro do Laboratório de Estudos e Ensino sobre o Recife (RecLab), vinculado ao Departamento de História da UFRPE. Com pesquisa na área de diálogos interdisciplinares das situações de pobreza, desenvolvimento e território.

CONSIDERAÇÕES

Aos (as) nossos (as) professores (as) e demais participantes agradecemos o empenho e envolvimento nessa linda jornada de ensino e aprendizagem que foram os 18 meses de realização do curso “Educação, Saúde e Cidadania na velhice”. Aqui, trouxemos recortes de vivências e experiências pessoais e profissionais que, certamente, com muito compromisso, respeito, ética e entrega, fizeram com que esse curso fosse um marco na história da UFRPE e, sem dúvidas, de transformação na vida de todas as pessoas que participaram, sobretudo, os (as) estudantes. Nos afaga e alegra, saber que pudemos, de forma humanizada e respeitosa, trazer novos sentidos para as carreiras de todos (as) as profissionais envolvidas, para a formação dos (as) estudantes envolvidas, mas, sem sombra de dúvidas, para a vida de todas as pessoas idosas que, com muita força de vontade, persistência e sabedoria de vida, nos ensinaram muito as velhices e sobre envelhecer em meio ao mundo de tantas desigualdades.



Universidade
de **Formação Aberta**
à Pessoa Idosa
UFRPE

COMDIR
Comitê Municipal de Direitos das Pessoas Idosas do Recife

Secretaria de
Direitos Humanos
e Juventuda do Recife



ISBN DIGITAL nº 978-85-7946-534-5



9 788579 465345